

A  
DOcêNCIA  
(QUE) CONTA:  
NARRATIVAS DE  
ISOLAMENTO  
SOCIAL

*Organizadoras*

Luiza Alves  
Juaciara Barrozo  
Adriana Alves



**A DOCÊNCIA (QUE) CONTA:  
NARRATIVAS DE ISOLAMENTO SOCIAL**

## **Autores:**

\* Adriana Alves Fernandes Costa \* Adriana Varani  
\* Aline Abbonizio \* Ana Crélia Penha Dias  
Ana Maria Dantas Soares \* Ana Maria Falcão de Aragão  
\* Bruna Molisani Ferreira Alves  
Bruno Cardoso de Menezes Bahia \* Bruno Matos Vieira  
\* Claudia Barbieri Masseran  
Claudia C. Carvalho de Miranda \* Elian da C. B. Pinheiro  
\* Elisabeth Orofino Lúcio  
Fabricia Vellasquez Paiva \* Francisco Evangelista  
\* Francisco Pereira de Oliveira  
Guillherme Prado \* Inês Ferreira de Souza Bragança  
\* Jéssica do Nascimento Rodrigues  
Juaciara Barrozo Gomes \* Leonor Werneck dos Santos  
\* Ludmila Thomé de Andrade  
Luís Antônio Groppo \* Luiza Alves de Oliveira  
\* Marcio de Albuquerque Vianna  
Marcos Estevão Gomes Pasche \* Nivia Maria Vieira Costa  
\* Norma Cristina Vieira Costa  
\* Rosaura Soligo \* Viviane de Souza Rodrigues

**Luiza Alves de Oliveira  
Juaciara Barrozo Gomes  
Adriana Alves Fernandes Costa  
(Organizadoras)**

**A DOCÊNCIA (QUE) CONTA:  
NARRATIVAS DE ISOLAMENTO SOCIAL**

## Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Luiza Alves de Oliveira; Juaciara Barrozo Gomes; Adriana Alves Fernandes Costa (Organizadoras)**

**A docência (que) conta: narrativas de isolamento social.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 173p.

**ISBN: 978-65-86101-80-5 [Impresso]  
978-65-5869-007-8 [Digital]**

1. Estudos em Educação. 2. Narrativas pedagógicas. 3. Professor em isolamento social. 4. Autores. I. Título.

CDD – 370

---

**Arte da Capa:** Bruno Matos Vieira

**Capa finalizada:** Argila Design Editorial

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

### **Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil)



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 - São Carlos – SP

2020

## **Dedicatória**

*Este livro é dedicado a todos os seres humanos. Todos. Na correnteza das perdas de vidas, nas entranhas da obstinação por esperar dias mais saudáveis. Este livro está para todas as gentes, dado às histórias e memórias. Mas ele também é delicadamente voltado a todos os professores que vivem tamanha intensidade existencial e que, por isso, temporariamente, suas palavras estão em algum lugar, impossibilitadas de escrita agora. Só agora. Nosso respeito e solidariedade a todos os colegas que manifestaram ou não desejos de narrar, mas foram atravessados por transitórios esvaziamentos de palavras.*



## A HISTÓRIA DESSE LIVRO

A história desse livro se fez em um contexto pandêmico e de grave crise política. Um momento que muitos de nós não cogitávamos viver em nossas histórias de vida. O caos se instaura e vivemos uma distopia que (re)desenha a realidade solitária de uma sociedade egocêntrica, consumista e que se viu ameaçada por vírus letal e altamente contagioso. Para evitar milhares de mortes, precisamos ficar em casa. E, nessa condição, as formas de existências no mundo tiveram de se refazer num movimento de tensão, atenção, amorosidade e esvaziamentos. Parece que as palavras nos faltam, que as narrativas se silenciam diante do desconhecido terror. Mas, não! As narrativas estão em nós, estão encarnadas em nossa composição humana. Como professoras e professores, tecemos muitas histórias. Como mães, pais, filhos, filhas, amigos, amigas, irmãos, irmãs e em tantos outros papéis sociais, reinventamo-nos em nossas relações, nos constituímos de e por histórias. Em tempos de isolamento, elas ainda estão presentes. Impossível não estarem, somos histórias. Então, encontramos-nos através e por elas também.

Assim, o que esse livro nos traz? Traz as reações, atitudes, sentimentos, formas de ser e viver, revelando-nos para o outro e para nós mesmos. Interessa-nos trazer um pouco de cada um enquanto pessoa, enquanto profissional, enquanto sujeito que, através da sua individualidade, denuncia o contexto social. Ao convidarmos nossos colegas professores para escreverem as suas narrativas, tínhamos também a intenção de provocar, nesses sujeitos narradores, a reflexão sobre o sentido do nosso fazer responsivo em tempos de



incertezas. Até mesmo a arte da capa do livro foi criada por um dos professores-autores do presente livro, pois o queríamos tecido e pensado coletivamente.

Por isso, cada autor escreveu genuinamente o seu texto. Ora acenando, muitas vezes, os sentidos mais profundos do pensar sobre esse momento tão intenso, ora denunciando anseios, reflexões, dúvidas e até possibilidades de rupturas de vínculos com as instituições em que lecionam. Encontramos inclusive posicionamentos contrários à expansão desenfreada, precarizada e mercantilizada do ser e fazer docente de modo mais prevacente nesse cenário pandêmico. Contudo, os escritos convergiram em espelhar singularidades, uma vez que não tiveram contato com as narrativas de seus colegas e refletem, desse modo, aglomerados que se interligam por abundantes e quiçá infinitos canais de relações e afastamentos, todos cogitados, ou não, pelos leitores desejosos de histórias. Daí, foi dificultoso pensar em um critério para dispor os textos, já que são tantos os sentidos, gêneros e histórias que contam. A opção foi colocar os autores em ordem alfabética, como memória das classes e das chamadas escolares que convocam nossa presença necessária a dizer de/em nós.

Também foi nosso desejo, contudo, encontrarmos-nos pelas histórias e por meio delas, já que fisicamente não podemos. Lidamos, todos os dias, com inquietantes incertezas e tudo isso nos impeliu chamar colegas que, de alguma maneira, têm a narrativa como fonte de entendimento de produção de vida. Não foi por acaso que o título do livro remete às palavras que contam de Bruna Molisani, cuja pesquisa de doutoramento nos presenteou com a potencialidade de contar, narrar, enumerar, valer à pena. Ela também é autora nessa obra que pretende nomear a tantos de nós.

O livro é um dos nossos registros, uma reação a esse momento. Aqui, estão polifonias, mônadas, estranhamentos, risos, caretas, afetos, cheiros e reinvenções. São as nossas palavras carregadas de tudo que há em nós. Aqui, está inscrito o nosso manifesto amoroso e de desejo por dias mais calorosos de alegrias e igualdade. Nesse lugar, não há espaço para o ódio, uma vez que estamos nós com narrativas que não são apenas nossas, mas de todos que almejam encontros potentes por um mundo mais justo.

Luiza Alves de Oliveira  
Adriana Alves Fernandes Costa  
Juaciara Barrozo Gomes

22 de abril de 2020.



## Sumário

<b>Prefácio</b>	15
Conceição Leal da Costa	
<b>Na presença da barbárie</b>	23
Adriana Alves Fernandes Costa	
<b>O tempo, o vírus e o amalgama</b>	27
Adriana Varani	
<b>Apenas nós e mais um monte de gente: cotidiano docente na pandemia</b>	31
Aline Abbonizio	
<b>Carta ao Paulo</b>	39
Ana Creliá Penha Dias	
<b>Dá pra desligar esse canal?</b>	45
Ana Maria Dantas Soares	
<b>Existe vida inteligente no período de isolamento social em tempos de pandemia</b>	51
Ana Maria Falcão de Aragão	
<b>Ser mulher, mãe e professora na pandemia: (re)encontros com e através da palavra</b>	57
Bruna Molisani Ferreira Alves	
<b>Dia de visita</b>	63
Bruno Cardoso de Menezes Bahia	
<b>Um pai em tempos de pandemia</b>	67
Bruno Matos Vieira	

<b>Sós por nós</b>	71
Claudia Barbieri Masseran	
<b>Meu quintal é maior que o mundo – reflexões docentes em tempo de isolamento social</b>	77
Claudia C. Carvalho de Miranda	
<b>Rotina</b>	83
Elian da C. B. Pinheiro	
<b>Ver-o-peso das vidas na petrificação da esperança</b>	89
Elizabeth Orofino Lucio	
<b>Entre colos e tempos: da reinvenção em meio ao caos</b>	93
Fabrcia Velladquez Paiva	
<b>O ser eu e o ser outro frente à pandemia da covid 19</b>	97
Francisco Pereira de Oliveira	
<b>Entre o sentir e o pensar</b>	101
Francisco Evangelista	
<b>Está difícil... mas esperar é imperativo!</b>	109
Guilherme Prado	
<b>Vida e docência em tempos impensáveis</b>	115
Inês Ferreira de Souza Bragança	
<b>Nunca desperdicem um só pensamento</b>	119
Jéssica do Nascimento Rodrigues	
<b>Existências</b>	123
Juaciara Barrozo Gomes	

<b>Distopia</b>	127
Leonor Werneck dos Santos	
<b>Cinquentona subgrupo na quarentena</b>	129
Ludmila Thomé de Andrade	
<b>Diálogo com jovens em tempos de isolamento social</b>	137
Luís Antonio Groppo	
<b>Sobre angústias e esperanças que o tempo me dá</b>	143
Luiza Alves de Oliveira	
<b>No calor das “balbúdias” em sala de aula</b>	147
Márcio de Albuquerque Vianna	
<b>Carta</b>	153
Marcos Estevão Gomes Pasche	
<b>Pandemia, a que vieste?</b>	157
Nívia Maria V. Costa	
<b>Ficar em casa: reaprender a viver e a conviver</b>	159
Norma Cristina Vieira	
<b>Carta aos que virão depois de nós</b>	163
Rosaura Soligo	
<b>Pelo regime especial doméstico</b>	169
Viviane de Souza Rodrigues	



## PREFÁCIO

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,  
Diferentes em tudo da esperança;  
Do mal ficam as mágoas na lembrança,  
E do bem, se algum houve, as saudades. (...)  
(Luís Vaz de Camões)

O convite para escrever este prefácio, que tanto me honra e agradeço, fez-me pensar no uso de palavras que possam representar um turbilhão de pensamentos, suspensos em sentimentos e questões sucessivas que, vorazmente, têm assolado vivências quotidianas neste ano de dois mil e vinte. A tarefa recomendou, então, que escrevesse algumas linhas, coerentes com a qualidade e a ousadia das narrativas (de) docentes que em *isolamento social* nos contaram de um passado ainda tão presente.

Ao mesmo tempo, não podia esquecer que vidas, abruptamente descontinuadas e em confinamento, não impediram o florescimento de uma escrita que conta histórias e memórias que um *networking* impeliu e possibilitou concretizar. Consequentemente, ao ler os diversos textos narrativos, percebi que evidenciam como uma rede de contactos, foi um sistema de suporte, onde existiu a partilha de informação entre docentes que, mantendo conexões, sustentaram interesses em comum. Na verdade, apesar das circunstâncias sanitárias anunciarem alterações profundas ao nível planetário,



sobretudo no que respeita a desejos vários de afastar as pessoas e de se condicionarem legalmente os contactos entre os seres humanos com vista a conter os contágios da covid-19, produziu-se esta obra que decorreu de processos de partilha e colaboração.

Estamos, pois, perante um livro motivado por isolamento social forçado que, no entanto, sugere destacar a importância da narração individual, como fonte privilegiada para modos cooperados de construção de saber do singular. Pensar em termos de histórias é, como bem sabemos, uma forma humana de nos (re)ligarmos a sistemas maiores dos quais fazemos parte, neste caso de um contexto de pandemia nunca visto. Entendo, por isso, que as escritas de si que compõem o livro manifestam construções sociais que se mostram mais do que necessidades individuais de partilhar a vida. As narrativas (auto)biográficas terão incentivado a auto-reflexividade dos seus autores, a consciência e a agência na transformação de sistemas locais que habitavam em ambientes sociais. Na contemporaneidade e no que à investigação biográfica diz respeito, esta *docência (que)* conta deixa-nos perceber como a mudança pode começar dentro de nós, ou muito perto de nós.

Como tem vindo a afirmar-se na investigação biográfica, as histórias podem fazer a diferença nas comunidades. Esta iniciativa, de um grupo de docentes universitários, cuja investigação tem privilegiado construções partilhadas entrelaçando com os outros, memórias, vivências e subjetividades, em trabalhos comunicativos com construção de sentidos, resultou neste livro mostrando-se intimamente coerente com a colaboração e a participação que a investigação (auto)biográfica reclama. Ao contrário do que os contextos têm ditado internacionalmente, foi possível que se mantivessem interações, relações complexas e

mutuamente influenciadas, revelando o seu poder na construção de conhecimentos. Cada docente contou a sua vida livremente, o que lhes possibilitou uma compreensão da vida como um todo, recompondo vivências em contexto de pandemia, com exemplos significativos. Acredito que ao escreverem assim, os docentes e autores fomentaram aprendizagens sobre os outros e também sobre si e a quem ler as narrativas aqui inscritas.

Só por si, estas seriam válidas razões para afirmar a pertinência e a importância desta publicação. Contudo, parece tardar esclarecer, mas recorrer à poesia para iniciar a redação deste texto foi, igualmente, eleger uma arte baseada na linguagem o que, a meu ver, também possibilita a expressão de estados da natureza humana circunstanciada, como aceito ser expressivo nos momentos que vivemos. Processos comunicacionais, orais ou escritos, sempre essenciais, como, aliás, vários dos autores ilustram nestas narrativas. Escolhi palavras de Camões, porque o poeta muito bem representa o lugar de onde falo, Portugal. Simultaneamente, o poema escrito há vários séculos, alude com recorrência à passagem do tempo e à imponderável imprevisibilidade da mudança e, em Portugal como no Brasil ou no mundo inteiro, a entrada neste ano de dois mil vinte trouxe a surpresa da existência de um novo coronavírus, novidades várias em consonância com uma pandemia da doença Covid-19 que se instalou profundamente, de forma rápida e de retrocesso muito difícil.

Continuando no tom do poema, o mundo mostrou-se composto de mudanças incontornáveis. Alteraram-se as vontades, os sentimentos e a confiança. Acumularam-se incertezas, receios e talvez tenha acontecido uma mudança de paradigma no que ao valor das interações sociais diz respeito. A expressão *distanciamento social*, que nunca apreciei, chegou da OMS carregada de significado. Parece-

me ter sido rapidamente assimilada ao nível do léxico em todo o mundo, impeliu vivências de isolamento e terá contribuído para muitas memórias de solidão, abandono ou incúria, de gente e de povos. Noutras ocasiões e textos, já tive oportunidades de verbalizar que a expressão supramencionada também trouxe consigo mudanças de comportamentos, pautadas pela obrigatoriedade e, simultaneamente, pela consternação, incompreensão e resistência, ou mesmo por transgressões. Estas últimas, considero-as muito necessárias para desequilíbrios dinâmicos e essenciais em processos e mobilidades humanizantes, com vista a evitar orientações externamente induzidas e/ou uma absoluta digitalização das nossas vidas.

A par de vontades comuns, de libertação de dependências e obrigações, com pensamento crítico e sem perder a noção do valor de relações e interações, a docência, tal como a entendo e a percebo na leitura dos diversos autores deste livro, recomenda ter bem presente que a educação, no seu sentido mais amplo, pode influenciar a evolução dos acontecimentos em todos os espaços/tempos da vida humana. Educação, conhecimento e sociedade relacionam-se e tenho defendido que a ação profissional dos docentes só faz sentido se estiver fortemente impregnada de um compromisso social, ou seja, com as pessoas nos contextos do dia a dia, mas também com a sociedade e a cultura, em termos mais globais. Assim, do que lemos nas narrativas, pode também assumir-se que na universidade se confiou a cada docente um papel exigente, mas fundamental na forma como lidamos com a transformação de estilos de vida, nossa e dos outros, como pensamos e agimos ao enfrentar a complexidade e a incerteza ou como nos desenvolvemos, a nós e aos outros, em busca de formas de acompanhar a

rapidez das modificações contextuais e relacionais nestes tempos de pandemia.

Nas últimas décadas, em diversos estudos e reflexões no campo educacional, encontramos como silêncios e invisibilidades podem ser fonte de aprendizagens, valorizando uma ecologia dos saberes e também, mais amplamente, as aprendizagens e o desenvolvimento, pessoais e profissionais, derivados do viver e(m) interação. Acrescem afirmações de que as narrativas biográficas, escritas ou orais, como produção de conhecimento de si, promovem aproximações entre investigação, docência, desenvolvimento das pessoas e das instituições. Portanto, pareceu-me igualmente oportuno convocar neste prefácio as narrativas dos vários autores, tanto quanto a oralidade que tantos abordam como valiosa, para afirmar que a sua escrita, deveras interessante, ilustra muito bem que os professores, profissionais do humano, puderam ser interventores conscientes, criativos e críticos do seu papel social, cuja ação se desenvolveu na interação com outras pessoas, mesmo quando viveram distantes do local de trabalho, dos estudantes e dos colegas, durante um inusitado período de confinamento obrigatório.

A apropriação de muita informação veiculada, de muitas maneiras e de forma célere, chegando a todos os seres humanos e lugares num período muito curto tem, a meu ver, dificultado a compreensão do que vai acontecendo e de como o que nos acontece se torna experiência, que se acumula e se mobiliza. A mudança drástica e imposta de vidas em *lockdown* tem contemplado imposições e dúvidas, que se vão incorporando, com diferentes contornos, na cultura dos povos e de cada indivíduo. A importância da narração para os professores que se expõem neste livro, colocando em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de identidades no decorrer do confinamento, leva-me a reforçar o valor das

suas narrativas. Acredito que tais palavras, com diversos contornos e em diferentes nuances, se constituíram um meio pelo qual tornaram possível conhecer como estes docentes têm (re)construído trajetórias pessoais e profissionais e, simultaneamente, como valorizaram a própria pessoa, a sua história, a sua visão de mundo, as suas experiências e formas de aprender, em ambientes tão obscuros. Pode ler-se num dos textos o carrilar de tais transformações que uma escrita poética permitiu: “Há poesia/ Em cada canto/ Mesmo no pranto/ De quem, sozinho,/ Ainda espera/ Uma solução. Há poesia/ Em cada dia/ Que deixa a marca/ De que, nessa vida,/ Tantas vezes / É preciso arriscar. Há poesia/ Em cada gesto/ Que toca a alma/ De quem, na luta,/ Mesmo distante/ Faz acreditar.” (Bruna Molisani, p.30).

Preocupações que assim divulgadas, quiçá desocultam abandonos encobertos, vozes de outra maneira sem escuta, manifestações sentidas de visibilidades excessivas e que fazem esconder muitas sombras e anonimatos, porque não há uma história única de uma pandemia que a todos afetou neste século XXI. Eis-nos, pois, no âmago da pertinência e da necessidade deste livro onde as histórias de docentes contam. E contam, não apenas para quem as lê, mas também para quem as escreveu, dando lugar a experiências formadoras que a escrita e o trabalho perspectivado em equipa terão proporcionado, contrariando o isolamento ou o medo. No fundo, encontramos neste projeto agora publicado, os princípios epistemológicos da pesquisa biográfica em educação, contribuindo esta obra para robustecer a sua vitalidade paradigmática.

Antes de concluir, reitero o meu obrigada às organizadoras deste livro que, nestes tempos de grande estranheza, se mobilizaram para tão valiosas reflexões. Aos autores pretendo deixar, para além do agradecimento,

palavras de ânimo e de esperança. As suas vozes tornaram possível uma escuta próxima que todos tanto precisamos. Mas esta necessidade de escuta, de nós e dos outros, percebi-a não apenas com este livro. Tem sido um processo de aprendizagem, a partir de Portugal mas aberto ao mundo, que tem acontecido ao acompanhar de perto e desde há alguns anos, os trabalhos de autores como Gaston Pineau, Christine Delory-Momberger, Maria da Conceição Passeggi, Maria Helena Abrão, Elizeu Clementino de Souza, Martine Lani-Bayle, ou Laura Formenti. Os nomes poderiam ser muitos mais, ficando a desculpa de não ser aqui o lugar bom para uma lista mais ampla. Contudo, anoto que, dos projetos que mantemos em rede, sobressai que se podem abraçar sonhos que alcançam o desenvolvimento e que é o trabalho conjunto, que valoriza todos e cada ser humano, consegue. Assim, realço o papel de associações internacionais como a BIOgraph que tanto tem feito no Brasil e no mundo, da ASIHVIF que se estendeu da Europa à América ou à Ásia, do CIRBE e da ESREA que, sobretudo a partir da Europa, muito têm contribuído para os estudos biograficamente orientados. Tal como revelaram as narrativas dos vários autores, as redes e o trabalho em equipa têm o poder de promover avanços significativos no plano epistemológico e teórico-metodológico da pesquisa educacional, assim como abrir caminhos para reais aproximações entre investigação, formação, intervenção e desenvolvimento.

Espero, por fim, ter conseguido expressar o enorme potencial deste livro, para práticas de pesquisa, de formação e práticas sociais em tempos difíceis, disruptivos para todos os seres que habitamos este mundo que, quero crer, tem sido e desejamos que permaneça como a nossa casa comum, com os nossos contributos vivenciais e experiências. Vontades comuns de libertação e quebra de dependências da ciência e da política que nos governam,

com pensamento crítico e interrogações a partir da existência vivida em isolamento, mas não sozinhos, e com a escrita de narrativas que não dissiparam a noção de interações que se têm revelado fundamentais mesmo quando os contextos nos mantêm fisicamente distantes.

**Conceição Leal da Costa**

13 de agosto de 2020

## NA PRESENÇA DA BARBÁRIE

Adriana Alves Fernandes Costa<sup>1</sup>

É 2020 e o mundo parece não ser mais aquele conhecido de sempre. Falo de um tempo presente de espera. O espaço de vida está racionado, só podemos estar em casa. Ironicamente, o povo - privado de moradia - precisa estar em domicílios.

Muitas imagens me revisitam. Seguro minhas mãos nas de Benjamin. Por que Benjamin? Não sei, talvez porque ele me pareça ser sensível à dor. Leio sua biografia, uma vez, duas vezes. Quando uma doença se apresentava, dizia ele, era momento de aprender. Aprender que doenças têm suas artes de existir, podem ser delicadas e habilidosas antes de chegarem até nós. Quais sinais não interpretamos, apesar dos gritantes anúncios de sua chegada? Quais irrealidades habitavam os nossos corações e mentes quando a barbárie, espetacularizada, fetichizada e atroz nos consumia?

Parece que estamos na presença da barbárie. Ela está aqui, no mundo. Agora. Mas, sempre esteve.

Será que as narrativas morreram e não nos aconselhamos? Quais histórias findam nestes dias e noites?

A imagem que me revisita, insistentemente, é a de professora. De muitas, as professoras. Em casa, convivem com os seus: lavam, passam roupa, cozinham. Em casa, experimentam sentimentos pouco visitados. Em casa, operam outros modos de vida. Em casa, precisam fazer

---

<sup>1</sup> Adriana Alves Fernandes Costa. Doutora em Educação, UNICAMP. Professora na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: profa.adriana@hotmail.com



docência. São arrastadas para canais de comunicação para ensinar com distância. Sim: com distância. A distância as convoca a comprovar aulas que pouco acontecerão, embora possam ser planejadas, visualizadas, registradas e até avaliadas. Como uma aula se faz nesse clima pandêmico? Como os conhecimentos humanos podem ser compreendidos em um contexto de deflagração de nossas próprias mazelas? Todos nós estamos remotos de nós mesmos, há tempos.

Afastados, tão somente outras aulas parecem ser possíveis: nosso currículo problematizará o domínio mortal do capital em nossas vidas? dialogará sobre a histórica indiferença da exploração do outro, sob pretextos de cores de pele, órgãos genitais ou quaisquer outras malícias que nos enganam e assolam? falaremos sobre átomos, fórmulas, fatos e coisas ao abandono do que, essencialmente, nos humaniza? dialogaremos sobre conhecimentos desprovidos de projetos de sociedade?

Afastados, qual casa estará dentro de nós? Nós, professoras e professores, em síntese, trabalhamos com arquiteturas de moradas. Nossos planejamentos, aulas e relações tratam sobre as artes de habitar esse mundo.

Mas, a barbárie, que aqui está, nos paralisou. A barbárie mata. Finda a vida de gentes e histórias. Narraremos a arqueologia das nossas dores e daqueles que se foram?

Firme, com minha mão agarrada à de Benjamin, narro a possível arqueologia que me dói.

Minha relação com o conhecimento é existencial. Escassas possibilidades de vida possuem as mulheres da classe trabalhadora. Pouco pão na mesa. A casa (quando existe) é feia, inacabada, sem conforto e, muitas vezes, não convidativa a lá estar. Utopias golpeadas pela rotina exaustiva da sobrevivência. Quase não há tempo para pensar, pensar sobre qualquer coisa, além do dia de hoje.

São filas eternas, contas a pagar, vizinhos pedindo algum alimento, casa para limpar, ônibus lotado, dinheiro sempre insuficiente e fé para alimentar a continuidade da vida. Assim, infâncias populares femininas se produzem.

A escola pública às vezes acolhe, às vezes afasta. Ela está no mundo, diferente dele não seria. Mas, às vezes, ela salva. Comigo foi assim. E assim ainda é, com a grande maioria das professoras da classe trabalhadora que conheci. Viveram a escola, se fizeram professoras e para lá regressaram para trabalhar. Eu teimei, tive um pouco de sorte e me tornei professora na universidade pública, num momento singular de expansão do ensino superior público no Brasil. Nesses tempos, a histórica desigualdade social, nesse país, vivia um tímido estado de arrego. Foi o que me permitiu ser professora universitária. Foi o que permitiu muitos pobres, pretos, indígenas, e toda gente, não suportada pela elite brasileira, estar na universidade.

Em reação a esse levante, a barbárie tradicionalmente se anunciava: um golpe se fez, o neoliberalismo em forma de doce se apresentava, nossas desgraças explodiram e um sujeito hoje desgoverna o país. Essa tragédia brasileira se associou aos meus amargos desgostos: morte dos pais, da melhor amiga, de tios e tias. Muitos se foram e o mundo tem parecido inabitável no defronte com a barbárie.

Uma colisão improvável, aos meus ingênuos olhos, se produziu: uma pandemia + um desacertado governo. Universidades atacadas. Pobres em situação de convencimento de ocupação de seus determinados lugares sociais. Um cenário de horror. Um cenário de horror porque muitas pessoas estão morrendo sem a devida rede de proteção social que deveria existir para todos os brasileiros.

Agora, estou professora universitária em trabalho remoto, com escassas palavras e pensamentos, com medo de adoecer, temendo por todos que estão em situação vulnerável e que podem, sim, morrer. Daqui a algumas

horas, estarei professora universitária escrevendo artigos, orientando graduandos e mestrandos por chamadas de aplicativos, encaminhando organização de livro, revisando meu planejamento, me encontrando com o grupo de estudos sobre Benjamin. Ensaio rotinas outras de operar a vida: durante a noite, leio Benjamin, assisto séries e limpo a casa, lavo, limpo tudo que é urgente, como fazem as outras professoras que, antagonicamente, vivem esse estado que parece irreal. Na reviravolta dessa “balbúrdia”, olho os noticiários, me alimento mais do que deveria. Desanimo. Brigo um pouco com o marido. Pinto as minhas unhas. Corto o cabelo, fica horrível. Tomo um vinho. Me comunico com outros professores. O computador me aguarda com inúmeras tarefas: cheios de posts com pareceres a redigir, projetos a finalizar. Insisto. Insisto mais do que posso e consigo. Em minutos, serei professora universitária cheia de esperança e força. Ultrapassando as 40 horas de trabalho que me são pagas. Trabalho, horas e horas a fio, todos os dias da semana. Canso. Descanso. Assim vivo face a face com a barbárie.

Mairiporã, 08 de abril de 2020.  
Quando este ano já se esgotou dentro de mim.

## O TEMPO, O VIRUS E O AMÁLGAMA

Adriana Varani<sup>1</sup>

Um turbilhão passa por mim nessas semanas de quarentena devido à pandemia de Covid-19. Turbilhão de questões existenciais em diferentes campos: sobre a minha formação como professora universitária; sobre as condições de trabalho de meus alunos; sobre a condição de meus filhos em casa, em isolamento; sobre o que é externo a minha condição social; sobre a condição dos outros milhões que estão à deriva de qualquer forma de proteção; sobre a condição que não vivo diretamente, mas pela qual sou afetada.

Vou-me percebendo no amálgama da união do desejo de querer a volta da “normalidade” e refletir as mudanças prementes em tempos de pandemia. O que esse tempo tem me feito pensar sobre os diferentes campos onde atuo? Qual normalidade que desejo? Já não me satisfaz a normalidade que vivia até dia 13 de março, data que foi o marco para alteração de minha rotina. Que normalidade pode ser viável após esta pandemia?

Volto para a realidade cotidiana da quarentena: aula *on-line*, trabalhar com os conteúdos, orientar mestrado e doutorado, reunião de departamento, grupo de estudos, realizar a pesquisa, cozinhar, passar, limpar, orientar estudo das crianças... E o amálgama? Tá aqui, dentro de mim...

Vivo (ou vivia?) cotidianamente como máquinas a responder ao controle do tempo sobre mim. Tempo

---

<sup>1</sup> Adriana Varani. Doutora em Educação, UNICAMP. Professora da Faculdade de Educação da UNICAMP. E-mail: avarani@unicamp.br.

compreendido como prospecção e que tem (ou tinha) me levado a descolar do mundo real... e vem um vírus para me fazer dar conta de que há vida além do nosso desejo de controle de nossas vidas, das vidas alheias, além do desejo do consumo, além....

Essa pausa nas diferentes realidades me faz perceber outras potencialidades da vida. Leio que uma pesquisa financiada pela FAPESP descobre que a emissão do poluente atmosférico monóxido de carbono em São Paulo cai 50% em 10 dias de isolamento social. Leio que os picos do Himalaia ficam visíveis para certas cidades da Índia porque o nível de poluição baixou também por lá. Me pergunto: que potencialidade da vida é possível pós pandemia?

...

Tentando me encontrar no turbilhão e racionalizar a complexidade da vida, o que me inquieta e me desloca em demasia são as preocupações do contexto educacional.

Segunda feira, dia 13 de abril, recebo a divulgação de que haveria um debate sobre a educação em tempos de pandemia no Roda Viva, programa da TV Cultura, realizado às segundas-feiras, em que a entrevistada seria Priscila Cruz, presidente do programa Todos Pela Educação. O que me leva a lembrar desta chamada jornalística neste momento é o seu conteúdo. Na divulgação, havia as seguintes perguntas, como mote para atrair o público: *Na entrevista, estarão em pauta diversos assuntos relacionados com a educação em tempos de coronavírus. Este será um ano perdido nas redes públicas, aumentando ainda mais a diferença para as escolas particulares, que estão se mobilizando no ensino on-line? A educação a distância será contabilizada nas horas obrigatórias? Como fica a educação infantil?*

Entre tantas questões, uma delas fica: *Este será um ano perdido nas redes públicas, aumentando ainda mais a*

*diferença para as escolas particulares, que estão se mobilizando no ensino on-line?* Bate em mim uma tristeza em ler essa chamada, como se educação tivesse que ser dividida entre qualidade da escola particular e da escola pública, numa clara acepção que ela não se constitui direito de todos!!!

Sim. O acesso ao conhecimento, historicamente produzido, à cultura, à educação para a formação humana, são direitos. Somos todos, como prescreve a nossa constituição, iguais perante à lei e a lei maior nos dá o direito de ter acesso à educação de qualidade. Por que, então, precisamos nos perguntar se um grupo estará à frente de outro? Tal pergunta parte de uma premissa que interrompe nosso direito. Nós não temos direito garantido. O que a pandemia faz é escancarar essa diferença. Diferenças econômicas, que já nos assolavam em tempos “comuns”, mas não “normais”, e que agora se intensificam e se naturalizam nos discursos. É a normalidade da exceção, como diria Boaventura de Sousa Santos.

...

Tenho vivido dias intensos de reflexão, mesmo não tendo aumentado o meu tempo livre... não temos tempo a perder, como nos canta Renato Russo, mas o vírus tem-me feito refletir mais sobre a situação desigual que vivemos. Estou numa condição, por enquanto, mais tranquila. Casa, trabalho à distância, filhos com encontros escolares à distância, comida, espaço...

Em outro lugar, mas muito perto de mim, são aproximadamente 50 milhões de pessoas que vivem na linha da pobreza. Pessoas que não têm casa, não têm comida, e que muitas vezes comem o que é fruto de doações ou o que conseguem comprar com o dinheiro que têm para o dia. E nada mais. São famílias em situação de vida precária e de (des)humanidade.

Fico a me perguntar, constantemente, como as famílias (entenda-se por toda ordem de organização), com crianças em idade escolar, estão a enfrentar estes tempos sem o momento da alimentação escolar e como consequências desastrosas estão a ocorrer no interior dos espaços em que vivem.

Se tomamos que este é um direito garantido, que já não o é em tempos de “normalidade”, também não o é em tempos de pandemia.

Ouçó Christian Dunker e ele me diz “A soberania agora é pela experiência”. Se a escola pública perderá ou ganhará nessa história, se atendemos ou não à burocracia, são preocupações oriundas do controle, da reflexão de que ainda não caímos em nós, que esse momento requer que pensemos quem realmente é nosso inimigo. Não é um vírus!!!!!!

Nosso inimigo somos nós mesmos. São as formas insustentáveis de ver e viver o mundo em competição.

E eu fico no meu amálgama do querer e pensar num outro mundo possível e responder às demandas diárias que me empurram para a suposta “normalidade”.

## **APENAS NÓS E MAIS UM MONTE DE GENTE: COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA**

Aline Abbonizio<sup>1</sup>

Em um sonho que tive no período de isolamento social por conta da pandemia de Coronavírus, eu chegava à universidade e começava a abraçar as pessoas que encontrava. Não sei se eram estudantes, colegas, mas o instante dos abraços era seguido de um recuo de alerta frente a um comportamento inadequado. Abracei, mas não podia ter abraçado, fui abraçada, mas não podia ter correspondido. A interdição do abraço me lembrou pesadelos que tinha quando decidi parar de fumar. Eu, frequentemente, sonhava que abria a bolsa, pegava 1, 2, 3 cigarros num maço sempre meio escondido, amassado, fumava-os instantaneamente num único trago e, só depois, vinha uma consciência punitiva de que eu já tinha parado de fumar.

E nunca fui uma fumante tão intensa como sou dos abraços.

Fui professora por quatro anos na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e, há dois, transferi-me para a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab, no Ceará.

São essas duas experiências, sobretudo, que se apresentam enquanto tipos possíveis de atuação profissional e formas de exercício do meu ofício docente.

---

<sup>1</sup> Aline C. de Oliveira Abbonizio. Doutora em Educação, USP. Professora do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Unilab – Ceará. E-mail: aline.abbonizio@gmail.com.



Na Rural, universidade centenária, de arquitetura magnífica mesmo quando deteriorada pelo efeito do tempo e da escassez de recursos, atuei como professora da Licenciatura em Educação do Campo. Um curso inovador, voltado para sujeitos que, historicamente, haviam sido impedidos de acessar o ensino superior e que, em grande medida, haviam tido acesso a uma educação básica de baixíssima qualidade. Seu processo de seleção específico buscava favorecer que agricultores familiares, assentados da reforma agrária, quilombolas, indígenas, caiçaras, ciganos, povos de terreiro, militantes de movimentos sociais urbanos, do movimento negro, do movimento feminista, de diversidade sexual, da agroecologia e de diversos outros coletivos políticos do campo e da cidade, pudessem acessar o curso voltado à formação de docentes para escolas do campo, ou seja, escolas que ficam nas zonas rurais.

Quando tais sujeitos ingressavam, o próximo e complicado desafio era garantir condições mínimas de permanência na universidade, desde alojamento, para os que vinham de longe, a alimentação e materiais de estudo. Quanto a isso, para estudar, os estudantes precisavam que os materiais de leitura lhes fossem disponibilizados gratuitamente, pois não tinham recursos para pagar pelas cópias e/ou computadores pessoais. Os equipamentos de informática de uso coletivo oferecidos pela universidade, além de escassos, tinham oferta intermitente.

A Unilab, universidade que é toda um projeto inovador, foi criada com o intuito de formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, CPLP, especialmente os países africanos. Seu corpo discente é formado por cerca de vinte e cinco por cento de estudantes estrangeiros oriundos, principalmente, da Guiné Bissau, Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. Além

deles, é intensa a presença de estudantes domiciliados no Maciço do Baturité, região onde está a sede cearense da universidade e que possui uma extensa área rural. Também é destacada a presença de estudantes indígenas e quilombolas oriundos de comunidades mais ou menos próximas dos campi e com situações diversas de acesso a transporte coletivo e meios de comunicação digital.

Criada há apenas 10 anos, a Unilab, embora apresente excelente posição quanto aos indicadores de qualidade do ensino superior da região Nordeste como um todo, e do Estado do Ceará em particular, ainda é, em grande medida, um projeto a ser implementado. Desde sua vocação de integração internacional com os países de língua portuguesa, que se pretendia muito mais robusto, abrangente e diversificado, como suas condições estruturais e arquitetônicas, apresentam-se ainda como horizonte mais ou menos possível, inviável, inacabado ou abandonado.

No último dia em que estive na universidade, ainda não estávamos alarmados com o avanço da pandemia de Coronavírus no Ceará. Havia poucos dias, vínhamos tentando lidar com a notícia de que uma nova reitoria não eleita acabava de ser empossada, em uma articulação explícita com políticos regionais ligados a setores religiosos. A todos colegas que encontrei dei um abraço apertado, brincando que devíamos nos abraçar porque ainda estava tudo bem e a ameaça do vírus ainda não estava presente. Mal sabia que em pouco tempo seríamos um dos estados com mais contaminados e mortos do país.

O calendário acadêmico foi suspenso após algumas semanas e fomos orientados a seguir com o trabalho remoto. De minha parte, apenas pedi que os estudantes mandassem notícias sobre suas condições de vida e parassem, imediatamente, de buscar escolas de educação

básica para iniciar seus estágios supervisionados. Poucos dias depois, as escolas foram fechadas.

Ao meu pedido de notícias, poucos estudantes responderam e não tardaram as mensagens de pedido de ajuda financeira para um universo de estudantes brasileiros e estrangeiros que vive em habitações superlotadas nos municípios de Redenção e Acarape, muitos deles com seus filhos pequenos. Não há alojamento estudantil.

Eu, em minha casa, com meu companheiro e minha filha de dois anos, que havia começado a frequentar escola fazia poucos meses.

Desde o nascimento dela, meu exercício profissional mudou drasticamente e passou a me acompanhar um sentimento de angústia, que se manifesta sobretudo na comparação do meu desempenho antes e depois da maternidade e na percepção das dificuldades que representa cuidar das crianças sem uma comunidade afetiva de apoio e trocas.

Além da distância dos avós, tios e amizades sólidas, em casa, buscando alguma coerência com nossa orientação política, somos contrários à cultura da contratação de mão-de-obra feminina para resolver os cuidados com a limpeza da casa e do acolhimento infantil. Por conta disso, talvez, não é o tempo gasto com minha filha, com a limpeza da casa e com a preparação de alimentos que mais desestrutura e define este meu período de isolamento social. A intensa vida doméstica já estava impregnada nas nossas rotinas, embora com mais alternativas e flexibilidade e, sempre, com improvisos e atabalhoamentos. Aprendemos a viver assim e, de alguma forma, estávamos sempre precisando rever, afirmar ou mudar nossas posturas.

Da mesma forma, aprendi a ser uma professora que precisa do espaço da sala de aula para interagir, para saber o que deu certo, o que não deu, o que fez sentido, o que se

aprendeu ali, no coletivo, na troca, naquilo que achei que deveria ensinar e no que descobro, depois, que alguém aprendeu, como aprendeu. Quando um estudante se ausenta e me pede que envie uma “atividade” para compensar o que perdeu na aula eu, raramente, sei o que propor, porque, para mim, o instante da aula, dos debates, das perguntas, das opiniões, é irrecuperável. Sugiro uma leitura, peço que não se ausente mais e digo que sentimos sua falta.

Era assim antes de haver uma pandemia.

O debate precoce sobre o retorno das aulas de forma remota soa a mim como um teatro do absurdo e inunda o meu cotidiano de incredulidade, de ansiedade, de mais angústia. De repente, parecia que o prédio da universidade havia desabado e o único problema que nos caberia resolver seria como voltar a transmitir conteúdos estando distante fisicamente uns dos outros. Estudantes não têm computador, basta providenciar. Acesso à internet também será providenciado, até mesmo para aqueles que moram em áreas de difícil acesso e viveram, até então, sem perspectiva alguma de sucesso com *modems*, roteadores, rádios, satélites ou cabeamentos. Enquetes sobre portabilidade ou não de computadores e acesso à rede são respondidas por aqueles que têm acesso. As necessidades dos que não têm são supostas. A hipótese de que seriam eles, os sem-computador e sem-internet, que estariam em situação de extrema vulnerabilidade socioeconômica e que, portanto, mais afetados pela crise sanitária não é sequer aventada. Pelo contrário, a utilização de tecnologias da informação e comunicação são propostas como formas de mitigar os efeitos negativos do isolamento social e da suspensão do semestre.

Penso na minha situação pessoal, que não mudou quase nada e, ao mesmo tempo, virou do avesso. Tem uma criança confinada em minha casa. Uma criança bem

alimentada, numa casa confortável, mas é uma criança que não pode mais sair e que precisa de rotina, da supervisão constante de um adulto, de atividades recreativas propostas por adultos, de pouco ou nada na frente de telas de celular e televisão, comida saudável, família serena, saúde física, saúde mental. E tem minhas colegas sozinhas em casa com suas crianças, com seus pais ou avós idosos, com familiares doentes. Tem meus colegas adoecendo e tem minhas alunas e alunos passando necessidades básicas para garantir a sua sobrevivência, sua alimentação, sua saúde e dos seus filhos, dos seus bebês. E temos que viver nosso luto familiar, nosso luto coletivo.

Mas é preciso justificar nosso salário, pensar nos formandos, concluir as disciplinas, sermos supostamente inovadores, mesmo quando apresentamos como solução os modelos já consolidados e de qualidade discutível do que se convencionou chamar de educação a distância no Brasil, a EaD, com seus ambientes virtuais, vídeo-aulas, *chats*, fóruns de discussão, interações *on-line*, avaliações.

Mas o ponto que me persegue neste momento não é o debate abstrato sobre educação de qualidade, tampouco creditar ou duvidar dos mecanismos de execução da EaD. Até porque, quem a ela procura o faz a partir da existência ou não de outras possibilidades de formação, a partir de seus contextos de vida e, sobretudo, posto que imprescindível, de recursos tecnológicos. Da mesma forma, a oferta desse serviço se dá a partir de planejamentos e legislações específicos.

A questão é que os estudantes com os quais até o momento atuei nos últimos seis anos, no Ceará ou no Rio de Janeiro, não se matricularam em um curso que funciona remotamente e os segmentos sociais aos quais pertencem excluí grande parte deles de iniciativas de educação mediada por recursos tecnológicos, de boa ou má qualidade. Investimentos em torno da ampliação de seu

acesso aos tais recursos soam como alheamento da instituição educacional das condições de vida concretas das pessoas atingidas por seus serviços.

Isso significa que, em um momento como este, a universidade precisa, coletivamente, planejar ações de enfrentamento da crise como um todo, com campanhas de conscientização, auxílios financeiros e emocionais, acolhimentos, produção de conhecimento e de insumos estratégicos. Preocupada demais com o ensino disciplinar, com a produtividade ordinária, ela corre o risco de aprofundar desigualdades já existentes, sobrecarregando as mulheres, invisibilizando as crianças, excluindo os mais pobres e buscando uma hipotética normalidade num momento em que tudo se torna grave, triste e exige elaboração de propostas de enfrentamento do imediato e do que vem depois.

O meu cotidiano de isolamento é repleto de tudo isso, do que fazia e do que não estou conseguindo mais fazer, é impregnado de pessoas reais, que me encham de saudade e que têm necessidades concretas que precisam ser explicitadas e acolhidas, não presumidas ou banalizadas.



## CARTA AO PAULO

Ana Crelia Penha Dias<sup>1</sup>

Rio de Janeiro, 5 de maio de 2020.

Meu caro Paulo Honório,

muitos anos nos separam e talvez afinidade alguma nos una, a não ser a brutalidade de que invariavelmente somos feitos quando saltamos para dentro de uma vida agreste. Internamente, amargando dia a dia o fel que nos cabe, aprendemos a criar caminhos para sobreviver. Por fora, é preciso ceder às regras da boa educação e civilidade.

Ao contrário de você, cresci numa cidade grande, embora na periferia dela, e tive infraestrutura mínima para sobrevivência. Não precisei usar o saco de arroz para transportar materiais à escola, prática rotineira entre muitos meninos e meninas da minha geração, mas também não fui contemplada com mochila: o embornal de tecido aproveitado de pernas de calças recebia botões coloridos, que me faziam quase pensar que tinha enricado.

Fui uma criança bem esquisita. Respondia à solidão da casa dos meus tios com um eloquente e constante diálogo comigo mesma. Categorizava tudo em grupo de oito. Retornava um garfo ou outro objeto qualquer ao devido lugar, por achar que ele estivesse sofrendo longe de sua família. Nunca tive medo de fantasmas, e datam também desta época minhas infrutíferas tentativas de conversar com minha avó morta. A casa oferecia esse espaço a meu

---

<sup>1</sup> Ana Crelia Dias. Doutora em Letras Vernáculas, UFRJ. Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. E-mail: anacrelia@gmail.com.



pensamentozinho de criança, afinal era muito abandono para pouco lugar habitado.

Rumando ao terreiro – assim ainda chamávamos – tinha o meu bosque, que na verdade era um estreito espaço que dividia as duas partes do terreno acidentado. Ali, no meio das árvores, fazia expedições, colhia folhas para fazer comida das bonecas e, principalmente lia, repetidas vezes, o único livro, encontrado no baú do sofá.

A escola sempre foi um lugar em que mais me senti em casa. Quando penso em sua birra com Madalena por causa da educação dos pobres, às vezes tenho raiva de você, confesso, mas logo entendo o tanto que uma estrutura bruta pode fazer endurecer. O colonialismo, de que somos feitos até hoje, tinha garras muito solidificadas em seu tempo, ainda presas às heras da escravidão, e seu sonho era virar o jogo. E você soube jogar muito bem as próprias regras.

Acontece, Paulo, que o desdobramento de outros de você, que também sonharam com o dia em que tomariam as terras alheias como suas, por métodos nada republicanos, levou a um desencontro entre desejo e realização, afinal, nem todos têm a “sorte” de encontrar no caminho um herdeiro derrotado como o Padilha.

Os Paulos frustrados da minha história próxima cresceram aos borbotões: entenderam que não precisavam estudar; trabalhar era a única necessidade. Cresceram com a cultura de que educação é para filho de rico ou mulherzinha. Essa mentalidade veio desde a sua época, foi muito fertilizada pelas mãos opressoras da ditadura e o resultado foi muito útil ao capitalismo agressivo que se instalou no país. Não sou ingênua: você gostaria do resultado.

Há uns três anos, conheci um menino que mora na rua. Devia ter uns 13, 14 anos à época. Um menino esguio, parado na contramão dos pedestres, tentando algum

contato visual para fazer sua abordagem. Um menino negro, cumprindo a sina comum. Eu, professora, vindo do trabalho na rede pública, com a sacola cheia de materiais, arrastando meu filho mais novo, e a pressa de quem precisa chegar em casa para continuar um e outros officios.

O olhar daquele adolescente indagava algo, entre súplica calada, constrangimento e um esboço de sorriso. “Tia, me dá um dinheiro.” Olhei para o lado e vi o menino magro. “Eu pago um lanche para você. Quer?” “Eu prefiro que a senhora compre uma caixa de doces ali pra eu vender. Daí posso comprar comida pra minha mãe também.” Atravessamos a rua em direção à loja, enquanto eu tentava estabelecer com ele alguma comunicação: “Onde você mora?” “Aqui na rua mesmo”. “Mas o que aconteceu pra você vir morar na rua?” “Minha mãe perdeu a casa”. Não tinha ideia do que significava perder a casa naquele contexto e, por isso, não me senti autorizada a perguntar mais.

Compramos duas caixas de chocolate e alguns biscoitos. “Os biscoitos são para você comer, ok?” O menino acenou positivamente com um sorriso morno. “Qual é seu nome?” “Wendell.” Saímos da loja e nos despedimos. “Que tudo dê certo pra você, Wendell.” “Deus te abençoe, tia, e multiplique seus ganhos”. O segurança da loja, entre dentes, falou um “otária”, daquele modo que não é para o destinatário ouvir com clareza, nem para deixar de fazê-lo. O segurança: negro como aquele menino, nesse país que ainda renega sua origem preta.

Ignorei a tentativa de ofensa daquele homem, afinal, como dizia meu avô, se ele falou era porque o pote estava cheio. Disso ele é feito: de violência, discriminação e desejo de desidentificar-se dessa marca que só leva à vala comum. Agora, quanto ao menino, como desceram ásperas as palavras dele, que pedia a esse Deus por mim, e não por si mesmo; esse Deus que parecia me autorizar a ser

privilegiada, a ter casa e, por isso, ser “boa” com os mais pobres.

À noite, depois de uma bruta insônia, dormi. Tive um pesadelo com os mesmos atoleiros e rios cheios, mas não havia lobisomem. Sonhei que você chutava esse menino, você era o segurança da loja, enxotava-o gritando, como fazia aos meninos de Mestre Caetano. Você o ameaçava e eu não conseguia falar: por mais que me esforçasse, não saía som algum de minha boca e nem era possível tirar os pés do chão para ir até a porta da loja. Odiei você naquele momento e desejei que morresse. Por que Madalena e não você? Acordei afrontada pelo esforço inútil do sonho.

No início do ano, depois de tempos sem ver esse menino, eu o encontrei cercado de outros seus iguais, inalando solventes. Fingi que não vi e, quando estava saindo com o carro, ouvi-o gritar: “Tia!” Meu coração ficou aos saltos. O que diria para ele? Como reagir naquele momento? Ao se aproximar, perguntei o que ele fazia na rua. Disse que precisava de dinheiro pra voltar pra casa e eu, olhando os arredores dele, disse que não tinha; e que no dia seguinte levaria outra caixa de doces que prometi, para ele vender.

No fim do dia, veio uma tempestade torrencial. Onde andaria Wendell naquele momento? Como sobreviver, sem casa, sem abrigo, sem alguém que se responsabilize por ele? Que espécie de letargia nos acomete que aceitamos essa realidade como se fosse O REAL?! Por que os direitos dos meus filhos a casa, escola, alimentação, proteção, etc. são privilégios nesse cenário catastróficamente desigual? Procuo notícias de Wendell, mas não tenho ainda. A voz dele, dizendo "vai com Deus, eu te amo, tia!", ecoa e se torna dor física na minha cabeça. Merda de mundo agreste.

Agora, estou aqui, cumprindo isolamento social por conta de uma pandemia, e penso constantemente em você e em Wendell. Você povoa meus pesadelos e alguns poucos

sonhos. Acolho sua dor, entendo verdadeiramente a sinceridade de sua autodeclarada reificação, mas não consigo aceitar. Você teve oportunidade de aprender um pouquinho de solidariedade com Madalena.

Quanto a Wendell, ele é um de nós. Nasceu da mesma falta de jeito para organizar a vida; teríamos brincado juntos das mesmas coisas; frequentaríamos a mesma escola; andaríamos a pé para economizar o dinheiro do ônibus. E o que nos separa? A você e ele, a ingenuidade que a você talvez nem tenha sido permitida; a mim e a você, o olhar para nossa constituição histórico social, que me faz lutar contra as desigualdades; a mim e Wendell, um enorme milagre, que me fez diferente de todas as crianças com quem convivi, a exceção que comprova a regra da exclusão.

Da janela da sala, vejo pessoas nas ruas, algumas sem máscara de proteção no rosto, um sol brilhante de um daqueles dias de outono que parecem uma pintura. A maioria que caminha lá fora sem proteção é homem, feito daquele mesmo material bruto que conhecemos. Não saberia dizer a você se somos melhores do que os de seu tempo, acho que não. Seguimos na mesma pedreira, endurecidos; agora, com a morte de tantos, até sem poesia que nos afague o rosto.

Da sua parte estranha,

A. C.



## DÁ PRA DESLIGAR ESSE CANAL?

Ana Maria Dantas Soares<sup>1</sup>

De repente, algo que parecia tão distante, visto pela TV ou nos jornais, desaba sobre a minha cabeça e me sinto transportada a um cenário de filme de ficção científica, gênero, aliás, que nunca apreciei muito, salvo honrosas exceções (*Star Wars*, *E. T.*, o clássico *Blade Runner*). Talvez minha ressalva por esse gênero cinematográfico se deva a uma sensação de impotência, incômodo e, muitas vezes, até de medo diante de algo difícil de ser controlado ao atravessar por algumas paragens; situações e desafios que parecem fugir ao meu entendimento e me deixam fragilizada, angustiada diante de um futuro, no mínimo, assustador. No entanto, assustador mesmo é nos sentirmos protagonistas reais nesse cenário caótico.

Mal havia iniciado o primeiro semestre letivo, uma aula dada e eis que a avalanche chega até nós. Tudo é suspenso e se inicia o isolamento social, com dúvidas e perguntas para as quais nem eu, nem ninguém, tem respostas concretas. O que será o amanhã? Até quando isso vai? Quando retornaremos à normalidade? E do quê, ou de qual normalidade se fala?

Nesses dias de recolhimento, e lá se vão 53 dias, sinto que estou reaprendendo várias coisas que a correria do cotidiano não me dava tempo para tal. Em tempos pandêmicos, em que nos quedamos em casa para nos

---

<sup>1</sup> Ana Maria Dantas Soares. Doutora em Ciências, em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, UFRRJ. Professora Titular da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: anamdsrural@gmail.com.

proteger e proteger aos demais, sobra tempo para refletirmos mais, as coisas podem ser feitas de forma mais lenta e, com isso, com mais atenção. Há mais momentos de silêncio e introspecção, há mais probabilidades de ouvirmos os barulhos que vêm da natureza.... Para quem tem quintal com árvores, é gratificante ouvir os sons dos diferentes pássaros e seus sobrevoos em busca de alimento. Há os pequeninos, que cotidianamente passeiam na varanda, xeretando os potes de ração das minhas meninas de quatro patas. Mas há alguns com canto forte e porte maior que aguçam nossa curiosidade e nos mostram o quanto a natureza é bela, rica e variada.

Se não sei as respostas a todas as questões relacionadas ao que virá e isso me angustia, por outro lado, consigo perceber em mim mudanças substantivas, embora ainda sutis. Como boa geminiana, assim que começou o isolamento, busquei por várias formas de preencher o tempo, que conseguissem me acalmar e canalizar energias. E lá fui eu me matriculando em várias atividades *on-line*, com um afã de quem quer boias para sobreviver de um naufrágio. Semana Zazen, Semana de Astrologia, Conexão entre mulheres, Mentoria em Saúde Integrativa, além de momentos para *Reiki* e meditação. Tudo isso tem me ajudado a atravessar com mais serenidade essa turbulência e busco fazer as conexões que percebo entre cada um dos novos conhecimentos. E até estou conseguindo realizar alguns exercícios físicos que, embora pequenos, significam muito para uma sedentária como eu.

E o cotidiano em casa, com aprenderes novos e com quanta paciência necessária para lidar horas e horas do dia, todos os dias, com pessoas queridas e suas idiossincrasias. E eles tendo que lidar com as minhas e com outras tantas pequenas manias que agora não passam tão despercebidas quanto passavam em tempos em que o dia era dedicado ao trabalho fora de casa. Certamente, não é fácil. É desafiador

e preciso aprender a ver a Luz e a Sombra que existem em mim e nos demais. Exercício delicado que a astrologia está me ensinando (favor não confundir com horóscopo diário de jornal, pois trata-se de uma ciência que nos permite enxergar melhor quem somos e como podemos melhorar).

Esses quase dois meses de clausura também me reforçaram alguns pensamentos que já vinham matutando em minha mente há algum tempo, sobretudo com relação ao fazer acadêmico, à corrida desenfreada por produtividade, pela glória inenarrável de fazer parte da super elite intelectual do país. Certamente não é isso que quero, não é isso que busco, não é isso que me alimenta a alma e me faz plena. O prazer do encontro com os jovens, as trocas, a descoberta de potenciais, a discussão sobre o fazer educativo com os futuros professores, são estímulos que me levam a ainda persistir e a não pensar na aposentadoria, que me aparece como uma perda de parte significativa do que sou.

Essa clausura também tem proporcionado a mim momentos de reflexão e de reafirmação daquilo que me conforma como ser político social ao assistir inúmeros debates, *lives*, palestras, de pessoas admiráveis, como Boaventura Santos e Aílton Krenak, que traduzem o meu pensar, construído ao longo de uma história de participação no movimento docente, em tantas lutas na defesa da educação pública e gratuita e de uma sociedade justa, fraterna, não apenas como jargão, mas como vivência cotidiana. E reforça a consciência acerca das distorções existentes, uma vez que as fraturas sociais ficam agora mais expostas, com a exclusão de uma parcela considerável da população, que fica impedida de se proteger da ameaça destruidora do vírus pelas próprias condições de vida a que está submetida. E o absurdo maior é a comprovação escancarada de que estamos submetidos a um governo que não tem o menor respeito pela população de seu país. A



cada dia, uma declaração mais estapafúrdia do dirigente máximo da nação, que ri da dor e do sofrimento das vítimas que aumentam a cada dia e de suas famílias. Essas constatações me encham o peito de indignação, raiva e revolta, sobretudo ao ver que ainda há quem o aplauda e compactue com seus atos imorais. Em nome da economia (leia-se, dos empresários), quantos ainda irão morrer?

Mas eu tenho Maria em meu nome e, por isso, como bem falou o Milton, “é preciso ter raça, é preciso ter gana sempre”. E também é preciso ter manha, ter graça, ter sonho sempre, “pois quem traz na pele essa marca, possui a estranha mania de ter Fé na vida”. Eu não quero nunca deixar de sonhar com um outro mundo, com uma educação libertadora e em sempre esperar (e vivas ao mestre Paulo Feire)!

E, nessa fé na vida, fé nos seres humanos (quicá os desumanos ainda tenham oportunidade de se humanizar!!), em meio à enxurrada de indagações, expectativas e respostas não encontradas, nesse cenário devastador em que nos encontramos, é que vejo com clareza o quanto dependemos uns dos outros, o quanto temos que nos despir de vaidades e sentimentos egoístas e, sem deixar de denunciar tudo o que nos assola, buscar reconhecer e agradecer ao que nos acrescenta. Por isso, eu não posso, não devo e não quero esquecer de agradecer, agradecer e agradecer a todas as pessoas que se arriscam diariamente para atender, cuidar, nutrir quem está em situação de adoecimento acometido pelo vírus e quem, como eu, está em isolamento e necessita das atividades exercidas por elas: pessoal da área de saúde, de todos os níveis, agricultores e agricultoras que não param para que possamos ter alimentos, trabalhadores em supermercados, farmácias, limpeza urbana, entregadores, motoristas de ônibus. Enfim, as inúmeras categorias de profissionais, muitas delas invisibilizadas, que demonstram que a

sociedade não para em função do trabalho que continua e que este é muito mais importante do que o capital, que sucumbe sem a força do trabalhador.

E é com essa perspectiva, de que possamos construir uma nova sociedade a partir de tudo o que está ocorrendo, que eu peço: dá para desligar esse canal e deixar surgir um outro mundo possível? É possível acreditar que tudo isso vai passar e que ainda poderemos tentar humanizar a humanidade desumana que o capitalismo desenfreado forjou? Deixo a indagação, fica o desafio, pois isso só vai ocorrer se nós agirmos nessa direção. Não quero voltar à normalidade preexistente, pois de normal ela não tem nada!!!



## EXISTE VIDA INTELIGENTE NO PERÍODO DE ISOLAMENTO SOCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA?

Ana Maria Falcão de Aragão<sup>1</sup>

Era 6ª. feira 13. Naquele dia, o que havia de mais importante para mim era o fato de que faltavam 90 dias para meu casamento. Fui casada por 28 anos e, após uma separação consensual (o que não quer dizer sem dores) nos divorciamos. Há pouco mais de um ano, vivo um amor de maturidade, onde não há jogos ou futricas pequenas (nem grandes) e resolvemos nos casar. Para quê? Porque queremos! Tínhamos preparado e definido muitos detalhes da cerimônia e da celebração que seria feita com poucas pessoas, mas com muito amor, no meio de junho deste ano. Tudo, entretanto, ficou suspenso e interrompido para um dia em que o mundo consiga debelar este vírus que nos virou de ponta cabeça.

Logo na primeira semana de isolamento, após os primeiros cuidados de adiamento da celebração, fui percebendo um sentimento que não conhecia: angústia de morte. Sei que se chama assim porque fui pesquisar o que estava acontecendo comigo psicologicamente. Acordava no meio da noite ora chorando, ora apavorada, por medo de que algo acontecesse com minha família, meus amigos e comigo. Quando acordava, logo dizia: “se eu for para UTI, pede pra me sedar, pois enlouquecerei de ficar lá sozinha”. Claro que não tinha a menor ideia do que significava ficar hospitalizada em estado grave por conta de Covid-19. Ainda

---

<sup>1</sup> Ana Maria Falcão de Aragão. Doutora em Educação, UNICAMP. Professora Titular da Faculdade de Educação da UNICAMP. E-mail: anaragao@unicamp.br.

não sei! Mas vamos acompanhando os números se transformando em nomes, em pessoas queridas... Hoje, a pergunta é: como sairemos disso tudo?

Sou docente universitária desde 1988. Ser professora tem sido para mim um enorme exercício de prazer e de tradução quando busco levar aos meus alunos os elementos com os quais eles possam construir uma percepção que vá além da descrição, mas que envolva análise e, principalmente, atitudes adequadas diante de determinado fenômeno. Acredito que fui extremamente feliz em poder compartilhar com meus estudantes este percurso de prazer e tradução. Entretanto, veio o isolamento social... e, com ele, as incertezas didático-pedagógicas que já havia superado há mais de 30 anos.

No dia 12 de março, a universidade optou por não cancelar as aulas do semestre, mas pela suspensão das aulas presenciais devido a fatores próprios da instituição que podem agravar a proliferação do Coronavírus, tais como a movimentação intensa de pessoas pelo *campus* e a proximidade de alunos, professores e funcionários com os serviços de saúde prestados à comunidade. Em seguida, a Faculdade de Educação decidiu pela não suspensão das atividades, mas pela alteração do que era presencial por encontros remotos com os estudantes. Fiquei em pânico! Sempre fui uma defensora das atividades docentes que ocorrem olho no olho, em que podemos nos emocionar com histórias vividas por nós e pelos alunos. Ao longo desses 32 anos, minha docência tem dado certo, pois desde que era professora da PUCC e, depois, na UNICAMP há 20 anos, tenho sido professora homenageada ou paraninfa de diversas turmas.

Demorei a entender que atividades remotas não eram sinônimo de Educação a Distância, e sofria muito por pensar que a totalidade de meus alunos não teria possibilidade de me acompanhar remotamente, seja

porque não têm equipamentos ou porque não têm rede de internet que lhes favoreça o acesso a conversas e vídeos, mesmo que de forma não síncrona. Mas, para o bem de todos e a felicidade geral, lá fui eu buscar planejar as benditas atividades remotas.

No início, conversei com os alunos pelo portal da UNICAMP, via *Moodle*, e dos 49 alunos matriculados, apenas 18 responderam que teriam acesso à internet. Oi?? Pouco mais de 36 por cento respondeu: e os outros? Por sugestão de uma orientanda de Doutorado, fiz um vídeo de 2 minutos e meio buscando dizer da minha dificuldade nas atividades remotas e buscando seduzir os estudantes para a audiência de um vídeo que eu gravaria. Falar sobre as contribuições da afetividade para a educação é algo muito tranquilo para mim, discuto isso em sala de aula há muitos anos. Entretanto, gravar um vídeo não é a mesma coisa. Fiz ensaios, enviei aos monitores e não gostava nada do resultado. Ao final, gravei um vídeo de meia hora e por mais 5 horas e meia busquei disponibilizar o material na internet para os alunos. Sofri muito! Ao final, busquei tutoriais e ajuda de universitários tecnológicos. Depois de quase 12 horas de tentativa, eles conseguiram “subir” o vídeo. Resultado? Não quero mais fazer nenhuma gravação remotamente, vou trabalhar de forma a sugerir leituras e atividades para que possamos manter nossa interação e decidir depois o que faremos com esse semestre tão excepcional.

Sempre penso em uma docência fundamentada teoricamente, que tem um corpo científico de conhecimentos que deve estar a serviço da população... A docência pode ser considerada um símbolo: do compromisso com a sociedade... símbolo do aumento de pessoas atingidas pela qualidade de nosso trabalho... símbolo do contínuo respeito a valores éticos e morais... símbolo da preocupação constante em buscar formas de transformar a sociedade e criticar a forma como está

organizada num sistema que vem progressivamente aumentando as desigualdades sociais... Esta é a docência que queremos, que buscaremos construir com a ajuda de muito estudo, de muita teoria. Esse é o símbolo que gostaríamos que os alunos tivessem sempre guardado na sua memória, no seu coração: o do compromisso social. Enfim, um símbolo de libertação, de preocupação com um mundo que seja cada vez mais humano, justo e fraterno.

No meio de tudo isso, minha filha e meu genro estiveram com suspeita de Coronavírus, duas sobrinhas médicas estão na linha de frente dos hospitais e nos lembram o tempo todo de quão sério é esse vírus. Meu companheiro é diabético e eu tenho mais de 60 anos: somos do grupo de risco! Trouxemos minha mãe, que mora sozinha, para a casa da minha irmã, distante a apenas 50 metros de mim, para que ela não ficasse tão isolada na quarentena. Temos que dar assistência, manter todos os cuidados dela e da gente. Usar máscaras, álcool em gel, esterilizar roupas e tudo o mais que a loucura desse período nos exige. Aproveitei, nesses tempos de isolamento, para buscar incrementar algumas habilidades que já tinha e outras novas. Há algumas semanas, tenho ido semanalmente fazer as unhas da minha mãe, que tem 87 anos.

A cada vez que chego lá, aproveitamos para botar a vida e o viver em dia, retomar histórias antigas e novas, mas, principalmente, me refestelo em poder ficar bem pertinho dela. Há alguns dias, fiz serviço completo: tingi seu cabelo, ajudei no banho, fiz depilação e fiz suas unhas dos pés e das mãos. Amo cuidar dela assim, pois contribuo com a manutenção de sua vaidade mantida ao longo da vida. Minha vida fica mais leve com essas atividades e eu fico mais apaixonada por ela.

Não, não acredito que minha inteligência está funcionando com sua carga máxima, a 100 por cento. Alguém pode afirmar que sim? Alguém pode negar que afeto e cognição são aspectos inseparáveis e presentes na

realização de quaisquer atividades? Como podemos preparar aulas e atividades remotas, auxiliar os estudantes com suas dificuldades, orientar Teses, Dissertações e Iniciações Científicas, conversar com eles sobre seus dilemas e tensões, dar pareceres em revistas, escrever artigos. Cuidar da casa, da roupa, da alimentação, da cachorra, manter a saúde, o isolamento, o amor, as doideces todas?

Mantivemos o casamento civil e adiamos a festa para um dia quem sabe podermos nos abraçar e nos beijar, alimentando nossos afetos com o corpo e a alma dos amigos e familiares tão queridos...





## SER MULHER, MÃE E PROFESSORA NA PANDEMIA: (RE)ENCONTROS COM E ATRAVÉS DA PALAVRA

Bruna Molisani Ferreira Alves<sup>1</sup>

Recebi o convite para escrever sobre esses tempos de isolamento social devido à pandemia do Coronavírus, como professora universitária. Fiquei pensando, desde então, que a professora não existe sem a mãe separada tendo de dar conta dos afazeres domésticos e de dar atenção a uma quase adolescente e a uma pequena de quatro anos, cheia de energia e desejosa do que mais uma criança quer: parceria nas suas brincadeiras. Também não existe sem a mulher que ama, deseja e está longe do seu amor.

Lidar com as múltiplas facetas de mim talvez seja o grande desafio desse isolamento. Vou me encontrando com sentimentos, desejos, frustrações, imperativos das tarefas cotidianas, traços de personalidade que vão se redesenhando em um processo infinito de autoconhecimento. E que se exacerba no confinamento, na ausência do outro adulto que possa me acolher, me abraçar... Vou vivendo a alteridade de mim mesma e, de modo especial, a alteridade do outro criança, tendo duas delas e em fases tão diferentes da vida.

Ser mãe na pandemia tem me proporcionado encontros ímpares. Na minha experiência pessoal, a rotina de trabalho me roubava consideravelmente da presença das minhas filhas, e, especialmente, da minha presença na vida delas. Muito além das dificuldades do isolamento,

---

<sup>1</sup> Bruna Molisani. Doutora em Educação, UFRJ. Professora Adjunta da Faculdade de Formação de Professores – UERJ. E-mail: bmolisani@gmail.com. Instagram @palavras.que.contam.

tenho vivido a oportunidade de ESTAR COM minhas filhas. Já bati papos maravilhosos com a quase adolescente, em que vamos compartilhando experiências, sentimentos, choramos juntas, rimos juntas... Com toda tranquilidade, serenidade, força que ela tem, vai me ajudando a encontrar um pouco disso também. Tenho percebido como ela amadureceu. Como tem conseguido se deslocar do lugar de quem abre mão de si pelo outro e tem experimentado o lugar de se afirmar, mesmo em situações nada simples ou confortáveis. Eu só estou aprendendo isso agora, aos 40, com muito investimento em terapia e autoconhecimento. Com a pequena, de quatro anos, tenho conseguido estabelecer limites, tão necessários, e me aproximar com a sinceridade das emoções, minhas e dela. Os ataques de choro, os gritos de contestação vêm diminuindo. Estamos, aos poucos, trocando a tela pela leitura de livros, pelo “colo sentada”, pelos carinhos da irmã pra ela dormir.

Não tem sido fácil. Mas sou grata por ter a oportunidade de (re)encontrar minhas filhas, de (re)conhecê-las de forma tão profunda e bonita. Nossas relações não serão as mesmas depois disso tudo. Já não são. Somos três mulheres aprendendo a ser quem somos com a incontornável necessidade de nos conhecermos pela alteridade, pela PRESENÇA do outro em nossas vidas.

Nas primeiras semanas presa em casa, nada do universo acadêmico consegue atrair minha atenção, manter minha concentração. (Re)encontro a escrita. Não a de artigos científicos, relatórios de pesquisa, pareceres... Embora haja alguns desses me esperando, a escrita que me sustenta se aproxima da literária. Escrevo para elaborar angústias, dores, incertezas e também amores, alegrias, esperanças. Abro-me à e na poesia:

Abri a janela  
Pra entrar alegria

Pra florescer o amor  
Pra espalhar esperança  
Janela da casa?  
Janela da alma!

Aqui dentro tem sonho  
Tem desejo  
Tem projeto  
Tem futuro  
Tem vida.

Com o passar dos dias, é na profissão que vou renovando as forças, reencontrando a capacidade de criação através da palavra. Não a escrita, mas a falada. Retomo encontros do grupo de pesquisa, participo de reuniões para discutir a criação de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) na UERJ, crio um espaço virtual em uma rede social para compartilhar textos e vídeos de minha autoria, inicio encontros ao vivo (*live*) na rede social de meu outro espaço de trabalho (não tenho dedicação exclusiva na universidade; me divido entre ela e uma casa de brincar, lugar de viver encontros potentes com educadores, crianças e famílias)... Me reinvento pela palavra, me alimento pelas trocas, pelos diálogos que vão acontecendo por meio das telas. Novos mundos, novas possibilidades se abrem, na profissão, nos encontros familiares, nas amizades, no amor.

Vou também aprendendo a afirmar minha palavra, mesmo quando pareço voz dissonante. É o caso na discussão sobre o AVA. Fui bombardeada. Não pelos colegas, mas pelo assombro de tantos argumentos, dúvidas, questionamentos que, às vezes, não sei ou prefiro fazer de conta não saber. Já fui chamada de ingênua nesse universo. É... talvez um quê de ingenuidade ignorante me salve em alguns momentos. Porque a consciência

questionadora fruto do conhecimento e do pensamento críticos é, por vezes, dilacerante. E em um contexto como esse, de pandemia, isolamento, e um desgoverno desumano, cheguei mesmo a desejar pensar menos...

Diante de tantos desafios, de dias mais fáceis e outros tão difíceis, reafirmo a tese que me fez doutora: as palavras contam! Me faço e refaço entre palavras contadas, minhas e dos outros.

Escolho terminar esse texto com o poema que escrevi lá no início do isolamento, no dia 14 de março, quando ainda não entendia a gravidade da situação. Mas talvez eu já soubesse, ou intuísse, que seria preciso manter a *poiésis*, a poesia, a força criadora para nos reinventarmos, sempre:

Há poesia  
Em cada canto  
Mesmo no pranto  
De quem, sozinho,  
Ainda espera  
Uma solução

Há poesia  
Em cada dia  
Que deixa a marca  
De que, nessa vida,  
Tantas vezes  
É preciso arriscar

Há poesia  
Em cada gesto  
Que toca a alma  
De quem, na luta,  
Mesmo distante  
Faz acreditar

Há poesia  
E ai de quem  
Em qualquer dia  
De teimosia  
Quiser convencer  
Que não.

Porque há poesia!  
E se não houver  
Que cada um  
Do seu jeito  
No seu tempo  
Faça canção.

Há poesia!



## DIA DE VISITA

Bruno Cardoso de Menezes Bahia<sup>1</sup>

E o dia amanheceu. Novamente a terra em seu constante movimento teima em cirandar e nos iluminar novamente de sol. Abro os olhos e ainda estamos dormindo – pesadelo, presságio. Lavo o rosto e com a água rala vão-se estes sonhos noturnos.

Os cômodos e os corredores do apartamento se acastelaram em dimensões vorazes onde andar e correr por entre os vãos nos exaure de tanta inexatidão, pois de onde vêm e para onde vão, os espaços se perdem nos tempos.

O silêncio ensurdecedor de dentro e fora de mim perpassa entre a exatidão da loucura e os pensamentos embotados de porquês. E é neste mergulho infinito que me acho até a cozinha para o café. A mesma louça que servira a alegria dos dias serve agora os restos de sabor. Cada craquelado charmoso da xícara revela um pedaço de um mundo em ruínas. O chá que me queima a glote vem anunciando o calor ardente dos coxos desvalidos nas ruas da cidade. Sozinhos. Abandonados. Como eu. Como você.

O que mata no incompreendido e certo desespero da morte é o abandono sofrido por nós, de nós, assim como a faca antiga separando o mofo do queijo, mesmo sabendo que é ele quem dá o seu sabor. A massa branca-esverdeada quebra-se docemente sobre as torradas lambuzadas de geleia. Ao devorá-las como últimas, porque eram as últimas, senti-me herói, poderoso, com o misto de grãos

---

<sup>1</sup> Bruno Cardoso de Menezes Bahia. Doutor em Educação, UFRJ. Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: brunobahia.ufrj@gmail.com.



que estalavam na boca. Ali eu era todo, partes inexistentes de um rei sem filosofia ou poesia. Experiência de um dia comum, mesmo incomum. Mesmo.

O som da pequena colher tocando a xícara em voltas era a canção matinal que convidava a alvorada. Quando o feixe de luz beijou a tolha, percebi que estava puída e os bordados frouxos. Tantas primaveras alinhavadas no tecido amarelado que de tão comum, já não atraía passarinhos. Aqueles que festejavam se embriagando de néctar dando rompantes melodiosos já não cabiam mais no cotidiano.

A realidade rasgada nas notícias e o caos instaurado me traziam cada vez mais para um universo paralelo, protegido, quase imaculado. Começamos a nos estranhar como humanos, a nos odiar como pessoas, a nos matar como números. Nada resta, apenas fumaça e carvão é coletado pelos párias. Mesmo ajustando os óculos, as letras se misturam. Os conceitos se esvaziam. A linguagem se perde. A comunicação se anula.

Neste dia, exatamente neste dia, sem número ou estação, estava para receber uma visita. Mas não tive vontade de trocar o pijama e aparar a barba. Desculpem-me. Viajei da copa para a sala de estar, mas não parei. Fui até a varanda para respirar. O ar pesado e inerte sem querer tocou meu rosto na sacada. Não senti, não me dei conta. As coisas já não tinham mais sentido certo. Queria ainda a brisa dos dias de praia onde conversava longamente com o mar e trocávamos confidências e desejos. Amor. Levemente senti o gosto do sal nos lábios – mas era somente lembrança. Vazio.

A campanha tocou e a porta se abriu. Já era hora. Ou passara da hora, não faz diferença. Olhamo-nos doloridos de porquê. Por que ele? Por que eu? Por que nós? Bem vestido, gravata larga, e de aparência cansada. Apenas impressão. Era um vulto majestoso e histórico de ar sombrio, sóbrio e pacato. Sentou-se bem perto não

respeitando a distância da bendita quarentena. Enquanto eu o observava em detalhes, ele começou a se alongar em cada uma de suas viagens. Contava com uma vantagem orgulhosa cada feito, sem saber bem ao certo o que praticara. O modo como chegava, como ia de um lado para outro, das vitórias que tinha, de um mundo vencido. Eu não o interrompia e o deixava vantajoso e orgulhoso de si.

Depois de pouco se mostrar, perguntou-me de minhas lembranças, do que eu gostaria de reviver, ou ainda daquelas que nunca vivi. Somos embotados de nostalgia futura.

Lembrei-me do meu gosto simples pelas festas de São João. Os arraiais embandeirados, o xadrez, o quentão e a insistência feliz do fole sanfoneiro. A palha dos chapéus e da pamonha me levavam pro campo onde girassóis se irradiavam. Canções de amor esquecidas na grama e nunca mais cantadas – depois que ele chegou. Ele riu-se e acenou positivamente concordando com o silenciamento das canções.

Acendeu um cigarro, ofereceu-me um trago. O que eu queria e poderia trazer? Dali, já sabíamos, eu e ele, o que estaria por vir; fado. Sem máscaras, tudo ficou claro. Lembrei-me novamente do campo e dos meus sonhos. De toda construção em nuvens levadas por um único sopro. Tantas flores, tantas cores, tantos amores. Nada mais depois de sua chegada. E novamente concordou.

Ofereci-lhe um chá (minha embriaguez da ocasião). Aceitou. Em um único movimento, aqueceu-se e em resposta biológica lançou sobre mim o hálito quente de Hades. Passou-me o passado, meus dias de criança buscando preocupações nas brincadeiras. Olhava sempre o lado bom. De súbito, procurei sem sucesso a sensação de esperança, de brilho, de companhia. Tempo encerrado em si mesmo.

Não o queria ali e não queria estar só. Comecei a esquentar; queimar na frente. Encostei-me preguiçosamente na poltrona respondendo-o que me sentia bem. Que apenas não queria que o fim fosse triste. – É assim. A escolha foi feita. Eu lanço a forma, mas o passo foi dado por você, respondeu-me apagando o cigarro.

Levantou-se e seguiu até a varanda. Olhou para fora avistando um horizonte de prédios e riu-se internamente a ponto de ouvirmos todos. Haveria muito trabalho ainda por vir, mas era o que ele fazia de melhor.

Por trás de mim, segurou-me nos ombros e inspirou lentamente. Tão lentamente que me custou perceber que usurpara todo o ar. Quando o busquei já não estava mais ali. Arrastei-me até a varanda e vi que se acinzentou o dia. Voltei-me para a sala e ele já não estava mais comigo. Estava em mim. Tomando-me e me rasgando parte a parte. Estava espiando os erros que não cometi, mas calado observei, indiferente ignorei, maldosamente desprecepei.

O corredor era longo demais para chegar até o quarto. E ali sentado, lembrei-me da primeira vez que visitei Hamlet, o príncipe da Dinamarca. Cada cena daquela tragédia e seus personagens iam agonizando em meu ouvido como surdos em marcação, lamentos purgantes, fados infernais. Mas nenhuma frase foi tão estrondosa e ensurdecadora quanto à de seu último suspiro – *the rest is silence*.

Sim. É silêncio.

## UM PAI EM TEMPOS DE PANDEMIA

Bruno Matos Vieira<sup>1</sup>

Eu poderia, neste momento, elaborar um texto pensando no olhar do professor e pesquisador universitário e sua produção em tempos de pandemia, ou melhor, poderia fazer uma reflexão trazendo à baila a discussão sobre o papel das universidades federais no combate ao COVID-19. Ambas as opções são importantes e louváveis diante da situação política vivida em nosso país atualmente, porém prefiro algo mais pessoal. Embora eu saiba que para muitos isso soe bem egoísta, gostaria simplesmente de compartilhar com vocês o olhar de um pai diante dessa situação caótica que nos assola.

Há cinco anos, Jaqueline e eu ganhamos de presente do universo uma linda menina de nariz arrebitado, cabelos cacheados, sobrancelhas juntas e canelas grossas, curiosa e vaidosa que só ela. Demos-lhe o nome de Laura Virgínia. Dizem que é a minha cara, e eu, babão, acabo gostando dessa comparação. Contudo, isso não é o mais importante.

Trabalho em Seropédica há pouco mais de oito anos. Semanalmente, saio da cidade onde moro e percorro aproximadamente 100 km para chegar ao meu local de trabalho. Consequentemente, fico boa parte do tempo longe da minha família. Tenho ciência de que essa é uma escolha da qual posso renunciar a qualquer momento, e por não fazer isso, às vezes, sinto-me culpado.

---

<sup>1</sup> Bruno Matos Vieira. Doutor em Ciências (Educação, Gestão e Difusão Científica), UFRJ. Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: bonomatos@gmail.com.

Sem sombra de dúvidas, a maior parte da criação da Laura Virgínia fica sob responsabilidade da minha esposa. Resiliente, esta não reclama e afirma estar tudo bem. Afinal de contas, segundo ela, “é no andar da carruagem que as abóboras se ajeitam”!. Mesmo assim, não me conformo, pois imagino que por detrás dessa fala há a reprodução do machismo estrutural. De longe, tento compensar minha ausência por meio de ligações, vídeo-chamadas e similares. Somente nos fins de semana ou nas férias, consigo assumir meu papel integral nos cuidados com a nossa filha e nas tarefas domésticas, entretanto não é o suficiente. Certa vez, Laura perguntou por que eu não tinha tempo para crianças. Vocês não têm noção de como isso doeu.

Em março deste ano, com o advento da pandemia do Coronavírus no Brasil, a universidade na qual trabalho aderiu ao isolamento social sugerido pela OMS e pelo Ministério da Saúde. Dessa forma, a minha atuação profissional passou a se dar remotamente. Tentando manter uma visão otimista do caos, julguei ser esta uma boa oportunidade para correr atrás do tempo perdido. Na minha realidade ideal, nós três passaríamos tranquilamente pelo isolamento em nossa casa e eu dividiria meu tempo de trabalho com o tempo familiar perfeitamente. Finalmente, Laura teria o pai na versão “exclusiva”. Ledo engano.

Jaqueline, Laura Virgínia e eu, cada qual tem sua subjetividade, nunca havíamos passado por nada parecido com o que vivemos no momento, ou seja, convivermos as vinte e quatro horas de todos os dias da semana em um apartamento, com saídas esporádicas para fazer compras essenciais. Quando os rostos familiares passaram a ser as vítimas do vírus, percebemos a sua gravidade. A partir daí, o medo e ansiedade se instalaram e nossas rotinas têm passado por altos e baixos. Agora, sair de casa é um sofrimento, e a pergunta que não quer calar é: “E se eu contaminar minha família”?

A escola da minha filha está oferecendo aulas *on-line*. Num primeiro momento, julguei ser uma iniciativa positiva. Depois, com calma, percebi que é uma crueldade fazer com que crianças de cinco e seis anos fiquem sentadas em frente a uma tela de computador ou celular para ver a professora se desdobrar para passar determinados conteúdos. Aliás, penso que também seja uma crueldade com a professora. Sei que ela trabalha de forma dedicada, e somos gratos por isso, mas não concordamos com essa lógica. Algumas pessoas ficam preocupadas com os conteúdos perdidos, mas daí eu pergunto: Será que a escola é apenas conteúdo? Como pensar em conteúdos enquanto as pessoas estão morrendo? Desculpem-me pela rudeza das palavras, mas danem-se os conteúdos. Certamente, acima de tudo, o espaço escolar é um local de socialização e de afetos. Nesse sentido, Laura Virgínia fez a seguinte confissão: “papai, estou com saudades de abraçar meus amigos”.

Embora as nossas rotinas sofram, invariavelmente, algum revés durante essa realidade extrema, eu e minha esposa pensamos em estratégias para dar a devida atenção à nossa filha. Isto é, tentamos minimizar os impactos para ela. Por inúmeros motivos, nem sempre conseguimos alcançar os objetivos traçados, mas quando tudo dá certo nos sentimos revigorados. Temos lido livros infantis, contado e vivenciado histórias. Nos revezamos na hora do banho e em outras atividades do dia a dia. Poucos dias antes da Páscoa, Laura Virgínia “trocou” cartas diariamente com o Coelho da Páscoa, e no meu aniversário fizemos um “chá da tarde”, no qual recebemos como convidados os ilustres brinquedos dela. Passamos uma tarde animada conversando sobre o estilo dos sapatos das bonecas, sobre os óculos do *Senhor Batata* e sobre o *Papai Pig*.

Laura Virgínia e sua criatividade vêm nos encantando a cada dia com suas histórias e mundos fantásticos. Tenho aprendido muito sobre as fadas açucaradas, as minhocas,

as abelhas, os unicórnios, as centopeias coloridas, os alimentos bons e os penteados favoritos dela. Cabe salientar aqui que, infelizmente, até hoje, só sei fazer de forma competente um rabo de cavalo.

Tudo isso está sendo fundamental para que eu repense meu papel enquanto pai, marido e até como professor. Oxalá todos os outros pais e responsáveis, dentro de suas possibilidades e idiosincrasias, possam parar um pouco e pensar nas suas relações afetivas. Além disso, desejo que essa pandemia acabe logo e que as famílias atingidas consigam superar a dor. Muito possivelmente, depois dessa pandemia, não seremos mais os mesmos.

Por fim, gostaria de aproveitar as próximas linhas, em tom de desculpas, para deixar recadinho para minha filha.

Laura Virgínia, eu não sei o que é ser mulher, não sinto as dores que você sentirá nem sofro o preconceito que você sofrerá, mas, mesmo assim, preciso lhe deixar alguns conselhos. Seja livre e não se submeta às agruras desse mundo injusto, misógino e machista. Cultive a curiosidade, faça amizade com a criatividade e ande de mãos dadas com o conhecimento. Ame muito e ame quem você quiser. Ah, e com esse lindo narizinho arrebitado encare as dificuldades com coragem, ousadia e perseverança. Não se preocupe, respeitarei suas decisões e, quem sabe um dia, sob a luz do ocaso, a verei FELIZ!

## SÓS POR NÓS

Claudia Barbieri Masseran<sup>1</sup>

Meus olhos acompanhavam atentos os estranhos desenhos que se formavam no teto do quarto. Naquele horário, a luz ainda era pálida e escorregava sorradeira por entre as frestas da janela, projetando-se timidamente na superfície lisa e branca. Eu observava as pequenas formas luminosas correrem pelo teto em constante transformação até desaparecerem no limite oposto do aposento. Tão absorta estava em minha contemplação vazia que o ronco grave de um motor na rua trouxe-me bruscamente à realidade de mais um dia. Há quanto tempo eu já estava acordada? Teria dormido ao menos algumas horas? E enquanto eu penso se é prudente aumentar a dose do remédio, corro as portas da sacada, no 3º andar e observo o movimento da rua. Sim, apesar de todas as recomendações para ficarmos em casa, ainda há movimento na rua. Penso que por um acaso do destino eu poderia ser qualquer uma daquelas pessoas lá embaixo, entendem? Vejam aquele homem, por exemplo, que vem pela calçada. Metido em uma bermuda surrada, com cabelos curtos e barba por fazer, ele avança para o trabalho como se marchasse para o patíbulo, a máscara escura no rosto, os olhos muito abertos, ele segue pensando na sua vida, se perguntando se faz parte do grupo de risco e ele percebe que não é mais jovem, que suas juntas já estão mais rígidas passando uma falsa impressão de dignidade ao

---

<sup>1</sup> Claudia Barbieri Masseran. Doutora em Estudos Literários, FCLAr, UNESP. Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: claudia.masseran@gmail.com.



manter seu corpo ereto, e ao olhar para baixo vê que sua barriga cresceu mantendo a velha regata manchada de tinta repuxada no abdômen, como se algumas mãos invisíveis o puxassem pelas costas, retardando a sua vida. E ele segue assim, desiludido, angustiado, com medo de pegar o vírus e morrer sozinho e pensa que está fodido, pois seu auxílio emergencial não saiu, algum problema qualquer com o seu CPF e ele sente que o problema com aqueles números o fazem se sentir menos que gente e até o cão imundo que vadia na sua rua ganhou um pouco de ração da sua vizinha. E segue seu caminho e nem percebe que seus punhos estão cerrados e pensa que já é tarde e a *van* está mais uma vez atrasada. Ele refaz a soma das suas dívidas na cabeça e nem tenta pensar quantas horas da sua vida já perdeu parado assim no ponto de ônibus. E pensava nisto quando a *van* apontou na esquina e ouvia o homem sentado ao lado do motorista gritar o seu destino e estava mesmo quase entrando no veículo, observando receado quantas pessoas já estavam lá dentro, quando foi derrubado por um jovem que corria de tênis, com fones de ouvido e o celular último modelo preso à braçadeira. E o jovem seguiu correndo, nem parou para ajudá-lo a se levantar e tampouco gritou um pedido de desculpas, porque para ele aquele homem caído nem existia. Ele precisava manter o ritmo da sua corrida, pois não podia perder o condicionamento físico conquistado a duras penas no último ano. Aquela “história” de pandemia tinha fechado a sua academia exclusiva e agora ele era obrigado a correr assim, no calçadão, sem o conforto bem-vindo do ar condicionado. E a música ribombava nos seus ouvidos transbordando pelos fones, impulsionando-o a ir mais depressa, enquanto olhava o seu relógio *smart* e via que ainda precisava correr mais quatro quilômetros. Só esperava que a empregada se lembrasse de comprar o seu *whiskey* antes de ir para a sua casa. Ela era tão estúpida que

ele precisou escrever num pedaço de papel para ela comprar o suplemento. Ainda fazia bastante calor naquela manhã de outono e o suor escorria pelo seu rosto e sua respiração saía em baforadas ruidosas e compassadas. Vindo na sua direção, no sentido contrário, caminhava a passos lentos uma mulher mirrada, de peitos caídos, coque baixo preso à nuca, usando uma máscara de bichinhos infantis e luvas descartáveis, segurando duas sacolas de mercado. Toda a sua figura era ridícula, desproporcionada, e ele ficou com muita raiva só de vê-la. Eram pessoas como ela, histéricas, que acreditavam em qualquer coisa, que estavam acabando com a economia do país. Ele pensava como o capitão e achava um absurdo querer parar o mundo por causa de uma gripezinha qualquer. Ele já ressentia o efeito daquela insanidade coletiva no seu bolso. Seu lucro do último mês tinha se reduzido em alguns milhares de reais e será que essas pessoas não entendiam que o Brasil não podia parar, que os empregos estariam em risco e que seria muito pior depois, do que se lidassem com algumas mortes agora? E então a mulher já estava passando do seu lado e ele teve o gozo de cuspir-lhe a cara, pois se não podia extravasar sua revolta com os outros, ao menos ia descontar nela. A mulher não teve tempo de ter qualquer reação, pois o jovem já ia longe, correndo, e ela só ouvia o som da sua risada debochada e sentia a saliva escorrer no canto do seu olho esquerdo. E agora o pânico e a humilhação a tomavam de assalto, enquanto procurava freneticamente um lenço de papel em sua bolsa e o embebia com álcool gel. Todo o seu corpo tremia, enquanto se limpava e ela só pedia a Deus para não ficar doente. – Por favor, Deus! – Por favor, Deus! Murmurava baixinho, para si mesma, tentando se acalmar. E então saiu daquele estupor ofensivo e seguiu com passos rápidos para casa, as sacolas do mercado balançando desajeitadamente, desesperada para se lavar e esquecer aquela agressão. O

que havia acontecido com a humanidade? E quando passava no quarteirão anterior ao seu, levantou os olhos e viu, em uma das casas, uma mulher à janela, com a testa encostada no vidro, o olhar vago e perdido. Devia ter por volta de trinta anos, mas seu rosto expressava um cansaço tão grande, que parecia estar no limite da vida. Que pensamento estranho era aquele... O que havia acontecido com a humanidade? E a mulher e as suas sacolas sumiram da vista da outra que estava à janela. Tão perto estava do vidro que sua respiração embaçava a superfície lisa e transparente, seu único contato com o exterior. E ela ficava ali imóvel, morbidamente quieta, paralisada pelo horror que sentia. Apertava o celular na mão com muita força, até os nós dos seus dedos perderem a cor e pensava se teria coragem de ligar para o 180. Não sabia muito bem quanto tempo poderia durar aquela ligação e ela tinha muito medo de falar e seu marido a ouvir. Ele dormia no quarto até tarde, mas ainda assim se perguntava como poderia denunciar todas aquelas agressões com ele ali, a poucos metros de distância. A última surra que levava ainda doía bastante e agora que ele não saía de casa, parece que qualquer movimento seu, qualquer expressão do seu rosto eram mal interpretados e logo via o braço erguido diante de si. Ele não se importava em lhe deixar com aqueles hematomas, pois dizia que estava presa ali com ele, para sempre e que ela não iria procurar um hospital, pois estavam todos lotados e ninguém iria lhe dar importância porque eles tinham mais com o que se ocupar, todas aquelas pessoas doentes ao mesmo tempo, morrendo em busca de ar. E ao longo do dia ela só ouvia as recriminações, as ofensas e as exigências cada vez maiores, pois para ele nada do que ela fazia parecia certo ou bom. Só para ele, ou ela já acreditava naquilo também? Do bar da frente veio do nada o som alto daquele samba-canção, o cavaquinho e o violão ressoando pelo seu corpo machucado e de repente

o coração dela se encheu ainda mais de tristeza, pois ela percebeu aflita que já não sabia mais cantar aquela música e antes, quando o riso ainda saía solto e fácil dos seus lábios, ela o cantava. Agora olhava o visor do aparelho, se perguntando se teria coragem de ligar. Sem perceber que chorava ela voltou os olhos para a janela e viu um moço passar com ar exausto pela calçada. Ele era muito bonito, com cabelos cheios e desalinhados e ela pensou como a sua vida poderia ter sido diferente se anos atrás fosse ele sentado ao lado da sua mesa no barzinho, se tivesse sido ele a pegar a sua mão e a lhe prometer o mundo. Ela não podia ver totalmente o seu rosto, por causa da máscara que ele usava, mas se perguntava se seria um homem gentil, se também gostava de bater em mulher e como era incrível não saber isso de uma pessoa só de olhar para ela. Com um suspiro profundo guardou novamente o celular dentro do bolso da calça, enquanto o olhava se afastar. Agora, quando ele passava pela portaria do prédio e ajeitava a mochila nas costas, os passos dele ficaram mais determinados. Pensava que só queria tomar um banho, trocar de roupa e dormir por horas. E ver o bar da frente cheio de homens conversando não melhorava nem um pouco o seu humor. Ele tinha vontade de entrar lá e gritar com todo mundo. E seu desespero para entrar em casa era tão grande que ele subia os degraus de dois em dois, corria escada acima, pois tudo o que precisava era da inconsciência do sono, onde tudo poderia ser esquecido até o toque do despertador. Ele procurou a chave, abriu a porta, deixou os sapatos para fora, limpou os pés no pano com lixívia e foi direto para a lavanderia retirar a máscara do rosto e colocar as roupas que trazia na mochila, na máquina. Sua mãe apareceu na porta, lhe deu um sorriso cansado e preocupado e perguntou:

– Como foi o plantão?

E tudo o que ele conseguiu fazer foi balançar a cabeça de um lado para o outro e ir para o seu quarto, fechando a porta atrás de si. E o que ela mais queria naquele momento era entrar no quarto e dar um beijo naquele rosto bonito marcado pela N95, abraçá-lo como quando era um menino e lhe dizer que tudo ficaria bem. E com as mãos e os braços vazios, sem poder abraçar o seu menino, voltou a passos lentos para a sacada, no 3º andar e observou o movimento da rua. Sim, apesar de todas as recomendações para ficarmos em casa, ainda há movimento na rua.

## MEU QUINTAL É MAIOR QUE O MUNDO - REFLEXÕES DOCENTES EM TEMPO DE ISOLAMENTO SOCIAL

Claudia C. Carvalho de Miranda<sup>1</sup>

São duas horas da madrugada de uma segunda-feira qualquer. Estou lendo um Manual de Jardinagem, buscando entender o ciclo de vida das orquídeas, uma de minhas paixões. O ano, no calendário, é 2020. Um ano que começou intenso, recheado de vivências que renderam boas memórias – férias e viagens. Ah, as viagens... outra paixão! Viajo, até sem sair do lugar, desde criança.

Segue o ano promissor e, após o período de merecido descanso e refazimento – corporal, mental, emocional, espiritual –, é hora de voltar à rotina e ao trabalho. Dedico-me, quase que integralmente, ao exercício da minha docência.

Ser professora pode ser considerado uma das razões da minha existência. Não sei precisar quando essa paixão surgiu em minha vida e orientou minhas escolhas pessoais e profissionais. Acho que foi desde sempre.

Considero a “escola” como um espaço de interação entre atores heterogêneos que desempenham papéis sociais pré-determinados macro socialmente. Gosto da ideia de me saber “influencer” (termo tão contemporâneo) e ter a possibilidade e afetar (verbo e substantivo) a vida de tantos indivíduos, ainda que, no futuro, nunca mais torne a vê-los.

Trabalho muito e em vários lugares. Por mais de três décadas, dediquei-me à base do sistema educacional,

---

<sup>1</sup> Claudia C. Carvalho de Miranda. Doutoranda em Educação, UFRRJ. Professora Substituta na UFRRJ e professora da Fundação Educacional Campo-grandense. E-mail: claumira@terra.com.br.

exercendo a docência e a gestão na Educação Básica. Minha atuação, hoje, está voltada ao ensino, pesquisa e extensão, no segundo nível desta hierarquia – o Ensino Superior.

Retornar à labuta, após as férias, era uma realidade ansiosamente aguardada: poder rever pessoas, abraçar, beijar, contar histórias, compartilhar lembranças, planos, desejos, com esses atores heterogêneos que fazem parte desse micro espaço onde transito, tudo de forma intensa e presencial, como sempre foi.

Eis que, avassaladoramente, o mundo foi surpreendido por uma tragédia sem precedentes, afetando a vida de todos, em todo o planeta. Fomos atravessados por uma pandemia, provocada por um inimigo invisível – um vírus letal, modificando as certezas, crenças, hábitos, rotinas, fazeres, até então, enraizados e cristalizados, em sua maioria.

Estamos diante de um novo tempo, que se impôs verticalizadamente, e que nos obriga a reaprender a viver:

“És um senhor tão bonito  
Quanto a cara do meu filho  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Vou te fazer um pedido  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Compositor de destinos  
Tambor de todos os ritmos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Entro num acordo contigo”<sup>2</sup>

Quando o poeta invocou, feito uma prece, um acordo com o tempo, talvez não imaginasse o quanto essas palavras proféticas soariam tão necessárias nesse momento. Como administrar esse tempo e lidar com as

---

<sup>2</sup> Oração ao tempo, Caetano Veloso.

incertezas e angústias do fazer? Como ditar os novos ritmos e compor os destinos? O tempo é implacável e corre à nossa revelia. Implica numa postura diferente diante da vida.

Estamos em quarentena, em isolamento social. Que ganhos secundários podemos ter a partir de um retorno a nós mesmos? Um olhar introspectivo para nossas subjetividades? Se tudo precisa estar bem e “normal”, ao nosso redor, para termos um pouco de alegria, então, somos escravos das circunstâncias. No ritmo frenético em que o mundo vivia, traíamos o tempo que jogávamos fora sem nos darmos conta. Muitas vezes, valorizamos o trivial e dispensamos o essencial.

Talvez esse período de isolamento possa ser aquela vírgula, aquela pausa que a humanidade esperava para reescrever a sua história. Uma lição contraprodutiva que temos que aprender.

[...] “Peço-te o prazer legítimo  
E o movimento preciso [...]  
Quando o tempo for propício”

Encontramo-nos, hoje, enquadrados diante de “janelas” várias – das telas virtuais, da TV, do carro, das emolduradas nas habitações. Delas, vemos a lua, as estrelas, o sol, o vizinho, o outro, o mundo. Nos mostramos, expomos nossos modos, aprendemos e ensinamos. Como, o quê e para quem? Da janela física, cantamos, oramos, protestamos, nos indignamos frente às indiferenças e mazelas do mundo. Nas formas síncronas que as novidades tecnológicas de informação e comunicação proporcionaram, interagimos em tempo real...

Muitos, porém, mesmo diante de tantas possibilidades, mantêm-se engessados e paralisados. Em nossas casas, estamos sós. Mesmo com a companhia de outros indivíduos nesses espaços, devemos nos entender



sós pela simples natureza de sermos sós! Fora de nossas casas, assistimos estupefatos à renovação dos ciclos: mares, florestas, rios, flora, fauna, se reinventando e emergindo numa nova condição.

Nessa oportunidade de aprendizagem evolutiva que os momentos de clausura têm proporcionado, precisamos aprender a identificar, dentro de nós, o que nos constituiu. Tem sido um exercício reflexivo e terapêutico. Tenho tirado, de debaixo do tapete e de cima das prateleiras das estantes, ideias, percepções, concepções, ali esquecidas, adormecidas pelas circunstâncias. Tenho aprendido a valorizar mais todos os detalhes. Redescobri coisas que nem sabia mais que tinha guardado. Joguei tantas coisas fora; “coisas tóxicas”, inclusive. Aprendi novas habilidades e coloquei em prática outras, que havia negligenciado por “absoluta falta de tempo”.

Lembrei-me da “solidão” da infância, no sentido de que, nessa época, vivenciamos tantos sentimentos ambíguos ao nos constituirmos como atores de diferentes espaços sociais e que exigem interações.

Recordar, arriscar, reconstruir, ressignificar, têm sido verbos ativos nesse recorte temporal que estamos vivenciando. Como um peixe é no oceano, alegro-me pela alegoria de também ser, embora SÓ por natureza, um indivíduo na multidão. O mar, outra de minhas paixões, é tão soberano e eloquente! Mas, quem sabe das solidões que haverá nessas águas enormes?

A concepção de sociedade é fundamentada na ideia de interações. Estas, por sua vez, constituem a base das relações sociais e do sistema de relação. Só existe sociedade onde um número de indivíduos está em relação.

O que caracteriza a unidade desta forma de interação social e a distingue de um mero agregado de indivíduos é a reciprocidade de efeitos entre as ações individuais.

As formas de interação, juntamente com os conteúdos, são elementos inseparáveis que compõem os fenômenos sociais. Forma e conteúdo sempre se confundiram nas práticas docentes usuais. Surgiam, entre as formas e os conteúdos, relações de autonomia, na qual as formas passavam a ter vida própria e ditavam os tipos de docências. Mesmo no modo presencial, muitas das vezes, esse formato por si só era excludente.

A interação é uma relação entre individualidades nas trocas. Nos formatos docentes utilizados, era praticamente impossível conhecer a individualidade do outro. Agora, diante desse distanciamento, repensar a docência significa, antes de mais nada, considerar nossas incompletudes. Não podemos generalizar o outro – os alunos, os nossos pares... Implica em pensarmos não só em termos de suas singularidades, mas também por meio de realidades e solidões, heterogêneas, que muitas das vezes não corresponderão às expectativas.

Estar, ao mesmo tempo, dentro e fora da vida acadêmica é uma prerrogativa do indivíduo plural, que precisaremos aprender a olhar e ouvir, de um modo completamente novo.

Penso que não é hora de construirmos currículos. Precisamos viver o sonho da ousadia e formar pensadores, não meros repetidores, em todos os níveis de escolarização.

Reinventar a docência no distanciamento social é o grande desafio. Se o aluno me chamar, responderei, mas serei solidão. Mesmo se me esquecer, ou lembrar, serei solidão. Retribuirei, como eco, qualquer coisa que sinta por mim.

Cada “janela” aberta em nossas vidas se constitui uma espécie de família: perdas, lágrimas, medos, esperanças, sonhos... Sobre qual delas você se encontra debruçado?

[...] “Ainda assim acredito  
Ser possível reunirmos [...]”  
Num outro nível de vínculo”

Tempo. Tempo. Tempo. Nada mais será como antes. Estou aprendendo a administrá-lo, tal como uma criança aprendiz, mas sem tantos prejuízos nas minhas funções vitais. Disciplina, planejamento, reflexões, ações, proposições, ócios e pausas necessárias.

Reinventar a vida e assistir, encantada, a minhas orquídeas florescerem.

Talvez essa tenha sido a única forma que o Universo encontrou de colorir as solidões e “primaverar”, por dentro, cada um de nós. Aproveitemos.

## ROTINA

Elian da C. B. Pinheiro<sup>1</sup>

Começou em outros países, e não era o meu. Notícias de mortes, muitas mortes. Eu à parte de tudo. Ouvia tais notícias como se não fizesse parte de tudo isso, como se nada tivesse a ver comigo. Em meu desligamento diário, tão centrada em afazeres do trabalho, de casa, de “mulher”, assim constituída em sociedade, não me detive na seriedade da questão. Tinha uma rotina de vida trabalhando como professora em tempo integral, meu tempo era curto. Com um filho de um ano e sete meses, meu tempo em casa era pra ele. Exceção era poder me deleitar com um cochilo à tarde, algo que muito apreciava. A vida era boa, estava boa; mas não me dava conta. Às quartas-feiras, era dia de dormir com minha mãe, uma senhora em seus 81 anos de idade, professora aposentada, ministra da eucaristia, católica fervorosa. Entre filhos e filhas, éramos sete, sendo que cada dia da semana nos revezávamos em dormir com ela. Para isso, me deslocava 18 km para ir até a cidade onde minha mãe morava. Rotina! Era meu momento com um de meus bens mais preciosos, que também seguia uma rotina: costumávamos assistir pela televisão um programa chamado Novena do Pai Eterno que consistia em uma oração de bênção da água. Para isso, dispúnhamos dois copos com água e ao término da oração o bebíamos confiantes de graças a serem alcançadas. Após,

---

<sup>1</sup> Elian da C. B. Pinheiro. Socióloga pela Universidade Federal do Pará-UFPA. Especialista em Psicopedagogia com ênfase em Educação Especial e Inclusiva. Professora da Educação Básica pela Secretaria do Estado do Pará. E-mail: deli-li@hotmail.com

jantávamos, conversávamos, íamos dormir, na mesma cama a “prosear” até adormecermos. Se toda essa rotina era boa? Antes, considerava boa, hoje, nesse isolamento nada voluntário, era maravilhosa, verdadeira bênção da vida.

E mais notícias de morte, de infectados, um vírus era o causador de tamanha calamidade, algoz de todo esse mau momento. Recebeu um nome, Coronavírus, depois, reduziu-se a Covid-19 e ficou famoso. Nossa! O que está acontecendo? Saí de meu torpor, de meu sono profundo e comecei a me deter nessas notícias. O trabalho de professora parou; a diarista parou; a babá parou... Ficamos em casa, meu filho, minha companheira, que também parou de trabalhar, e eu. E haja cuidados, preocupações, uma mania em lavar as mãos. Sair apenas quando extremamente necessário. Tudo parou em minha vida, em nossas vidas. O passeio de bicicleta com nosso filho nos finais de tarde, as visitas à família, “o estar à toa, de boa, por aí”. E a rotina transmutou. Agora, estava atenta aos boletins diários do Covid-19: casos confirmados, milhões; casos em análise, casos descartados, números de mortes, mais de cem mil. Nossas vidas girando em torno de um vírus e o vírus girando em torno de nós.

Medidas dos governos foram tomadas para tentar vencer o que se tornara uma pandemia. Dificilmente esqueceremos esse termo que se tornou rotineiro. Isolamento social: fique em casa; quem ama cuida. Vários *slogans* como campanha para não fazer o vírus circular. Preocupações com os “vulneráveis”, aqueles que sempre existiram, mas que ninguém percebia. Falou-se em economia, desemprego, fome, solidariedade, amor, Deus, este último bastante citado. Brigou-se em prol de governos e suas atitudes, quem estava certo, quem estava errado. Houve um verdadeiro embate entre a proteção à vida e a proteção da economia. Para uns, fazia-se necessário sair de

casa para trabalhar. Para outros, que em casa podiam ficar, o mais importante é a vida, pois mortos não trabalham. Então, surgiram os trabalhadores essenciais. A sociedade se deu conta de que existem trabalhos que não podem parar. Viu-se a importância do trabalho e do trabalhador, tal qual Karl Marx tanto frisou. Só não ouvi falar em salários, se são justos ou não. Parece que isso não importava.

Covid-19, você está sendo um marco. Queria poder escrever isso no passado: Covid-19, você foi um marco. Mas isso é apenas desejo de um ser apavorado, amedrontado, sem ter para onde correr ou se refugiar que não seja entre uma companheira e um filho. Que bom tê-los! Em meio a tudo, descobri que não me dou bem com máscaras, me agoniava. E era tão necessário nesse momento. Se for sair, se tiver que sair, use máscaras. Pronto, eis que todos assumimos nossas máscaras sociais e nem era carnaval. O quê, quem estava por trás das máscaras que passavam em frente a minha casa? Foi a pergunta que me fiz quando, em certa tarde, alguém passou, falou comigo e eu não a reconheci por conta da máscara.

Em tudo, tive muitas saudades de minha vida dantes, sem máscaras, podendo ir e vir sem dor na consciência, das reuniões com as amigadas, dos abraços, dos toques, dos risos sem preocupação. Como senti falta de minha rotina antes do vírus mortal. Como rezei, desejei tê-la de volta. Entretanto, agora podia ficar com meu filho 24 horas e isso era muito bom. Acompanhá-lo do acordar ao dormir e vice-versa. Algo que sonhava poder fazer em minha rotina de outrora, porém jamais imaginei ser dessa forma; à custa de tantas vidas, de tanto sofrimento, tanta insegurança. Mas estava aproveitando cada momento com ele, afinal muito de meu medo era por conta dele. Então, estreitava-o em meus braços querendo ser a maior proteção que ele poderia ter, mesmo que o fosse alheio a tudo. Brincávamos, dançávamos, ouvíamos músicas, estava existindo para e em

prol dele, acredito que como muitas mães neste momento. No entanto, sabia que não sairia disso tudo ilesa, com toda certeza, meu modo em enxergar as coisas mudaram. Meu eu aprendeu a valorizar tudo que eu tinha e por vezes reclamava. Tinha consciência de que, se comparado a como era e como estava, preferia como era. Sentia-me mais segura.

Porém, o vírus continua. Tudo ainda é incerto. Não sei se terei tempo de colocar o que aprendi em prática. Tudo dependerá do desenrolar da presente história, de seus personagens principais e dos coadjuvantes. A Ciência, prezada e necessária Ciência; outra descoberta graças ao COVID-19: a importância da Ciência e seus cientistas. Quanto vale o conhecimento nesse momento? A pedra mais preciosa. E os profissionais da saúde: nossa linha de frente, nosso escudo humano frente à pandemia; quanta riqueza um país que os têm, valoriza e dá suporte a seus trabalhos. Os hospitais, as UTIs, respiradores, quão preparada é a sociedade que os priorizou. Como um mau momento desencadeia tantas necessidades que passam a ser percebidas a olho nu? O que anteriormente não se cobrou, não se exigiu, não se cumpriu, agora quanta falta faz! Se os estadistas, os governantes, a população, tivessem se apropriado do que é de fato necessário, talvez não estivéssemos nessa situação calamitosa. Talvez!

E as notícias de milhares de mortes continuam diariamente. E, às vezes, me vejo perdida, sem sentido. Noutras, me sinto forte, como se fosse uma super heroína, capaz de vencer qualquer batalha. Mas, em todos os momentos, me vejo a clamar pela cura, pela minha vida antiga, pelas quartas-feiras. Nunca, em minha vida, pensei em passar por tal situação, coisa que só havia visto em filmes de ficção. Agora, minha família está em um grupo de *WhatsApp*, meus abraços são por intermédio de redes sociais, de minha mãe só escuto a voz e o velho conselho:

“reze, minha filha, reze!” E eu rezo. Mesmo distantes, permanece a singularidade do pertencimento, da reciprocidade, de nossas crenças. Deus passou a existir para toda humanidade, espero que para sempre, pois sei que tudo isso passará. Só não sei se nos modificaremos após tudo isso, ou se nos manteremos no estágio amorfo, de uma rotina morta onde não cabem mudanças, onde os outros apenas existem para serem apontados como menores que nós, para serem medidos. Hoje, continuamos na rotina Covid-19. E amanhã? Que rotina construiremos após tudo isso?





## VER-O-PESO DAS VIDAS NA PETRIFICAÇÃO DA ESPERANÇA<sup>1</sup>

Elizabeth Orofino Lucio<sup>2</sup>

Sonhei:  
Petrifiquei a ilusão em esperança.

(...)

Sombras e raízes:  
porque meu chão é caboclo  
e meu sangue tem gosto de rio  
porque é necessária a luta  
para que o sonho  
não fique aquém da poeira do tempo.  
Carlos Tiago Hakiy

A única coisa que nos permite olhar este mundo em que vivemos sem asco é a beleza que, de vez em quando, os homens fazem brotar do caos. Os quadros que pintam, as músicas que compõem, os livros que escrevem e a vida que levam. De todas essas coisas a mais rica em beleza é a vida, quando é bela. É a obra de arte suprema!

William Somerset Maugham

Entre rios, tábuas das marés e chuvas, que traziam no Rio Guamá em Belém do Pará a continuidade do inverno amazônico e, no Rio de Janeiro, o fechamento do verão foi que iniciamos a quarentena.

---

<sup>1</sup> O texto é uma homenagem à aluna Dienne Souza integrante do Laboratório Sertão das Águas e Co-coordenadora do Clube de Leitura Tertúlias do Grão Pará, servidora da saúde de Belém do Pará e vítima do Covid-19.

<sup>2</sup> Elizabeth Orofino Lucio. Doutora em Educação, UFRJ. Professora da Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: orofinolucio@ufpa.br.

No início de março, já estávamos transbordando águas que contam o fluir da vida, o correr das desigualdades sociais, a maré das culturas inundam o início de cada semestre de esperança, pois a cada nova turma de calouros que adentra a Universidade Federal do Pará, intitulada de “mamãe UFPA” pelos discentes, a conjugação do verbo esperar no sentido freiriano é pulsante.

O esperar que evoca uma relação afetiva entre mãe e filho, metaforizado em uma instituição, causa um estranhamento, mas ao ver-as-vidas que compõem a UFPA podemos olhar, ver e reparar que a universidade pode ser uma casa maternal que acolhe jovens historicamente excluídos e que são acolhidos para uma vida outra. Jovens indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos, periféricos, que me fazem navegar entre os rios, ruas, e ampliar minhas fronteiras e margens para mirar o peso das vidas no contexto da pandemia. O peso das vidas que sonhavam em estar na “mamãe UFPA” é interrompido pela pandemia e com ela o lugar com que vemos o mundo e as vidas atravessam nosso lugar, nossa docência, nossas leituras e nossas escritas.

O período não iniciado pelas tábuas das marés e pela pandemia levaram-nos ao encontro por meio de *WhatsApp*, é a primeira vez que inicio um período sem conhecer presencialmente alunos e alunas, é a primeira vez que a educação *on-line* nos convoca de forma imperativa para internet livre.

As impossibilidades do tempo presente ratificam um contexto histórico de país, em que narrar as condições a que estão submetidas as vidas traz-nos o "peso" da *responsabilidade* e da *responsividade*, enquanto docente da universidade pública do Norte do país. Norte marcado pela desigualdade econômica e social, assim como pelas relações étnico-raciais, limitando o direito humano à educação e, conseqüentemente, à vida.

Navegando nas ruas de rio e nas ruas da cibercultura, deixo-me inundar por uma pergunta: quais são as leituras sobre o tempo presente realizadas pelos alunos indígenas e quilombolas? Da "reação de uma palavra a outra palavra" (BAKHTIN, 2011) resulta uma inquietação de quem se deixa atravessar pela experiência da docência e pela "vida que pulsa" no cotidiano.

No murmúrio silencioso, no banheiro dos rios, na imagem da Ilha do Combu, defronte ao prédio Mirante do Rio, na imagem do canoeiro, o quadro é imóvel, pois o cessar das atividades humanas incide no reinício da vida da Baía do Guajará.

É na foz dos rios, em oposição às valetas de esgoto sanitário, nos voos dos urubus, no lixo urbano, que estão presentes em toda cidade, é que mergulhamos no sentido da vida. O sentido da vida é o nascer e renascer de raízes ancestrais, dos povos guardiões das matas e do encantamento pelos indivíduos. É desejar que os campos tenham chuvas de vida e não de agrotóxicos, de agricultura familiar e não de latifúndio, de partilha e não de acumulação, de arte e não de desastres.

Ver-o-peso das vidas é falar do futuro, futuro do presente, futuro do pretérito. Não existe futuro. Não existe futuro sem legado. Aqui é terra de solo fértil, mas não existe futuro com olhos plastificados e com veneno nas palavras.

A pandemia possibilitou o/ou intensificou movimentos em torno da literatura e tem sido bonito ver a leitura literária navegar nas vidas. Vidas que encontram na palavra, no período de isolamento e de dor, um remédio, embora eu ache louco o fato de a literatura ser vista como recurso emergencial, acredito que nunca é tarde para se encontrar com a literatura, mas um encontro verdadeiro, principalmente no contexto em que temos uma censura

aos livros de literatura infantil e juvenil e que ler/escrever tornou-se um exercício mecânico de sons.

No meu cotidiano, somos dois professores que se movimentam em tarefas domésticas, em sentimentos alegres e tristes, na solidariedade e em infinitos particulares. Distante de toda família, num movimento que desde 2017 nos faz ser familiares de alunos/as e suas famílias, de professores, escritores, ativistas de rios com águas distintas, vivemos movimentos. Bartolomeu Campos de Queirós já nos dizia que basta de leis, decretos, pois o importante é o movimento, é o mover-se.

Mover-se pela literatura, pelo amor, pela invenção, pela alegria, pelas lágrimas, pelo medo, pela ansiedade que nos co(n)vid(a) ao mover-se, ao movimento, ao banhar-se em outros rios de vida. A vida do futuro precisa romper radicalmente o modelo de acumulação, sangue, dor, extermínio, epistemicídio e dominação entre os seres humanos.

O Coronavírus é o ápice do sofrimento individualizado e a cratera abissal das injustiças. Sua defesa não vem do investimento em armas de destruição em massa, mas na ciência. A imunidade e sua cura são garantidas na solidariedade e na integridade dos rios de vidas que importam.

Os povos das culturas originárias que, durante séculos, lutam em isolamento para não serem extintos, mostram-nos que os sonhos de sobrevivência não são utopias. Não basta ser, é preciso mover. Não basta andar nos rios, é preciso ser fonte de água viva. Não basta ser descolonialista, é preciso ser anti-colonialista. Não basta repensar o sentido da vida, da literatura, das artes, é preciso construir a beleza da vida com arte, vida e conhecimento.

A vida não é negociável!

## ENTRE COLOS E TEMPOS: DA REINVENÇÃO EM MEIO AO CAOS

Fabrcia Vellasquez Paiva<sup>1</sup>

Parece-me exagerado falar sobre algo caótico que se apresenta como uma pandemia. Poderia ser uma guerra, quiçá a falta de algum elemento essencial à vida, mas é um surto agudo de uma doença desconhecida. Mas tente assim conceituar, ou relativizar, para uma mãe, pesquisadora, esposa, trabalhadora, filha, professora. Não tem sido fácil – por isso ouse partir do caos. Movimento proposital, na dialética, para um possível encontro. De mim comigo mesma; de mim com os meus.

Certa vez, escrevi sobre o amor e a mosca, ambos em tempos de corona. Já foi árduo retratar aquela rotina, com três pequenos pares de perninhas que só sabem se mover correndo pela casa. Graças a uma mosca, agradeço, e que perdida adentra a casa, consigo três segundos de pretensa paz. Os choros se esgotam – o meu e o deles – e seguimos numa programação que eu entendia como normalidade: lanche, banho, desenho, brincadeira. Passado o voo do inseto, no entanto, tudo retorna ao universo do caos. O tempo, para eles, é fugidio: ainda tão novos e já ávidos de viver. Talvez percebam o que nós não conseguimos até hoje. Talvez.

Da escrita de agora, devo confessar: que linhas tão difíceis e arduamente angustiantes. Talvez seja mesmo complexo explicar o que sentimos, a cada semana que esse

---

<sup>1</sup> Fabrcia Vellasquez Paiva. Doutora em Educação, UFRRJ. Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: fabriciavellasquez@yahoo.com.br

contexto se prolonga. Talvez. Da distância obrigatória até a angústia da expressão em papel, um caminho tão oscilante tem se construído entre palavras e entre sensações. Palavras em silêncio, que se insistem em calar, mas que precisam revelar algo de mim. Inscrever-me, nestas linhas, é uma obrigação que tenho comigo. Ninguém explica.

Estar distante. Essa expressão se tornou companhia contraditória entre as pessoas, entre os que amamos, entre todos os grupos com os quais convivemos. Como falar disso? De que forma dizemos sobre isso para nós e para os nossos? Devo? Posso? Ou guardo também para mim mesma, num infinito particular que, já cercado de pensamento sobre outrem, talvez já nem seja mais meu. Talvez. Desse universo de todos, posso ainda me encontrar lá. Ou me perder de vez. Incertezas. Inseguras. Agruras.

Parto, então, nessa viagem. Mergulho para dentro de mim; para aquilo que ainda existe: de um sentimento qualquer, permito-me. De tentativa vã de anunciar, perdoome. Mas eis-me aqui; ainda sou eu, mesmo que perdida diante de mim e dos outros, daquilo que sinto e sentem. Diante dos meus. Eu, eus, filhos, pais, nós. Ainda temos corda? Para contar ou para atar? Como se explica aos filhos aquilo que nem eu sei? E aos pais: como dizer-lhes que adiem a partida, por que ainda não têm o direito de morrer? Não assim: na saudade de um tempo distante, em que os encontros não se podem acontecer!

Adiar a vida. Postergar a morte. Talvez tenhamos esse direito. Talvez. Como o medo é astuto, não? Do maior de todos, o de morrer, emprestamos um pouco também àquele suposto contrário, agora mais do nunca: o de viver. Sim: passamos a temer viver assim, isolados, incertos, por tempos. De quanto tempo? Um mês, três meses, um ano? De quantos dias se faz a dúvida de uma vida sem morte?

Volto a mim e a minha viagem. Nesta, pelo menos, tenho suposto controle. Nesta, sou-me dona. De meu pensamento, penso tê-lo em mãos. Preciso assim achar. Hoje menos por mim, e mais pelos meus. Penso novamente no tempo, dessa vez espelhado em pequenos corpos novamente a correr pela casa: seis, dois e um. Minhas crianças me lembram sobre o percurso da vida, sobre os caminhos que a existência arruma e realinha a cada passageiro. Eles me são a prova viva disso. E como o são!

A eles, então, retraio o medo. Não o nego, porque não há como, mas o transformo. Se antes inseguro e fluido, hoje mais se concretiza em ações e em palavras. Palavras são colo de mãe neste momento: nos acolhem, nos embalam, nos permitem em segurança para sermos ainda nós. Um nó já desatado, agora, e que se permite dizer-se. Em se abrindo, no desenrolar de uma tarde de outono, também se mostra como é, forte e precívél, pelas mãos do tempo. Posta no trajeto do tempo, a palavra se torna outra: muda, sai, escreve. Refazimento de desfazer. Delicadeza.

Aos meus pequenos pequeninos, reinvento quem sou para expor esse mundo. No lugar de perdas, o destaque para a falta transitória; na dificuldade do convívio intenso, o perdão das pequenas falhas; na vontade de se mostrar ao mundo, a necessidade de estarmos entre nós, nos permitindo inicial e principalmente. Mas e a saudade da minha avó, mãe. A pergunta surge, capciosa, e não se deixa ir embora. Como reagir? A transitoriedade, aqui, perde a razão. Palavra agora não é mais colo, de novo. Porque não há. Com saudade não se brinca e não se diz. O abraço é mais certo. Substitui por um instante a lágrima que ainda insiste. Talvez seque. Talvez.

E o que dizer aos meus grandes pequeninos, aqueles que hoje habitam outra casa, mas que estarão sempre em nossa primeira morada? Se tornam pequenos, como aqueles que os chamam de avós, para poder viver com eles,



mas para se situarem em igual nível de energia. Suas idades não querem dividir. Ainda mais com recursos outros. A velhice é egoísta, aliás: não se quer perder, nem minutos, nem atenções, nem. Nada. Talvez não haja tempo. Ah, o tempo novamente. É... talvez!

Pudéssemos todos, pediríamos colo. Entre filhos, netos, avós, pais. Todos podemos, cabemos todos! É só ajeitar. Mas como ajustar o tempo para isso? Não o tempo cronológico apenas, mas aquele de um momento bom, de um mundo são, de um imaginário fantástico, um contexto de vida, enfim. Em não querendo mais falar da morte, da dúvida, da incerteza, recorro a esse tempo. Um novo tempo de um ciclo novo. Não o peço para parar. Careço de renovação, de reinvenção. Saio do relativo ao absoluto: não me cabe mais, agora, nenhum talvez. Sou-me agora, na certeza de que esse momento passará. E assim eu sigo falando a mim e aos meus.

Sobre o colo? Não... neste não preciso reinvenção. Basta estar. Neste ou noutro contexto. Sendo filha ou sendo mãe. Estando em medo ou em alegria. Continuando sendo o melhor lugar. Onde caberemos sempre. E assim vou-me retornando da viagem de dentro. De mim, trago novidades e velhos anseios. Mas não mais para hoje. A escrita já sai mais livre. Consigo falar, porque respiro melhor. E disso, escrevo. De uma narrativa aflita, a mim e aos meus, renasço. Se o talvez não me cabe mais, apenas permito. Nesta linha final: eis-me aqui em narrativa. Viagem em mim: estou em casa.

## O SER EU E O SER OUTRO FRENTE À PANDEMIA DA COVID-19

Francisco Pereira de Oliveira<sup>1</sup>

Os dias atuais têm provocado a reflexão sobre a minha vida, em especial, na nossa Amazônia brasileira, uma vez que a Covid-19 tem nos obrigado à reorganização social, cultural e tecnológica. O primeiro impacto que tive foi, numa certa manhã, ao cumprimentar um colega de trabalho e, por ocasião, ele se recusou a pegar em minha mão, respondendo: “há necessidade, a partir de então, de não nos cumprimentarmos como fazíamos”. O impacto foi de imediato em pensamentos: como assim? Nós, povos da Amazônia e paraenses, como não cumprimentarmos um ao outro sem tocar na mão, dar o abraço de aconchego familiar, parentesco e de amizade?

Logo em seguida, noticiários sobre a Covid-19 ganharam audiências e informações [(des)encontradas] começaram a circular; umas que precisávamos tomar medidas preventivas, outras anunciavam que era mais uma invenção de pessoas que queriam o caos social no Brasil através da grande mídia. Todavia, dia após dia, a situação se agravou no Brasil e chegou até nós de fato, o que nos levou a romper a rotina social de trabalho e de outras convivências e, por especial, ficar em casa, absolutamente privados da convivência social e cultural que tínhamos

---

<sup>1</sup> Francisco Pereira de Oliveira. Doutor em Biologia Ambiental, UFPA. Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Linguagens e Saberes da Amazônia - PPLSA, Universidade Federal do Pará - UFPA, Campus de Bragança (CBRAG). Pesquisador do Laboratório de Ecologia de Manguezal (LAMA). E-mail: foliveiranono@yahoo.com.br.

todos os dias de nossas vidas. Como assim? Rompimento abrupto? Como viver e fazer isso? Como tratar essa situação de forma saudável física e mentalmente?

Bem, fácil, certamente, não foi e não é. Desligar-se da rotina do trabalho em equipe, do contato direto todos os dias da semana, deixar de frequentar os lugares essenciais e não, nos obrigou a lançar mão do que para alguns era uma ferramenta não essencial (para os mais idosos, por exemplo), a tecnologia, em especial, a *internet*. Então, os noticiários mostravam que avós/avôs e netos/as estavam se comunicando e minimizando a saudade por meio das redes sociais, onde depoimentos descreviam sentimentos diversos de sofrimento por ocasião do isolamento social.

Por minutos, me mantinha em silêncio e com o pensamento: será quebra de paradigma? Em que medida isso vai me atingir? Sem me dar conta que já estava atingido. E seguiam as mudanças de comportamentos, debates e diversos “cientistas sociais e políticos”, que, singelamente, chamo-os de hospedeiros, leitores de capas de livros ou mesmo nem isso, os “analfabetos políticos”, com discursos de que é “um vírus que vai passar já, não vai atingir o nosso estado (PA), o nosso município (Bragança)”. Quando abruptamente surgem os primeiros casos no estado. Pronto! Desmancharam-se os discursos, abateu-se um silêncio que incomodava e, por conseguinte, iniciou uma corrida em busca por máscaras e álcool em gel, o que, certamente, determinava que a Covid-19 era real, matava e a região não tinha infraestrutura hospitalar para suprir, minimamente, casos que por ventura viessem a ocorrer, o que me fazia pensar: como vamos lidar como isso? A sensação de impotência era nitidamente observada em todas as pessoas, inclusive na classe médica, o que me deixava mais angustiado.

Foi em meio a esse cenário da Covid-19 e do isolamento social que as sensações vieram à tona: ora o

pensamento de como vamos (sobre)viver ao isolamento social e a essa pandemia, ora a ideia de que tudo vai passar; ora a alma acreditava que as coisas se resolveriam da forma menos danosa, ora o sentimento de perdas era tão impactante que o psicológico se abalava a ponto de pedir socorro. Sensações difíceis de serem controladas e, por conseguinte, impedimento de saídas ou mesmo a possibilidade de um aceno no fim do túnel de minimização da pandemia.

No isolamento social, na minha casa, nos primeiros dias, o pensamento não se desgarrava das responsabilidades familiares e do trabalho, assim como a preocupação com o cenário brasileiro. Todavia, a sensação de ficar em casa, poder deitar, dormir e acordar sem horários prefixados era e é bom demais, pois havia perdido a noção do quanto o meu quarto, a minha sala e a minha cozinha me faziam bem. O prazer de poder curtir a família de verdade, de rir e de provocar risos, alimentava a alma em dias tão difíceis.

Por outro lado, o pensamento fervilha quando analiso a situação financeira, pois sou empregado e no final do mês terei o meu salário integral para as minhas despesas. Mas, e aquelas pessoas que dependem do dia a dia para levantar recurso pelo menos para as principais refeições (almoço e janta)? Como elas estavam? Esse pensamento se deve ao fato de que trabalho diretamente com pesquisas direcionadas aos pescadores artesanais de peixe e de caranguejo da área costeira amazônica e, por conseguinte, conheço as pessoas que trabalham diariamente no extrativismo dos recursos naturais e sei que suas condições econômicas são bem difíceis. É lógico que a situação socioeconômica dessas pessoas é difícil há anos, mas o risco que se corre nos dias atuais, em função da pandemia, é eminentemente preocupante quando aliada ao isolamento social e à questão financeira, uma vez que suas

práticas produtivas diárias são as que permitem colocar à mesa pelos menos a refeição.

Daí, pensar em *ser o eu e ser o outro*, quanta desigualdade! Mas, a Covid-19 não possui critérios de escolha de quem, o que nos torna vulneráveis, independente da classe social, do gênero, da etnia ou de suas crenças. Aliás, visitando os noticiários, percebi que a Covid-19 abateu, por primeiro, pessoas de condições econômicas favoráveis. E por que não as vulneráveis socialmente? Certamente, pelo fato de serem pessoas invisibilizadas e limitadas economicamente, pois a população de rua, por exemplo, dificilmente é cumprimentada com aconchego de aperto de mão e de abraços, o que de certa forma as protege (suposições).

A Covid-19, por certo, trouxe enormes malefícios à sociedade mundial. Suas consequências serão indelévels na história humana, pois o vírus provocou a quebra de paradigmas com o afastamento social e, para alguns, a reconfiguração cultural de comportamento humano será repensada. Ademais, o sentimento de susto a cada dia sobre o falecimento de pessoas, o estrangulamento dos sistemas de saúde em colapso no mundo, trazem a incerteza de imediato, às vezes provocando o choro e o sentimento de medo e desespero.

São muitas as sensações que se misturam ao prazer de ficar em casa, de reacender o sentimento de pertença familiar e, ao mesmo tempo, a angústia do isolamento social e dos reais danos que a Covid-19, sem dó e nem piedade, acomete nas pessoas, levando-as ao adoecimento e à morte. Assim, vejo-me entre o *ser eu e o ser outro* frente à pandemia da Covid-19.

## ENTRE O SENTIR E O PENSAR

Francisco Evangelista<sup>1</sup>

Admirável Chip Novo  
Pitty

Pane no sistema, alguém me desconfigurou  
Aonde estão meus olhos de robô?  
Eu não sabia, eu não tinha percebido  
Eu sempre achei que era vivo

Parafuso e fluido em lugar de articulação  
Até achava que aqui batia um coração  
Nada é orgânico, é tudo programado  
E eu achando que tinha me libertado

Mas lá vêm eles novamente, eu sei o que vão fazer  
Reinstalar o sistema

Pense, fale, compre, beba  
Leia, vote, não se esqueça  
Use, seja, ouça, diga  
Tenha, more, gaste, viva

Pense, fale, compre, beba  
Leia, vote, não se esqueça  
Use, seja, ouça, diga

Não, senhor, sim, senhor  
Não, senhor, sim, senhor

---

<sup>1</sup> Francisco Evangelista. Professor de Filosofia. Doutor em Educação pela PUC/SP. E-mail: professorfranciscoevangelista@uol.com.br

Desde os 9 anos de idade, quando ainda morava no bairro Jardim Alvorada, na cidade de Americana/SP, eu percebi pela primeira vez que o ambiente de formação era fascinante e, desde então, desenvolvi um grande interesse pelo conhecimento, nunca mais me afastei do espaço escolar e, mais adiante, do espaço universitário. A escola e a universidade sempre foram para mim locais de encantamento, onde eu via outras formas de ser e de estar no mundo, diferentes do que eu vivia na minha família. Na escola e na universidade, fiz grandes amizades com professores, colegas e funcionários que se tornaram muito importantes na minha trajetória de vida e formação. Esses dois lugares me constituíram!!

Sou filho de uma maranhense e de um cearense, que vieram para o estado de São Paulo, no final da década de 60, procurando uma vida melhor econômica e socialmente, sobretudo pensando no futuro dos filhos numa cidade com melhores possibilidades para a educação das crianças, jovens e adultos. Em 1970, fui matriculado na 1ª. série, numa escola salesiana onde fui alfabetizado, iniciando assim, dentro de mim, uma relação entre o sentir e o pensar a realidade ao meu entorno. Nem sempre é simples ou fácil para mim conviver e harmonizar o sentir/pensar. Isso me lembra uma afirmação da escritora Clarice Lispector: “não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento”. Equilibrar essas duas possibilidades significa a tentativa subjetiva de organizar aquilo que é do âmbito cognitivo com o âmbito emocional. É uma luta interna intensa e complexa.

Então, caro leitor, veja que escrever este pequeno texto não é coisa fácil para mim. Quando Adriana Alves me fez o convite, estabeleceu-se uma angústia existencial dentro de mim e fiquei por muitos dias em conflito interno, pensando no que exatamente eu poderia escrever para outras pessoas, sobretudo aquelas que vivem em

ambientes formativos/educativos em tempos de pandemia. Digo isso pois não sei escrever, acho que o sentir foi melhor em mim. Escrever para mim sempre foi coisa de escritor e com eles aprendi a realizar viagens e reflexões sobre a realidade. Como não ser impactado com a “Alegoria da caverna” de Platão? “Confissões” de Santo Agostinho? “O manifesto comunista” de Marx? “Em busca de sentido: um psicólogo num campo de concentração” do Viktor Frankl? A lista é grande e com esses escritores/pensadores sempre busquei harmonizar o sentir e o pensar dentro de mim. Não sou escritor, escrevo quase sempre por dever do meu ofício de professor universitário. Vejo-me como um operário do texto e, como não sou especialista na arte de escrever, sempre fico na dúvida da qualidade daquilo que tento dizer na escrita. O que escrevo faz sentido para alguém?

Quando fiz 23 anos, decidi fazer o curso de filosofia, num claro posicionamento pessoal com aquilo que ocorria no Brasil, desde o período militar, na década de 60. Entre os anos de 1987 e 1990, fiz a graduação em um curso que restringia muito o acesso ao mercado de trabalho, pois a disciplina estava fora da educação básica da época. E foi exatamente por isso que fiz essa graduação: a possibilidade do pensar de forma crítica num país que me negava tal possibilidade. Eu apostei que a democracia seria estabelecida e que eu daria minha contribuição com minha atividade profissional. Nunca me arrependi da decisão tomada naquele tempo. Sendo filho de um casal de nordestinos, meu pai teve pouco contato com a escola e minha mãe tinha cursado até o ginásio. Vindo dessa realidade familiar, a graduação causou uma grande transformação na minha vida. Lembro que boa parte das pessoas sempre ficavam admiradas quando eu dizia que iria estudar filosofia e muitas afirmaram que eu iria passar fome com a escolha por esta formação. Faz 30 anos que me formei e tenho atuado como professor de filosofia entre as



crianças, jovens e adultos, sempre ciente do papel da filosofia nos diferentes níveis do ensino dentro da educação brasileira.

Minha maior satisfação com a filosofia foi minha experiência com as crianças e, nesse sentido, concordo com Matthew Lipman, que afirmava que o que uma criança tem em comum com os grandes filósofos é a capacidade de se maravilhar com o mundo e de fazer perguntas sobre a realidade. O filósofo e a criança não têm medo de fazer perguntas e questionar aquilo que merece ser investigado. Para esse educador americano, é inerente em nós a necessidade pela organização da nossa vida, pelo pensamento e pela prática que fazemos de nossa razão. Para uma criança, pensar é como brincar e, por isso, pode ser lúdica e libertadora essa possibilidade.

No Ensino Médio, sempre procurei tornar a presença da filosofia interessante para quem já estava preocupado em escolher e se preparar para o curso universitário, sem contudo perder de vista o papel reflexivo da disciplina para uma pessoa nessa faixa etária, apresentando várias formas para o pensar, o falar e o agir humano. A escolha futura era colocada em perspectiva e investigada, tendo como horizonte o sentido da vida para o ser humano e não apenas o aspecto econômico e material da futura profissão. Nunca me afastei desse caminho como professor de filosofia e, quando olho para o passado, tenho a clareza de que acertei no caminho da minha prática pedagógico-filosófica entre os jovens.

No ensino superior, nas diversas graduações em que atuei como professor de filosofia, o desafio maior sempre foi o de justificar a presença da filosofia nos variados campos de formação universitária. Foi um desafio instigante e motivador para cada aula e em cada curso por que já passei. Ao final, sempre foi aceita, pelos alunos e

alunas, a necessidade da presença da filosofia na formação dos futuros profissionais.

Minha trajetória de vida e formação é de alguém que foi educado no período militar, numa época em que o objetivo geral da formação, na escola e na universidade, era com a educação do futuro cidadão, onde o foco girava em torno da postura que se esperava do patriota, ciente de seus deveres e direitos, que encarnasse em si mesmo o esperado “cidadão do bem”. Para que esse objetivo fosse possível, fiz parte da geração que teve, na grade curricular da época, Educação Moral e Cívica no ensino primário, Organização Social e Política do Brasil no antigo Colegial e Estudos dos Problemas Brasileiros já na universidade. Toda minha formação escolar ocorreu depois do golpe militar de 1964 e, mesmo quando eu cheguei para fazer o curso de filosofia na PUC-Campinas, em 1987, ainda existia no país uma forte presença da ideologia imposta pelos militares nos espaços de formação da criança, do jovem e do adulto.

Iniciei, em 1991, minha trajetória pessoal como professor de filosofia e sempre tive ampla liberdade para a prática pedagógico-filosófica com as crianças, com os jovens e com os adultos com quem tive contato nas aulas de filosofia. Mesmo nos momentos em que havia algum conflito em sala de aula, a prática filosófica sempre atuava no sentido de refletir e discutir as diferentes formas de ser e pensar presentes na realidade compartilhada pelo professor e meus alunos. Na verdade, o lugar onde eu aprendi a ser de fato educador foi na sala de aula com meus alunos. Foram eles que me ensinaram a ser educador. Neste sentido, o maior aprendente sempre fui eu.

Infelizmente, desde a chegada do atual presidente ao poder, o senhor Jair Bolsonaro, e com a implantação de suas propostas de governo, a filosofia voltou a ser considerada desnecessária e até perigosa para quem está na escola e na universidade. A disciplina entrou no pacote

da chamada “escola sem partido”, foi tirada novamente do currículo escolar e colocada na marginalidade dos espaços de formação escolar e universitária.

Como professor de filosofia, tenho passado por alguns constrangimentos, com esse atual governo, nos espaços de formação em que atuo como educador. Mais de uma vez, fui advertido para não “perder o foco” com minha disciplina em sala de aula, como se eu não soubesse do meu compromisso com a formação dos meus alunos e com meus colegas de profissão nos variados cursos onde trabalho. Como assim perder o foco? Sempre foi claro para mim o COMO, o POR QUE e o PARA QUE formar alguém, tendo presente a colaboração da filosofia nos vários níveis do ensino. O obscurantismo político vai deixando suas marcas e submetendo todos a um patrulhamento ideológico próprio de regimes totalitários, que são marcados pela imposição e homogeneidade no pensar, no falar e no agir. Como pensar e sentir, vivendo nesse contexto social, político e econômico, é para mim um desafio! Pensar como? Sentir o quê? Em tempo de pandemia, as duas questões vão ao extremo para mim!!!

Abri esse pequeno texto com a letra *Admirável Chip Novo*, pois outro desafio do momento na minha atuação como professor universitário é com as tecnologias de informação aplicadas aos ambientes de ensino, onde inclusive uso o AVA: ambiente virtual de aprendizagem. Tenho vivenciado o ensino remoto e com ele uma constatação positiva: a generosidade dos meus alunos comigo, pois eles conhecem mais esses recursos digitais do que eu conheço. Aprendo com eles. Neste sentido, lembro novamente do Lipman e sua definição de comunidades de investigação filosófica, onde cada participante se responsabiliza pela aprendizagem do outro num espaço de diálogo e busca da construção pessoal e coletiva do conhecimento. A pandemia nos impõe o distanciamento e

nos desafia para a construção de novas formas de formação e investigação nos espaços de formação escolar e universitária. A realidade impõe novas formas de pensar e de sentir!! Penso, logo existo; sinto, logo existo!! Como pensar e sentir em tempos de pandemia?

Para que fique claro, estou entre aqueles que defendem o ensino presencial, pois foi nele que fui formado e nele atuei durante toda minha trajetória de professor de filosofia. O ensino remoto é uma novidade imposta pela pandemia e que não tenho ainda elementos suficientes para poder avaliar seus impactos.

Em tempos de pandemia, não há como não pensar na Necropolítica, tese de Achille Mbembe, que nos alerta sobre quem decide quem pode viver e quem pode morrer; ou ainda na tese de Agamben e sua reflexão sobre a afinidade entre o biopoder e o estado de exceção na modernidade. Daí a minha dificuldade nas relações entre o pensar e o sentir no tempo presente. Não sei para você, caro leitor deste texto, mas diante do desafio que se apresenta, eu me refugio na filosofia, me refugio nos pensadores, me refugio nas escolas de pensamento. Gasshô!!!

Francisco Evangelista/Professor de Filosofia

Paulínia, 17 de maio de 2020



## ESTÁ DIFÍCIL... MAS ESPERANÇAR É IMPERATIVO!

Guilherme Prado<sup>1</sup>

Lembro que tomei um susto quando cheguei em casa para almoçar e vi que o reitor divulgou a suspensão das todas as atividades letivas na UNICAMP a partir de 13 de março, uma sexta-feira. Naquela semana, havia me encontrado, pela primeira vez, com as turmas das duas disciplinas de graduação da qual sou responsável; participado de várias reuniões institucionais, agendado outras tantas atividades com orientandos de pós-graduação bem como com as professoras dos três grupos de estudos dos quais somos responsáveis... Muitas atividades profissionais e pessoais!

Naquela sexta-feira, não imaginava que, passados 40 dias, a rotina de trabalho semanal, de acordar por volta das 6 horas; preparar café da manhã para mim e meu filho; verificar os materiais da escola dele e ajudá-lo a procurar o que não encontra; vê-lo partir com outros colegas ou mesmo levá-los, na carona coletiva para a escola organizada junto aos moradores do condomínio onde moro; realizar alguma atividade física, às vezes em casa, às vezes na academia, junto com outras amigos da faculdade; tomar banho; ir para reuniões ou bancas de qualificação/defesa ou atendimento a estudantes que se iniciam por volta das 9 horas; ir almoçar por volta das 12:30 horas em restaurantes próximos à universidade ou com meu filho em casa; voltar para outras reuniões ou aulas às

---

<sup>1</sup> Guilheme do Val Toledo Prado. Doutor em Ensino Aprendizagem de Língua Materna, UNICAMP. Livre-docente em Educação Escolar da UNICAMP. E-mail: toledo@unicamp.br.

14 horas ou levar meu filho alguns dias em suas atividades de piano ou aulas de inglês; atender estudantes ou tomar um lanche por volta das 17:30 horas; ligar para meu filho para saber se está tudo bem; iniciar outro encontro dos grupos de estudos cadastrados como cursos de difusão na escola de extensão ou outra aula, a partir das 19 horas, finalizando-as por volta das 22 horas; ver se o meu filho jantou ou jantar com ele em casa ; tomar banho; conversar um pouco com meu filho e ver se está tudo bem na escola e com as lições de casa; lavar a louça e ir dormir, depois de tomar um chá... Mas com a suspensão das minhas atividades profissionais por conta do Coronavírus, tudo mudou!

A partir do dia 13 de março, eu e minha esposa, também professora universitária, decidimos que ficaríamos todos nós quatro (eu, ela e nossos dois filhos) em casa, em Campinas, e não no apartamento em Santos, local em que ela trabalha e mora com nossa filha. Ficaríamos juntos em Campinas, não só porque é em casa, em um condomínio que favorece caminhadas matinais e um certo convívio social distanciado (como solicita as autoridades sanitárias), como também porque a cidade oferece mais recursos médicos que a capital da baixada santista, caso fosse necessário. E por conta dessa decisão, a vida familiar ficou mais intensa, um pouco tensa, mas muito agradável: cafés da manhã em comunhão familiar, atividades físicas em comum, além de meditações e sessões de filmes com a participação de todos. E novos pratos e muitas novas sobremesas experimentadas, além é claro de algumas gordurinhas a mais.

E as atividades profissionais, além de terem que ser realizadas remotamente, passam a demandar novas relações com os estudantes, de graduação e pós-graduação e com os colegas das universidades. A participação em bancas, de modo remoto, já acontecia por conta dos cortes

de gastos das diversas universidades públicas e da contenção de despesas de algumas universidades confessionais/comunitárias/particulares. Mas a realização de reuniões, como as de departamento, comissões e comitês, passaram a acontecer remotamente. Com certa dose de objetividade, são realizadas em tempo hábil, com perdas às vezes, principalmente em questões mais polêmicas, que geralmente são deixadas para a próxima pauta, quando passam a consumir um tempo grande do encontro virtual.

Os encontros virtuais com os estudantes têm se mostrado importantes para o contato com eles e para mim, fundamentais para experimentar a radicalidade das diferenças constituintes de cada um dos participantes: alguns tem bom acesso à rede de computadores com pacotes de internet que permitem o acesso virtual de modo constante, outros conseguem o acesso via redes remotas instaladas em suas casas, outros não conseguem participar de todas as disciplinas por conta de não terem pacotes de internet que possibilitem acesso com velocidade e estabilidade necessária, outros têm acesso a boas redes remotas mas, no local em que se encontram, as redes de telefonia celular não suprem a demanda ou, em alguns casos, não existe, impedindo o contato; outros, por suas condições materiais e simbólicas, não conseguem acessar a rede de computadores... E essas diferenças, que se convertem em desigualdades, não possibilitam as mesmas condições igualitárias para a participação efetiva nos encontros semanais que, em comum acordo, começamos a realizar a partir do dia 23 de março, dia em que a reitoria da universidade optou por estender o prazo de suspensão das atividades presenciais até o dia 30 de abril. Nestes encontros, a ferramenta “*Whatsapp*” foi a escolhida pelos estudantes para realizar as agendas dos encontros, que acontecem no ambiente virtual proporcionado pelo



“Google Meeting” bem como para envio das atividades que, em comum acordo também, concordamos em realizar para fomentar o debate e para termos algum registro do que realizamos em nossos encontros virtuais temáticos, como os denominamos.

E em meio a esses intensos e cotidianos encontros virtuais, a presença do outro e sua amorosidade se fazem sentir em falta e distanciamento... O contato, olho no olho, mediado pela câmera ou realizado somente na virtualidade da imagem, impede a troca do calor corporal. A presença na frente da tela, com a imagem do outro à frente, não permite que nossas múltiplas linguagens, algumas adormecidas e outras não percebidas, ajam no ato/encontro na relação intensa com os corpos e emanções das almas de nossos outros, porque sentados estamos e tudo isso provoca-nos a produzir sentimentos e emoções, pensamentos e razões outras quando realizamos esses encontros virtuais! Saudade, angústia, aflição, nervosismo, ansiedade e outras emoções são sentidas ao mesmo tempo que alegria, carinho, nostalgia, saudade, comoção e outros sentimentos que nos fazem pensar tanto na tragédia que vivemos como humanidade que está por acabar com as riquezas naturais do mundo como na possibilidade que o que estamos vivendo transformará cada um em um defensor radical da vida humana na terra na relação empática com os seres da natureza, como nos ensina Krenak (2019)<sup>2</sup>.

São 10:29 horas! Dia 22/04! Hoje é meu dia de varrer a casa e passar pano antes do almoço. À tarde, as 14 horas, tenho encontro virtual temático com os estudantes que estão matriculados na disciplina de Didática. Meu filho tem aula de piano virtual às 17 horas e, por conta do local em

---

<sup>2</sup> Krenak, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Editora Scharwcz/Companhia das Letras, 2019.

que o piano está, é necessário que nos recolhemos em nossos quartos, para ele tocar e ouvir bem os ensinamentos do professor. Minha filha estuda muito, preparando-se para o vestibular no final do ano (será que haverá?) e está angustiada porque sua escola não está propondo nenhum arranjo para a continuidade das aulas, de modo remoto, para que ela possa se formar no curso técnico em eventos. Minha esposa, agora, em mais uma reunião colegiada para decidir os afazeres da semana na universidade pública em que trabalha e eu... Eu ainda estou inconformado e triste com as mortes de profissionais da saúde, com raiva por ver que parte da população brasileira, pelo menos 30%, ainda acreditam em um presidente irresponsável que prega a volta da economia em detrimento da vida... “Esperançar é imperativo!”, lembraria Freire (2002)<sup>3</sup>, mesmo que, no contexto atual, esteja bem difícil...

---

<sup>3</sup> Freire, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Editora Paz e Terra, 2002.



## VIDA E DOCÊNCIA EM TEMPOS IMPENSÁVEIS

Inês Ferreira de Souza Bragança<sup>1</sup>

Março de 2020, as dinâmicas da vida e do trabalho já corriam intensas: coordenação de graduação na Faculdade de Educação (FE), turma de estágio no Curso de Pedagogia, turma de Colóquios e Seminários na Licenciatura Integrada, cursos de extensão em movimento, *pesquisa-formação* caminhando no Grupo Interinstitucional Polifonia... Para tudo! Suspensão das atividades presenciais pela Unicamp no dia 13 de março, um susto, fiquei sem chão. O que está acontecendo? Sim, vinha acompanhando os movimentos de um vírus que foi entrando e habitando corpos humanos, produzindo medos, adoecimentos, mortes. Acompanhei notícias de que vinha se espalhando rapidamente, mas, até aquele momento, eram informações.

Fui atingida, me senti frágil.

E os planejamentos feitos, trajetórias pensadas para 2020 com tanto cuidado?

Fragilidade, vulnerabilidade, fui tomada por todo meu não saber.

Reagi firme.

Reorganizei a rotina, tempo de meditação, atividade física, trabalho doméstico e profissional. Foi fácil fazer um novo cronograma de distribuição das demandas no *espaço*-

---

<sup>1</sup> Inês Ferreira de Souza Bragança. Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Évora – Portugal. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP) e professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). E-mail: inesbraganca@uol.com.br

tempo, fácil fazer uma nova listinha, ilusões de controle sobre a vida que me escapava de uma forma que não conhecia.

A lógica era a mesma, reprodução da vida, agora no isolamento social do meu apartamento.

Primeiras semanas: caos!

Intensificação do trabalho, rapidamente todas as reuniões passaram a ser realizadas pelo *Google Meeting*, demandas da coordenação se multiplicaram de forma impensável, discussão coletiva de um plano emergencial para as disciplinas de graduação da FE, rotina doméstica, entre limpeza, organização, compras de mercado, preparo das refeições... Ao mesmo tempo, fui acompanhando o vírus e seus impactos, adoecimentos, caos no sistema de saúde, indignação com política de morte.

Dias de profunda tristeza, imobilidade, luto. A pandemia deixou de ser um conjunto de informações, passou a me atravessar na carne, senti dores, as dores do mundo, as minhas, das populações vulneráveis...

A rede de cuidado tem sido fundamental, família, amigos, grupos de lutas comuns, estudantes. Cuidado, sensibilidade, afetos, dores, composição que foi dando o tom de um outro *espaço-tempo* vital, não de reprodução, mas de (re)invenção cotidiana.

A relação com minhas três turmas de graduação faz parte desse cenário. Como eles estão? Quais as condições de isolamento, saúde e vida de cada um e de suas famílias? Convidei as turmas para encontros, não para aulas. Mas a aula não é mesmo um encontro, uma roda de conversa? É o que temos feito, encontros esparsos, em tempo reduzido, saraus, partilha das experiências de isolamento social, leituras, narrativas.

Divido aqui um segredo: tenho uma grande felicidade, a vida me traz pessoas que são presentes! Em uma das turmas conto com a companhia da Prof.a Alik Wunder, nos

conhecemos há pouco, partilhamos a coordenação de licenciatura, uma amiga com quem tenho aprendido muito. Ano passado, ela me presenteou com “Ideias para adiar o fim do mundo”<sup>2</sup>, foi profético, não sabia o quanto precisaríamos nos fortalecer para adiar o fim do mundo... Esse livro que, em fevereiro de 2020, já estava no planejamento de trabalho com nossa turma de Colóquios I, passou a ser leitura indicada para todos os meus alunos, orientandos e amigos.

O diálogo com Krenak e os estudantes segue mobilizando minhas reflexões que envolvem a vida e a docência nesses tempos impensáveis. Não temos como evitar a queda, mas podemos construir juntos paraquedas coloridos, dar forma a nossos sonhos, seguir esperando. E sobre a pergunta que fica: quais são as ideias, como adiar o fim do mundo? “É exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim”<sup>3</sup>. Esse é o convite-desafio que faço a mim, aos estudantes e amigos, vamos contar mais uma história? Oralmente, por escrito, desenhos, mandalas, imagens... Há uma história, muitas histórias que precisam ser contadas. Em cada uma delas, uma herança é tecida para novas gerações, as memórias ancestrais nos fortalecem e impulsionam, seguimos juntos!

---

<sup>2</sup> KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o fim do mundo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

<sup>3</sup> KRENAK, 2019, p. 27.



## NÃO DESPERDICEM UM SÓ PENSAMENTO

Jéssica do Nascimento Rodrigues<sup>1</sup>

Em oito de maio de 2020, encetei esta narrativa *Hic et Nunc* buscando conjugar a minha memória de passado e a minha memória de futuro<sup>2</sup> como ato responsável, por isso ético, ainda que movida por angústias, medos e inseguranças sobre a vida coletiva, justamente neste tempo em que sofremos uma ameaça pandêmica e política de proporções extraordinárias. Ora, desde o início da quarentena no Rio de Janeiro, já que trabalhadora da educação, não me ocorria nada que não fosse buscar na consciência histórica e de classe as explicações para a atual tragédia, porque é a vida concreta, material, em sua totalidade, aquilo que caracteriza a linguagem que uso neste texto para me referir aos dias que compartilho com outros sujeitos históricos, dos mais íntimos aos completamente desconhecidos (embora conhecidos em minha suposição). Se, segundo Bakhtin (2017, p. 86), “Tudo o que é efetivamente experimentado o é como alguma coisa que concerne simultaneamente ao dado e ao por fazer-se”, a vivência única e específica deste espaço-tempo como sujeito que sou com o/s outro/s e com o mundo carrega tal narrativa como enunciado e como participação,

---

<sup>1</sup> Jéssica do Nascimento Rodrigues. Doutora em Educação, UFF. Professora da Universidade Federal Fluminense - UFF. E-mail: jessica\_rodrigues@id.uff.br.

<sup>2</sup> Aproprio-me livremente de alguns elementos do pensamento de Bakhtin (2010, 2011, 2017), como a memória de passado, enquanto construção histórica de ideologias cotidianas e oficiais, e como memória de futuro, enquanto utopia orientada para o que virá.



que é engajamento, na unidade do evento que, de nós, requer muito mais aproximação que afastamento.

Na primeira semana, era a atmosfera da estupefação o que respirava nos cômodos da casa de vila, com meu companheiro e nossos animais, uma cadela e uma gata. A intensidade dos primeiros dias me deixou exaurida, já que me empenhava em compreender, em produzir sentido sobre o que eu lia e sentia nas telas e nos rostos das gentes. A contradição, inerente a uma sociedade como a nossa, deu-nos uma volta, um soco no estômago, empurrou-nos para frente e para trás, como peças do jogo da vida. Não sendo objeto, pensar sobre as ambivalências, as adversidades e as possibilidades históricas desse tempo me fez criar uma rotina produtiva para mim e, eu diria, para nós. Exercitar-me cedo, cozinhar mais legumes, ler alguns livros que ainda estavam precificados nas estantes (ainda com cheiro de novos) e escrever mais livremente algumas notas passaram a figurar como atividades impagáveis, imprescindíveis, inerentes a minha construção como sujeito histórico e ideológico que também é para si mesmo.

Porém, a tentativa de empreender normalidade à exceção não durou muito, até porque a manutenção das rotinas, embora pareça nos direcionar, é também o que nos conserva, fazendo-nos repetir o irrepetível como um alento à sensação de instabilidade provocada pelo vírus e pelo atual governo brasileiro, aliado a figuras das mais anacrônicas, porém das mais articuladas ao que mais causa temor aos que defendem uma sociedade mais igualitária e, por isso mesmo, alternativa a esta. Na segunda semana de confinamento físico, portanto, assaltou-me a realidade: de um lado, os “números” de infectados e de óbitos começaram a se avolumar; de outro, o presidente da república dava mais provas de seu descrédito na ciência (e na academia), saía às ruas para afrontar e arriscar as vidas que sobrevivem a duras penas. Foi aí que minha rotina se

tornou tristeza e solidão. Chorei um sem-número de vezes. Não sentia sono. Não acreditava em meu trabalho. Também não acreditava no trabalho de meus pares.

Essa inconstância, quase que uma bipolaridade, ficou nua nos diálogos com meu companheiro, com a minha terapeuta e com os meus amigos, situando novamente a consciência histórica e de classe num esforço de ler a memória de passado. O entendimento de que tanto a manutenção de uma rotina individual/individualizante quanto a desesperança colocavam-me no lugar de sujeito inerte. Nas últimas semanas, tal constatação veio me chacoalhar para bater as poeiras do imobilismo.

Não desperdicem um só pensamento  
Com o que não pode mudar!  
Não levantem um dedo  
Para o que não pode ser melhorado!  
Com o que não pode ser salvo  
Não vertam uma lágrima! Mas  
O que existe distribuam aos famintos  
Façam realizar-se o possível e esmaguem  
Esmaguem o patife egoísta que lhes atrapalha os  
movimentos  
Quando retiram do poço seu irmão, com as cordas que  
existem em abundância.  
Não desperdicem um só pensamento com o que não  
muda!  
Mas retirem toda a humanidade sofredora do poço  
Com as cordas que existem em abundância!

Relembrar alguns versos do poema *Não desperdicem um só pensamento*, de Brecht (2000, p. 89) é relembrar a minha pesquisa de doutoramento em que o citei para dizer que não só o fascismo alemão adormeceu, mas sobretudo que o curso da História é produto/processo humano, no

qual se somam a “irresistível sedução do Possível” e as “severas alegrias da Lógica”. O poeta, como quem junta vida e arte, como ato responsável, retira da ficção o status da utopia como irrealizável para fazer emergir a força da humanidade como coletivo e a óbvia (porque é mais óbvia do que nunca) viabilidade da transformação. Um vírus, assim tão de repente, tanto nos passa um filme (a que muitos de nós mal assistimos) quanto nos apresenta a irrecusável possibilidade-convite de produção de um novo roteiro.

Hoje, em frente à tela de um computador, escrevo como quem quer se levantar e ir para a rua. Retomados os trabalhos na universidade, articulo-me para me posicionar junto a meus pares sobre os rumos que a educação básica e o ensino superior tomarão durante e após a pandemia, planejo atividades com meus orientandos (ainda que virtualmente), refaço os planejamentos de disciplina mudando as escolhas que não deram certo... mas eu paro para cozinhar pratos saborosos, daqueles que ficam bonitos e aguçam a curiosidade dos vizinhos. É como recomeçar. Não como ontem, nem como amanhã.

## EXISTÊNCIAS

Juaciara Barrozo Gomes<sup>1</sup>

Fui convidada a escrever minha narrativa sobre ser docente no ensino superior e estar em isolamento social em virtude da pandemia que se espalhou pelo mundo. Penso em Gaston Pineau que considera a narrativa como a arte reveladora da existência. Paro e reflito sobre a minha existência e sobre todas as existências que no momento estão ameaçadas por esse vírus. Em meio a álcool gel, água sanitária, luvas, máscaras e notícias, muitas notícias, vou tentando compor o atual tecido da minha existência. O painel existencial é composto de muitos cenários. Penso no meu valor absoluto e no meu valor relativo – acho que aprendi isso, nas séries iniciais, lá com a Dona Heloisa, minha professora na escola primária. Meu valor absoluto, “pessoa humana” dotada de razão e emoção, com RG, CPF, passaporte, sexo feminino, parda... Meu valor relativo: mãe, avó, irmã, esposa, amiga, sogra, professora, líder de uma instituição religiosa... O painel vai sendo tecido, com a mistura dos valores absolutos e relativos. Preciso dar conta de minhas tarefas acadêmicas, preciso continuar produzindo, preciso dar prosseguimento a minha pesquisa de doutorado, mas agora também preciso cuidar, limpar, cozinhar, lavar. Como alinhar tudo isso? É uma situação inteiramente nova para todos nós.

Da rotina da casa, universidade, pesquisa, família, atividades sociais, fins de semana, momentos de descanso,

---

<sup>1</sup> Juaciara Barrozo Gomes. Doutoranda em Educação, PUC-Rio. Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: juaciarabarrozo@gmail.com

pouca coisa sobrou. Estou aprendendo a conviver com tudo isso junto, em um único lugar. É uma nova existência. Acordo, dou uma olhada nas notícias para ver o cenário mundial e local, começo a limpeza mais cuidadosa da casa – a ajudante foi dispensada para ficar em isolamento também com a sua família –, penso na importância de sua existência para mim e para o meu trabalho. Rute cuida de todas as tarefas domésticas. Agora me questiono: como ela consegue? Lembro que preciso colocar a roupa na máquina e pensar no almoço, mas preciso também ler aquele e-mail que a universidade encaminhou sobre a necessidade da implementação do trabalho remoto. Dou uma parada na limpeza e leio o e-mail. Trabalho remoto? Mas o que é isso? Vou ao Google e encontro a seguinte explicação “**Trabalho remoto** é, como o próprio nome diz, qualquer atividade que pode ser realizada à distância, facilitada pelo uso de tecnologia e de comunicação.” Preciso aprender isso, mas como ser docente “remotamente”? Até aqui, só exerci a docência face a face, olhando para os meus alunos, tocando, ouvindo, trocando. Como fazer isso remotamente? Não domino as metodologias da EaD, preciso da interação, mas também preciso me adequar às necessidades desse momento. Não sei se vou conseguir.

Paro, volto para a faxina, para o almoço, recebo um telefonema da filha, que pede abrigo porque não está aguentando a barra emocional que o momento impõe. Abro a porta, agora somos seis. A casa é grande e o coração também. Chegam os netos com seus sorrisos, peraltices e necessidades. O trabalho aumenta, lembro que preciso enviar alguns textos para uma orientanda que está escrevendo sua monografia, mas agora preciso voltar para o almoço. Refeição feita, hora de estudar, hora de entrar no aplicativo para a reunião do grupo de pesquisa. Não deu tempo nem para passar um batom e arrumar os cabelos, mas o texto foi lido.

Quando a reunião termina, é hora de me encontrar, também no App, com as pessoas do grupo religioso para o momento de fé, além de receber alimentos doados para organização de cestas básicas para aqueles que estão necessitando. A noite chega. E os textos para a orientanda? Esqueci. Corro para o computador. Tarefa cumprida. Inicio a leitura de um novo texto. Ao longe, ouço as notícias sobre a situação mundial, impossível não traçar um paralelo e pensar também na expansão do vírus e suas consequências. Não consigo continuar, penso na existência das pessoas; penso na existência daqueles que estão trabalhando nos hospitais; penso na existência daqueles que estão nas ruas trabalhando para que eu possa ficar em casa; penso nos meus alunos e nas dificuldades que eventualmente eles possam estar enfrentando; penso que, nesse momento, precisamos ter uma responsabilidade ainda maior com os “outros”. Não basta eu cuidar de mim, preciso também cuidar do outro, ter responsabilidade com minhas atitudes para não prejudicar o próximo ou mesmo o distante. Tudo isso só me leva a pensar exaustivamente no sentido que damos a nossas existências nesse momento tão ameaçador.

Abro o *Facebook* para olhar os amigos, vejo a seguinte mensagem enviada por uma ex-aluna: “Estava revendo as fotos de formatura e passei por essa. Senti vontade de te dizer o quanto sou grata a você, o quanto aprendi contigo e como te tenho como uma das minhas maiores e melhores referências sobre ser uma profissional humana, que sabe reconhecer o outro.” Obrigada! Sinto um afago no coração com essa mensagem de Pâmela. Será esse o sentido da minha existência: tentar viver humanamente e responsabilmente?



## DISTOPIA?

Leonor Werneck dos Santos<sup>1</sup>

Big Brother is watching you...

Big Brother is watching you...

Big Brother is watching you...

Naqueles tempos, acreditar no Big Brother significava assistir à televisão para acompanhar confinados voluntários que disputavam a liderança em uma casa, desejando ganhar muito dinheiro. Aos poucos, porém, quem estava confinado na casa televisionada era invejado e estava mais livre que quem estava do outro lado da tela.

Até que, certo dia, os confinados na casa passaram a assistir aos telespectadores de outrora.

A inversão da imagem não ocorreu de uma só vez; foi de pouco em pouco, sorrateira, sem que ninguém percebesse por que acontecia. Um dia, o que os confinados da casa diziam aparecia na tela. Na semana seguinte, frases dos telespectadores eram reveladas. Faz parte do jogo – disse o líder –, é para percebermos como gostam de nós.

Certa vez, aumentou a quantidade de dias para os confinados permanecerem na casa. É porque estamos fazendo sucesso e nos querem mais tempo na televisão - argumentou uma provável eliminada. Em seguida, mais ninguém entrava em contato com eles durante dias.

Sem entender o que se passava, os confinados chamavam, gritavam...até que decidiram se postar em

---

<sup>1</sup> Leonor Werneck dos Santos. Doutora em Letras Vernáculas, UFRJ. Professora Titular de Língua Portuguesa da UFRJ. E-mail: leonorwerneck@gmail.com



frente à tela onde sempre aparecia o apresentador, aguardando algum chamado. Foi então que um deles percebeu uma voz ao longe, depois uma imagem... Em pouco tempo, os confinados tornaram-se espectadores. E perceberam que estavam assistindo ao que se passava do lado de fora da casa, em vários países, aleatoriamente, sem ordem cronológica.

Viram corpos abandonados no chão, pessoas de máscaras, hospitais lotados. Políticos defendendo quarentena; outros defendendo economia; outros ainda defendendo campos de concentração para doentes. Assustados, os espectadores se perguntavam o que estava acontecendo. Sabiam de uma epidemia, mas não sabiam da sua gravidade. Tinham ouvido falar em álcool gel, mas não sabiam exatamente por que motivo todos se acotovelavam nas ruas para comprar um frasco.

E, afinal, por que alguns usavam máscaras no pescoço e não no rosto?!

Como nenhum eliminado da casa voltava ou conseguia fazer contato, os agora telespectadores na casa não sabiam o que se passava de fato.

Então, os agora espectadores passaram a se divertir com o que viam, achando surreal demais que aquelas falas e imagens fossem verdadeiras. Começaram a tentar descobrir incoerências para entender que tipo de brincadeira era aquela. Mas eram tantas as incoerências que ficaram confusos.

Então, decidiram entre eles que tudo não passava de uma artimanha para testá-los. E ignoraram o que viam e ouviam na tela. Afinal, devia ser mais uma prova do líder...

Até que os confinados do mundo real se calaram. E nenhuma imagem, nenhum som, foi ouvido pelos espectadores na casa.

Não parecia, mas talvez tudo estivesse voltando ao normal. Ou não...

## CINQUENTONA SUBGRUPO NA QUARENTENA

Ludmila Thomé de Andrade<sup>1</sup>

Estamos em 40tena desde meados de março, marco a sexta 13, dia que nesta minha marcação deixei de ir à rua. Logo de cara, ouvindo as primeiras informações difundidas, senti minha idade grande, pois estou vivendo a virada mesmo, sempre me dizendo se sou ainda uma mulher ou se já me torno uma idosa (senil), traçados sobre meu corpo detalhes sinais indeléveis e evidentes de minha idade, como meu braço meio gordinho, um certo jeito de cintura, umas manchinhas em forma de pequenas bolinhas, sinais de idade avançando... Tenho 55 e de imediato me auto-incluí no tal tão famigerado grupo de risco a que designam de idosos, mesmo quando diziam que seria apenas daqui a 5 anos, mas logo entrando na 40tena, vieram as notícias de que minha idade era com certeza subgrupo imediato de risco. Eu estava certíssima em minha intuição ou racionalidade impulsiva, pois sou efetivamente subgrupo muito almejado, ainda mais no Brasil, país mais jovem, em que as estatísticas foram reconfiguradas, em relação aos primeiros países atingidos. Talvez aqui tenhamos menos velhos bem velhos mesmo do que na Europa ou Ásia, o fato é que minha juvenil idade avançada virou só idade avançada em um segundo, sem nenhuma dúvida.

A voz da morte, a iminência da saúde a ser preservada. Sei cuidar de mim, sim, mas era preciso controlar-me sem excessos e sem exceções...

---

<sup>1</sup> Ludmila Thomé de Andrade. Doutora em Sciences de L'education, Université de Paris VIII – França. Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: lud@litura.com

Estou trancafiada numa casa muito linda, muito grande e com pessoas co-habitando à distância, confinadas também. Temos um jardim, os espaços ficam separados, e podemos não nos ver, só nos ouvir, se quisermos, mas temos de vez em quando nos “aglomerado”, de preferência do lado de fora, e feito algumas refeições com alguma distância corporal, mas estes momentos configuram uma companhia mais familiar, nos quais ficamos juntos. Churrascos são a escolha perfeita.

Aqui dentro, entre paredes e também no jardim, por dentro das cercas, passo meus dias de angústia, arremedos de alegrias remediadas, sono regular... Muito poucos sonhos, alguma ginástica, pegando um pouco de sol no jardim. Tenho visto bastante tevê e filmes, tenho tricotado cachecóis, toucas e tiaras para os amigos... A rotina das faxinas é muito exigente, de tempo, de corpo e de trabalho, e a do jardim também, mas esta última é mais adiável. Tenho me entregado para estes trabalhos braçais de forma bastante inteira, eles têm me feito sentir corporalmente habitando os dias, porque fica-se toda ali, cabeça, corpo, responsabilidade... Os trabalhos braçais têm me disciplinado muito. Na real, é a única coisa que faço de novo, que me toma com alguma novidade de felicidade, pois a dispersão é a chave, a clave, a pauta destes dias infinitos e às vezes tão curtos.

Não tenho conseguido atravessar a espessura da anormalidade desta nuvem que paira sobre o mundo, este estado de guerra e calamidade, estado de espera e expectativa, em que nos vimos ficar estagnados vendo os dias passando, não morrendo de fome, mas assustados que tanta gente possa chegar a não ter o que comer. Uma satisfação de estar abastecido acrescida acoplada a uma angústia que corta na raiz, a das desigualdades sociais, que maltrata os que não têm mais como comprar o que precisam. Cortantes tensões, pulsão de culpa por estar

onde estou, ter uma casa, uma despensa, força para cozinhar, limpar e costurar.

O vazio se instala, os dias passam sem horários, os sonhos se escondem em um passado, mas um dia eu sonho que achei a minha lapiseira que uso para marcar as leituras em meus livros de estudo e que está realmente desaparecida na casa. É uma lapiseira meio dourada, e no sonho ela está embaixo da cama, eu a encontro quando arrumo a casa, quando passo a vassoura embaixo de minha cama. Embaixo do meu sono, que é a única coisa regular que devo estar fazendo, acho a minha tão amada e linda lapiseira... Um sinal mandado lá de meu inconsciente que me quer salvar, dizendo-me “anote seus textos como antes, estude com o prazer que estudava, marque seus textos que lê, escreva suas notas, seus comentários, suas ideias boas, vale a pena, vai te ajudar”.

Não fui obrigada a retornar ao trabalho, fiquei somente com os grupos de estudo e pesquisa, fizemos reuniões *on-line*, portanto estou sem a companhia e interações de meus alunos, pois minha universidade é pública e tomamos esta posição. Decidi que escreveria uns 5 textos que estão aqui na ponta do lápis, na ponta do cursor, prontinhos, aproveitar o tempo estendido (embora compactado também) para uma outra produção que muito me alegraria e que na vida normal é mais facilmente adiada. Tentei, mas ficou mais na vontade (uma vontade dourada, abençoada, muito grande e potente), não se reverteu em textos terminados ainda...

Reflito sobre as durações que se tornam tão desencaixadas e concluo que talvez eu realmente quisesse estar fazendo alguma proposta de reflexão sobre os processos educacionais, sobre os modos de relação de ensino que se modificaram do dia para a noite, ou erram em tentar, pelo menos. Porém, como posso escrever qualquer coisa sobre educação se a educação se reverteu em

automatizantes esquetes *youtubizados*, destinados a preencher plenamente os dias de milhares de crianças, adolescentes e jovens que antes iam à rua, para se dirigirem às suas escolas todos os dias? Não posso escrever sobre o que não sei.

Passei imediatamente a pedir à quantidade de professores que conheço que fossem elaborando, eu semeando para começar a coletar depoimentos. Passei a observar, com muito interesse e sem avidez de compreender, os movimentos desesperados de professores que são exigidos a produzir aulas por trás das telinhas de celular, câmeras e notebooks, suas aulas passam a ser automáticas feito nescafés, a serem diluídas e sorvidas em casas dos alunos, por famílias que não são de professores, desesperadas por insuflar quaisquer migalhas de sombras de “conteúdo” escolar, que poderão provavelmente efetivamente significar inocuidade, movimentos vãos, em termos de aprendizagens significativas. Obrigam professores a mudar o gênero aula em sua forma, supondo que o conteúdo será idêntico. Querem colocar do mesmo, as mesmas informações conteúdos e aprendizagens oferecidas nos dias na normalidade da vida, anterior a esta pausa quase fim do mundo em que nos metemos. Impressionou-me de chofre a determinação sem reflexão, uma obstinação cega, de que, por automatismo, o ensino devesse ser reproduzido tal e qual, *ipsis litteris*.

Ninguém pode saber o que vai ser de nós, o que vamos deixar para trás. Sinto-me imprestável para refletir sobre qualquer tema, como poderia ainda ensinar alguma coisa? A situação geral para todos é certamente de destroçamento subjetivo... Em quê nos transformamos, o que nos foi destituído, o que acoplaremos ao que restar deste período de intensa experiência de solidões e de compreensões em que ressignificamos e redimensionamos

partes de nós esquecidas? Tornamo-nos crisálidas em metamorfose, sim, porque estagnados e repensando-nos e ao mundo (que talvez tenha já acabado, e o terá sido em um átimo), mas metamorfoseamo-nos para um futuro muito incerto, com muito mais incertezas do que jamais tivemos antes, em eras anteriores.

Na concepção que tenho dos processos educacionais, as heterogeneidades são a chave de riqueza das relações de ensino, e é com as desigualdades entre os sujeitos que interagem, dentro das quais eclodem as aprendizagens, em práticas docentes que nunca são apenas docentes. Polifonia do dialogismo: para se tematizar algum conteúdo, são imprescindíveis os diferentes pontos de vista, as distintas distâncias entre quem opina e discute e os objetos a serem aprendidos, os interesses são posicionados em um gradiente, desdobrando-se assim inusitadas configurações, constelando-se assim a surpresa dos módulos de aprendizagem. Ora, com os respectivos enclausuramentos, nada será parecido.

Com as novas e imaturas formas escolares tiradas de cartolas da exigência sem reflexão, as diferenças não poderiam aparecer, os diálogos se travariam por dispersão de solidões assistindo a partir de casas tão desigualmente dispersas, ou focadas.

Perguntava-me desde o início, como poderiam sujeitos quererem ensinar algo a sujeitos, se não seria possível suspeitar quem está em cada ponta deste fio de telefone sem fio. Brincadeira muito séria, mas houve esmero em rapidamente se montar a farsa em detrimento de esperar se acalmar para saber de que se poderia falar e com quem se falariam o que se considerassem conteúdos válidos a serem ditos. Aulas de ecologia? De religião? Aulas de Geografia, para que entendamos os efeitos da era do antropoceno? De economia, para compreendermos como podem se criar os poderes maléficos de uma sociedade

hiperpopulosa e das mais poderosas do mundo? Aulas de que? Dar aula num momento de tanta ignorância, de tanta dessubjetivação, tanta angústia e fome...

Minha quarentena tem sido assim, perdida e dispersa, inócua e cheia de ocios e ócios, reflexões sobre os nada, preparando-me para um futuro de que duvido muito. Se será possível, se haverá crescimentos. Duvido se estaremos mais mortos depois de tanto silêncio embalsamado dos dias atuais. Ou se estaremos mais vivos, buscando retomar o que não tinha acabado de ser, em que críamos, mas acabou perdendo a chance. Ou ainda, o que espero, que tenhamos coragem de abdicar de vontades antigas, certezas básicas e entreguemo-nos ao incerto encontrando sujeitos em busca de se encontrarem, abdicados eles também do passado que nos virou em vírus.

Solidão Lunar

Sua solidão

Minha solidão

Abrem seus clarões no meio da cidade vazia

Não há mais poluição

Não há mais gritarias e algazarras

É tudo um deserto

Morremos abastecidos emparedados em nossos  
seres

Sobem pelas paredes trepadeiras que florem  
marcando o tempo: fixadas heras (eras em horas)

Quando retomarmos

Quando retornarmos

Quando respirarmos o ar que pudermos poluir

Aglomerarmo-nos de novo

Será uma vida nova... de borboletas ex crisálidas de

Seres forjados em sua mutação solitária

Não encontraremos mais ninguém

Que possa compreender o que houve.  
Não saberemos mais ouvir nada

As músicas internas pairarão em silêncio grande  
Nos fones em orelhas monológicas.  
A cidade será silêncio e limpeza.  
Minha solidão terá crescido tanto.





## DIÁLOGO COM JOVENS EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL<sup>1</sup>

Luís Antonio Groppo<sup>2</sup>

Ao ser perguntado sobre os impactos da pandemia nas pessoas jovens, primeiro vejo a necessidade de considerar a diversidade de jovens e das juventudes no Brasil. A categoria juventude, legalmente, abrange pessoas dos 15 aos 29 anos, e é preciso ao menos distinguir entre adolescência (que, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, começa aos 12 anos e vai até os 18 anos incompletos) e o segundo momento da juventude (a partir dos 18 anos). Também, as diferenças sociais enormes, entre classes sociais, na distinção entre a condição rural e urbana, jovens da periferia e do centro, de grandes cidades e cidades pequenas, jovens da floresta, ribeirinhos, indígenas, quilombolas. Enfim, as diferenças de gênero, étnico-raciais, a diversidade sexual e até mesmo a religiosidade.

É preciso também considerar que ninguém, provavelmente, está deixando de ter prejuízos ou problemas com a pandemia, ou não deixará de ter, em todos os grupos de idade, em todas as classes sociais.

---

<sup>1</sup> Esse texto nasceu de uma boa conversa que tive com Yula Merola em live no *Youtube* sobre o tema “Juventude e coronavírus” em 21 abr. 2020, ao lado de estimadas e estimados estudantes da UNIFAL-MG e outras e outros jovens participantes.

<sup>2</sup> Luís Antonio Groppo. Doutor em Ciências Sociais, UNICAMP. Professor na Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: luis.groppo@gmail.com.

Mas jovens, em especial adolescentes, não são grupo de maior risco da Covid-19. Também, não são quem mais fazem uso dos serviços de emergência na saúde, nem serão quem mais se afetará por um eminente colapso dos serviços de saúde se a pandemia se descontrolar. Mas se alguém jovem sofrer um acidente, por exemplo, tiver trauma, precisar de leito de UTI e não houver vaga, não vai ser tirada uma pessoa idosa do leito para colocar tal jovem no lugar.

Os principais impactos têm sido na escolarização – seja Educação Básica, Ensino Técnico ou Educação Superior -, com aulas suspensas ou com atividades de modo remoto ou a distância. Vai haver prejuízos como o atraso em concluir o nível de ensino, ou fragilidades nas relações de ensino-aprendizagem.

Outros impactos têm acontecido no trabalho, em especial para jovens ou adolescentes com mais de 16 anos que precisam trabalhar, e, em decorrência, tem havido redução na renda da família. A crise econômica, que já era grave, quase que “permanente”, parece se agravar com pandemia e a necessidade de reduzir as atividades econômicas com as medidas de afastamento e isolamento social. As ocupações de jovens no mundo do trabalho, assim como sua renda, já têm sido afetadas, assim como para a grande maioria da população.

Há um forte impacto no lazer e nas relações de amizade e afetivas, algo tão importante para as juventudes, momentos e locais de construção de suas identidades, grupos de pares e projetos de vida. Jovens com mais acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) podem reduzir esse impacto, com jogos *on-line*, encontros virtuais, paqueras *on-line* e uso das redes sociais. Mas isso não é possível para todas as pessoas, ou o acesso é muito limitado. A desigualdade social e regional em nosso país se reflete também no acesso desigual às TICs e, portanto, a

alternativas escolares a distância, bem como ao lazer e relações afetivas.

Outro impacto também é vivido de modo desigual, como a necessidade de isolamento social. Jovens precisam ficar em casa e conviver com crianças e pessoas adultas e idosas da família em tempo muito maior do que antes, longe dos grupos de pares da escola, da universidade ou dos círculos de amizade. No entanto, tal contato forçado com diferentes gerações pode impactar menos para quem tem uma residência grande, com mais espaços reservados, recursos para recreação ou com mais acesso às TICs. Mas, para todas as pessoas, não apenas jovens e mesmo para quem tem acesso às TICs e melhores moradias, têm sido um grande desafio ocupar o tempo com atividades significativas, estabelecer relações afetivas sem o contato direto com seus pares, reconstruir as relações com as pessoas que com quem moramos, mas cujo contato era menos contínuo.

Para jovens das classes populares, tão ou mais desafiante tem sido a redução imediata da renda, incluindo a piora na alimentação, mesmo porque não há mais a merenda da escola. O desafio é como manter mínimas condições de vida, para o que as ações de apoio econômico do Estado são fundamentais. Há ainda o desafio da violência doméstica, que tende a afetar principalmente as mulheres, em tempos de maior isolamento.

Penso que a pandemia, ao lado de outros graves problemas como o aquecimento global e a crise econômica permanente, podem ser uma oportunidade para repensar o estilo de vida consumista, individualista, acumulador e insustentável a que nos acostumamos ou nos ensinam. O isolamento social, por exemplo, tem levado a uma grande redução da poluição nas grandes metrópoles mundo afora, como na capital paulista. Se prevê grande queda, na China, de mortes causadas por problemas respiratórios.

A Covid-19 é um dos frutos de um estilo de vida insustentável, na sua relação com a própria humanidade e a natureza – por exemplo, a proximidade massiva de seres humanos com a vida selvagem, de onde tem vindo ou retornado epidemias como a dengue, zika, febre amarela, gripe aviária e a Covid-19. Por outro lado, a medida mais eficiente para dirimir seus efeitos, o isolamento social, nos indica que é possível viver com menor consumo, menor circulação social e trânsito e trabalho menos intensivo.

Nas escolas e instituições privadas de ensino, as TICs e a Educação a Distância estão sendo usadas, principalmente, com a intenção de reduzir os seus possíveis prejuízos com a suspensão das aulas presenciais. Mas, mesmo antes disso, eram usadas sobretudo como redução de custos, não como um modo legítimo de ensinar e aprender que, se bem planejado, orientado e com bons recursos acessíveis a todos, podem trazer resultados interessantes. As TICs e a EaD podem, inclusive, ajudar a reduzir a circulação e o trânsito de pessoas para os próximos tempos que exigirão menos contato social e intercâmbio, por questões sanitárias.

Na universidade onde trabalho, pública, após muita polêmica, as atividades a distância foram suspensas na graduação, mesmo sendo sua adesão facultativa. Tanto por dificuldades de docentes, que precisam ter preparação para essa modalidade a distância, mas principalmente por falta de recursos tecnológicos dos estudantes. Também, tem contado a situação de angústia e medo diante da pandemia, que dificulta a concentração nos estudos, bem como dificuldade de trabalhar ou estudar em moradias repletas de gente.

Nesse diálogo com jovens, em tempos difíceis, de desafio para nossos modos de viver, de ocupar o tempo e até mesmo para a sobrevivência no dia a dia, aprendemos que a pandemia atinge a todas as pessoas, ainda que de

modos diversos. Podemos aprender a reconstruir as relações sociais, com base não mais no individualismo consumista e em um produtivismo insustentável. Em seu lugar, a solidariedade, a preocupação com as demais pessoas, de todas as idades e condições, o usufruto mais criativo do tempo e a valorização das pessoas não apenas por serem produtivas e consumidoras.



## SOBRE ANGÚSTIAS E ESPERANÇAS QUE O TEMPO ME DÁ

Luiza Alves de Oliveira<sup>1</sup>

A história que escrevo, essa mesma, começa tropeçando em aflições e dubiedades desse momento de isolamento social. Resolvo, então, agarrar-me a escassas palavras e frases que vêm à compreensão limitada do que vivo e sinto. Minha escrita encontra resistência para atravessar a garganta em nó e fica sem saber ao certo como a mulher, mãe, irmã, amiga, professora e outras em mim, podem romper a angústia que aperta o peito. Busquei, incessantemente, outra palavra que coubesse no meu sentimento, mas o que sei desse labirinto pandêmico é que uma dor imensa me sufoca desde que a realidade de um vírus tão letal se fez ameaça presente.

Mas a angústia, companheira de tempos sem abraços, de supressão de toques e presenças calorosas, sufoca e estreita meu pensar-escrever. Impõe obstáculos para que outras palavras me saltem de dentro. O engasgo chega a tal ponto que a escrita se perde, ausenta-se e me faz necessitar do tempo. Tempo, tempo, tempo, “senhor dos destinos”, como canta Caetano. Sim, paralisei por dois dias e só depois de dar tempo ao tempo, consegui retomar a escritura de mim mesma. A professora, atordoada entre responder *e-mails*, mensagens de alunos e orientandos, reuniões virtuais, selecionando artigos e tentando produzir outros, numa

---

<sup>1</sup> Luiza Alves de Oliveira. Doutora em Educação, UFRJ. Professora na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: luiza.aoliveira@uol.com.br.



mistura ziguezagueante que enreda os dias tão apertados, sucumbiu a um vazio de palavras e precisou esperar.

O tempo. O intervalo nas horas de escrita, mais uma vez, despertou poesias e músicas que me trouxeram o alento para continuar a pensar e escrever. Suspeitei esperar quando o tempo me trouxe os “Pequenos tormentos da vida” de Quintana. Imaginei o menino do poema a olhar o céu, azul e convidativo pelas janelas da sala de aula, ao mesmo tempo em que ouvia entediado disciplinas numa aula sem fim. Senti um desejo imenso de que algo acontecesse, além de bocejos e moscas, e me vi impelida a lembrar de possíveis aulas enfadonhas e cansativas que tenha dado antes. Será que esse tempo de agora me possibilita pensar em algo para que eu não venha mais suscitar pequenas grandes aflições como professora? Cismar e encontrar caminhos outros na docência é mais que provocação desse tempo tão obscuro. É carência e imposição que urge.

Leio mais um artigo, vejo as redes sociais, separo materiais para planejar uma aula sem tormentos nem cansaço. Mas e o tempo? Definitivamente, não sei, nem do tempo, nem de mim. Volto ao texto, buscando o fio do tecido que não quer juntar-se em trama. Puxei outro fio, engasgado em nós, emaranhado de palavras e sentidos que quase me permitiram concluir alguma coisa... Ah! Lembrei-me de lavar a roupa e não posso esquecer de entrar no Sistema Acadêmico para conferir a situação da matrícula de um orientando meu.

De repente, vejo-me sem tempo, mesmo com todo o tempo. O isolamento social me traz a difícil tarefa de fatiar o tempo do meu dia com fazeres domésticos, leitura de noticiários, mensagens e tantas preocupações banais. Lembro-me do nome do autor de um texto para indicar a outro aluno. Paro um instante diante da pia cheia de louça e anoto a lembrança, pois a memória parece não dar conta do tempo que o tempo me dá.

Mais uma vez, cantarolo Caetano e peço ao tempo que, “quando o tempo for propício/ ... eu espalhe benefícios”. Sim, tenho que estar bem para quando o tempo favorável chegar. Preciso pensar que tudo vai passar e poderei voltar aos meus alunos e alunas, entre sorrisos, abraços e afetos. Dentre tudo que venho pensando e planejando, poucas certezas, mas uma delas é incontestável: as aulas não serão como antes, já que seremos outros entre nós. Teremos que reinventar outro espaço-tempo de conhecimento na universidade e isso sim me faz esperar, já que algumas coisas estavam mesmo “fora do lugar”.

Retorno ao computador e abro o site do mercado. Preciso fazer compras que só chegarão daqui a dez dias e, até lá, vou me virando com o que tenho em casa. Abri o *e-mail* outra vez. Agora, preciso preencher formulários para o setor de pessoal da universidade onde trabalho. Finda a tarefa, volto ao teclado e pesco palavras para meu tecido, pois não o quero apertado, engasgado, mal arrematado e com remendos aparentes. Já basta o dia fatiado e costurado como colcha de retalhos, mas ausente do prazer que a arte nos dá.

Repetidamente, viver se mostra tão complexo e repleto de distâncias. Dedico-me a estabelecer mais proximidades e desembainho mais um fio do texto que conto. Por ora, na fração do tempo de escrita, atento ao quanto sempre estivemos ligados, uns aos outros, com fios invisíveis e embaraços. Logo, entre lonjuras, busco fortalecer os laços e bordar histórias de (en)cantar. É nessa hora que meu vô José invade minha frágil memória diante das urgências que fazem meus dias. Aquele homem, que carregava as marcas do tempo em seu rosto, com cabelos brancos bem fininhos, trazia nas mãos muitas experiências, sustentos e estripulias que me ensinaram a ser e querer contar. O desejo e a saudade me fazem imaginar e compor um pequeno livro infantil sobre o ofício de narrar. E nasce, naquele momento, uma história para crianças e adultos, suspeitando que as palavras

começaram a vencer o nó da angústia. Mas também é preciso confessar que Walter Benjamin me provocou a alinhar as duas histórias (esta e a de meu avô) ao abrir-me as janelas do discurso vivo na arte de narrar. Assim foi: isso tudo, bem misturado e temperado, me fez contar.

Porém, careço de finalizar as emendas, costurar os ajustes, cortar as pontas do que (não) sobra na minha contação. Diante do computador, digito outras partes quando uma conversa infantil invade meu silêncio. Paro para escutar os dois meninos que proseavam nas varandas de seus apartamentos, situados logo abaixo do meu. Afastados pela estrutura dos blocos, Nicolas chama Mateus e propõe mais uma brincadeira. O primeiro dita os números em sequência: “sete, oito, nove, dez... Como é o dez mesmo? O um com o zero! Ah, tá!” Mais dez minutos se foram e aqueles dois garotos me presenteavam com a eternidade de brincar com o tempo sequenciado, mas numeroso demais para meus dias de isolamento. Sim, as crianças contam... O tempo.

Observo atentamente meus retalhos costurados e até consigo antever uma tímida docência em meio a vivências comezinhas da rotina de dona de casa. Ultrapasso as linhas tortas e costuro-as enviesadas para que não só de angústia e estreitas malhas se faça meu tecido. Sinto que os fios entrelaçam uma trama que, ao menos, se quer coberta para aquecer a alma que tanto sente falta dos encontros cotidianos e, antes, aparentemente desimportantes. Então, compreendo que as mãos artesãs já compuseram linhas adicionais e uma “felicidade clandestina” me invade. Ah, Clarice, que bom que você existe em minha vida. Apaixonada pelo que escrevo até me sinto cúmplice de mim mesma na experiência de viver um tempo com menos angústia, mas repleto de esperanças. Sim, ainda há tempo para esperar a docência que o tempo me dá.

## NO CALOR DAS “BALBÚRDIAS” EM SALA DE AULA

Márcio de Albuquerque Vianna<sup>1</sup>

Professor trabalhando em *home office*... Isso soa estranho, não? Lugar de professor é em sala de aula! É naquele espaço físico onde interagimos, debatemos, lemos, escrevemos, cortamos, colamos e dobramos papel, usamos *softwares* educativos; onde nos divertimos, nos emocionamos com falas e depoimentos de vida, onde divergimos em opiniões, onde nos tocamos com apertos de mãos e abraços no início e ao final das aulas. Ou seja, um lugar de contatos e afagos físicos, de emanação de energia e de emoção, geralmente aquecidos pelo calor humano no sentido mais literal da expressão, sobretudo, nos dias de verão da calorosa Seropédica.

Desde que comecei a atuar como profissional da Educação Básica, a sala de aula foi o lugar de refúgio, de recarga de energia e de esperança no futuro, apesar de todo o cansaço, de alguns estresses e da concentração necessária para os processos interativos da educação formal. Após atuar por 15 anos no Ensino Fundamental e Médio e, mesmo após ingressar como docente na UFRRJ, sempre adentrei em sala de aula narrando a satisfação de estar com meus alunos e alunas... A sala de aula é o espaço de uma breve pausa dos problemas burocráticos e administrativos da carreira docente universitária; é onde posso criar as ‘utopias’ necessárias na busca por uma

---

<sup>1</sup> Márcio de Albuquerque Vianna. Doutor em Ciência, Tecnologia e Inovação – Políticas Públicas Comparadas, UFRRJ. Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: [marcioviannamat@ufrj.br](mailto:marcioviannamat@ufrj.br).

educação emancipadora, mais inclusiva, mais viva e reflexiva, que posso chamar de “balbúrdias acadêmicas” tão necessárias para a formação de professores como intelectuais transformadores, como na visão de Henry Giroux. Digo “utopia” não como lugar inalcançável, mas como meta, horizonte a ser atingido; como ponto de partida, embora considere um caminho árduo e sem uma possível chegada.

A racionalidade e o “pieguismo” se entrelaçaram continuamente em minhas aulas, nas quais a matemática nunca foi apresentada como uma “má temática”. Essa componente curricular sempre foi tratada como uma “boa” ferramenta para compreender o mundo de forma crítica, assim como as relações entre vidas que nele habitam: seja a vida humana, assim como a de qualquer outra espécie presente no nosso planeta. Conversamos sobre esse mundo tão cheio de mistérios e enigmas que a nossa “vã filosofia” não consegue sequer vislumbrar. Discussões estas que nos fazem refletir sobre coisas como a atual pandemia do Coronavírus, que não sabemos compreender como surgiu, quais os seus significados e quais as suas “mensagens” para nós, habitantes da Terra. Penso que pode ser uma mensagem de súplica deste “organismo vivo”, cujas teorias de James Lovelock o denominam por “Gaia, a Mãe Terra”. Gaia estaria puxando nossas orelhas para que desaceleremos esse pulsar frenético que vem se tornando a nossa vida na pós-modernidade? Estaria ela nos “punindo” com toda essa turbulência de ações que vêm maltratando e desequilibrando a biosfera? Ou com essa vida insana que nos torna meros fabricantes de tempo para todas as nossas infinitas demandas de atividades, exigidas por agentes externos e pelo agente interno mais atroz que somos nós mesmos?

Creio que esse momento de medo, apreensão e isolamento esteja nos ensinando a respirar, a olhar todas essas conexões de sentimentos que deixamos em segundo

plano em nossas vidas, quando, inúmeras vezes, priorizarmos experiências fúteis e fugazes. Sinto falta de estar com pessoas, de olhar novas paisagens, de confraternizar, de dirigir em estradas, até mesmo de enfrentar o engarrafamento no Km 32 da antiga Rodovia Rio-São Paulo (óh, como resmunguei naquele trânsito caótico), caminho para o meu local de trabalho. Sinto falta de estar com os meus alunos, de poder contar para eles que educar é valorizar as coisas que nos são mais caras: as nossas vidas, a nossa existência, a nossa profissão e a nossa missão.

Quero voltar a contar para eles, futuros professores de matemática e futuros pedagogos e docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sobre minhas escolhas de vida, das escolhas da profissão, sobre as minhas experiências de quando fui educador da Educação Básica em escolas municipais e estaduais de áreas carentes; meus êxitos e minhas dificuldades. Exponho-me dessa forma em todas as turmas em que atuo, logo no primeiro dia de aula. Minhas histórias de vida são devidamente contadas, recontadas e respaldadas pelas escolhas teóricas que fiz e que abordamos ao longo do semestre letivo, para que sirvam de exemplo – ou não – em suas trajetórias docentes e acadêmicas futuras. Sinto falta de falar com eles sobre a minha vida, sobre as minhas angústias, minhas inquietações, minhas indignações etc. Faço isso porque acredito na importância de oferecer-lhes uma percepção transparente da minha vida e da minha alma. Conto todas essas as coisas porque, de certa forma, tal atitude me assenta num divã que beira às práticas da catarse, cuja intenção, mesmo que de maneira inconsciente, os constituem como meus “analistas”, assim como ocorre naqueles grupos de apoio que vemos em filmes. Com isso, me posiciono frente a eles de peito e coração aberto, na busca por uma relação mais horizontal entre professor-aluno. Falo sobre essas coisas que venho aprendendo com

o saudoso mestre e eterno pensador Paulo Freire. Em meio a toda a complexidade que é o “fazer educação” no Brasil e num mundo repleto de desigualdades nas suas várias dimensões – econômica, social, cultural, ambiental etc. – sinto que eles me ajudam a refletir com mais realismo sobre tais questões a partir das suas experiências de vida. Contudo, sempre preservo as minhas utopias progressistas de resistência e de posição política frente às injustiças sociais. Minhas aulas são “balbúrdias” reflexivas. Uso essa palavra no sentido mais irônico possível, pois a mesma (re)surgiu recentemente nos discursos presentes nos movimentos mais conservadores da educação brasileira.

No sentido de amenizar a tristeza que sinto pela ausência do “calor humano” venho, neste isolamento social, a organizar reuniões virtuais com os meus orientandos individualmente e com os membros do grupo de pesquisa em Etnomatemática e Etnociência que coordeno, assim como de outros grupos dos quais participo (do PEPEDT – Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão em Desenvolvimento Territorial, que atua junto ao Colegiado Territorial Rural da Baía da Ilha Grande), além das reuniões obrigatórias de trabalho (do Colegiado do departamento ao qual sou vinculado, do mestrado que coordeno, do Conselho de Unidade, da Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação etc.).

Tenho me organizado nesses tempos de pandemia para essas novas “balbúrdias” à distância. Essas, entre tantas outras atividades que venho desempenhando como pesquisador (que não interrompi ao escrever e coordenar artigos, capítulos de livros, orientações de alunos e, sobretudo, este texto visceral), como coordenador de um programa de mestrado, como extensionista nos dois cursos que tenho planejado para a população local, como pai ao auxiliar o meu filho nas tarefas escolares em um imprevisto e improvisado *home schooling* a fim de manter o seu hábito de estudo neste afastamento da escola, como marido nos

afazeres domésticos, como filho de pais idosos doentes e situados em grupo de risco pelos efeitos do Coronavírus, entre tantas outras atividades cotidianas.

Felizmente, possuo uma vasta rede de parentes, de amigos, de companheiros de trabalho, os quais comungam da necessidade de estarmos em constante diálogo em ambientes virtuais e redes sociais, via *Internet*, para que a reflexão, tão necessária nesses tempos difíceis, amenize nossas angústias e desejos do “estar lá”, juntos, fisicamente. Isso surge pela necessidade de ouvir e de ser ouvido sobre nossas complexas percepções daquilo que mais nos aflige: a solidão física e o isolamento, para que, mesmo que ainda estejamos no conforto dos nossos lares, juntamente com os nossos entes mais queridos como cônjuges, filhos, pais, nossas casas não sejam sentidas como “prisões sem grades”.

Com a situação que se coloca na atual crise sanitária tive que me reinventar ao buscar novos meios, novos caminhos, para que pudesse manter o elo que me une aos meus alunos e colegas de trabalho, enquanto educador-pesquisador-extensionaísta-gestor. Percebo ainda que, mesmo após este longo período de isolamento social, os contratos didáticos acerca da relação professor-aluno ou professor-professor não serão os mesmos que antes. As relações e as (infra)estruturas deverão ser repensadas, redimensionadas e rediscutidas para novas situações que, porventura, possam ocorrer no futuro, como essa que experimentamos na atualidade, embora espere por dias melhores, sempre!

Quantas saudades das “balbúrdias” presenciais e do calor humano das minhas salas de aula, nas reuniões e orientações!!!

Rio de Janeiro, 22 de abril, outono de 2020.





## CARTA

Marcos Estevão Gomes Pasche<sup>1</sup>

Seropédica, 11 de maio de 2020

Graciliano,

Não houve muita hesitação antes de escrever, porque tenho tentado não empolar os compromissos. E este contato não é espontâneo. Fizeram-me um pedido, eu o recebi como obrigação e aí vai o resultado. Explico para deixar claro que eu não aborreceria a sua reserva apenas para entreter o meu tédio (que sequer existe neste momento) ou para ostentar contato com um escritor renomado. Daí o vocativo direto, necessário à correria e afinal coerente às lições de quem repudiava penduricalhos. Também prefiro poupá-lo de perguntas do tipo “Como vai?”, que imagino desrespeitosas a um morto.

Há algumas semanas dizem que o mundo parou e que está outro, mas dentro do escritório a engrenagem prossegue. E não prossegue como antes, porque da repartição chegam diariamente orientações e normas para enquadrar a pletora habitual. O fascismo que lhe botou na cadeia sem qualquer condenação voltou ao centro do poder, e enquanto pobres e miseráveis entram cada dia mais na mira do vírus e da escassez, os capangas do capital se ocupam com planos para exaurir e esmagar serviços e servidores públicos. O mundo parou, mas a minha classe

---

<sup>1</sup> Marcos Estevão Gomes Pasche. Doutor em Literatura Brasileira (UFRJ). Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: marcospasche@uol.com.br.

não pode parar, devendo inclusive prontificar-se de imediato a sacrifícios em nome do equilíbrio geral.

É possível que você já saiba do quadro. E eu não pretendo mesmo lhe dar notícias. O que me interessa é a confissão, cabível apenas a quem não oferta ombros ou conselhos.

As notícias de interrupção geral trouxeram a ilusão de um período de vácuo, e a ilusão trouxe as suas *Memórias* para a mesa. Após tanta espera, era a hora de enfim saber se os detritos das cadeias em que tenho entrado fazem alguma diferença ao olhar. Mas em pouco o volume na mesa se mostrou indevido, tomando espaço de demandas úteis e com prazo curto. O mundo parou; a minha classe não.

Ao correr destes recentes dias, dois grupos se formaram: o dos que não veem qualquer risco, apinhando lojas e botequins; e o de quem se recolhe por sentir que o perigo ronda do acordar ao dormir, e ainda vem roçar o sono. E se um grupo perturba pelo descuido e pela indiferença, o outro o faz justamente pelo oposto. Este talvez julgue o ócio um fato absoluto, e distribui seus cuidados como quem semeia avalanche. Todo dia e a cada hora chegam mensagens com caras e vozes, mandadas por remetentes que não suportam o silêncio – o deles e, agora sei, o dos outros. O telefone e o computador vão se entupindo de resiliência, de gratidão e de afeto – essas palavras que se desmascaram ao menor sinal de descompasso. Uma cartilha apregoa acolhimento irrestrito, mas negligencia o capítulo das perguntas, adiando uma pedagogia para o sofrer.

Até do setor acadêmico chegam preocupações perfumadas e benevolências de ocasião. Trata-se do mesmo setor que há anos joga no chão da indiferença e para as gavetas do corporativismo o roteiro de infrações e de desrespeitos que um bandalheiro desprezível ostenta

sorridentemente, patrocinado pelo dinheiro público, perturbando ambiente e pessoas. É o tipo do precedente pelo qual os referidos capangas agradeceriam efusivos. Fosse eu um Paulo Honório, responderia sugerindo que enfiassem suas perguntas e carícias todas no cu, e que se fodessem bem com sua hipocrisia. Sou, no entanto, um professor: devo continuar.

Falei de gente instruída e posicionada, mas o comum das gentes não traz qualquer contraste. Você sabe que voltei para a antiga casa desde que tudo se fez lâmina, e suportar esta rua – seus cachorros, sua fumaça de caminhão e seus vendedores ambulantes – escancaram o quanto de araque há na minha fraternidade e nos meus anseios igualitários. Perto da minha casa estão outras três ou quatro infalivelmente esporrentas em finais de semana e feriados, pouco importando se em arredores ou ao lado a morte resvale ou já tenha atravessado o portão. Empanturram-se e mijam no silêncio e no recolhimento dos outros.

Em horas assim, em que o ruído ulcera os ouvidos e o ódio encharca a boca, Paulo Honório me volta ao pensamento. Eu quase me mastigo por não mandá-los todos às desgraçadas putas que lhes pariram e por não me vingar tacando cabeções-de-nego em suas casas pela madrugada, arrombando seu sono impune. “Justiça e saúde é o caralho! Eu quero mesmo é que vocês se explodam!”, eu me lambuzaria, saboreando depois a trovoadas de cada uma das bombas didáticas e civilizatórias em seus quintais. Só que eu não sou Paulo Honório, nem invento um como você inventou, grave e agudo descarrego da ranzinze militante que lhe fez de você figura ainda mais admirável para mim. Eu me enchi de histórias de santos e guerrilheiros. Domesticado, me estraguei para a selva cotidiana, e ainda cumprimento esses trastes como se os estimasse sem reservas. A culpa é também sua.

Já vou concluir. Como vê, o escrito é inútil. Sei que você não é dado a esses chocalhos de subjetividade, nem eu me dou a escritos que ultrapassem o comentário sobre livros. E preciso cuidar de relatórios e editais. Pediram-me um registro deste período. É atrasado e letal. Quanto a mim, as *Memórias* voltaram para o poleiro dos enfeites intelectuais. A rotina é um inferno, Graciliano, e a quebra dela não tem sido diferente. Sei que incomodo, me desculpe.

Um professor.

## PANDEMIA, A QUE VIESTE?

Nivia Maria V. Costa<sup>1</sup>

Da ficção, à realidade! Quem diria que o ano de 2020 nos faria viver um cenário global de mortes, medo e incerteza pela vida, em tão poucos meses. Emagrecer, casar, ter filhos, estudar, conseguir um emprego... quantos sonhos foram tramados e desejados na virada do novo ano?

Pandemia! Tudo mudou. Ficar em casa e sobreviver, esta é nossa lei. Este é nosso lema. Qualquer outra coisa agora se tornou segundo plano.

Pandemia nos trouxe de volta para casa! Pandemia nos fez olhar menos para o ecrã e mais para dentro de si! Pandemia nos fez refletir sobre a vida, sobre a existência! Pandemia nos fez valorizar a família e a querer estar perto!

Pandemia, a que vieste? Para o bem ou para o mal? Para salvar ou condenar? Para trazer a morte ou a vida?

Se eu fosse um peixe diria, nunca vi mares tão calmos e limpos! Os pássaros devem pensar, mas o que há com o ar que está mais leve e fresco, como minhas asas nunca assim o sentiram?

Por ora, a humanidade está de trégua com a natureza. Por ora, produzir é menos importante que estar vivo. Por ora, veem-se as estrelas no céu e os peixes nos canais de Veneza, que antes julgavam já não existirem.

Que houve? Pandemia! Vieste para o bem ou para o mal? Para unir ou separar? Para aproximar ou distanciar? Para crer ou descrever?

---

<sup>1</sup> Nívia Maria V. Costa. Doutora, Mãe, Pesquisadora e Professora do IFPA - Campus Bragança - PA. E-mail: [nivia.costa@ifpa.edu.br](mailto:nivia.costa@ifpa.edu.br) .

E quem sou eu em meio a tudo isso? Sou luz ou trevas? Paz ou discórdia? Medo ou esperança?

Quantas questões! Não fosses tu pandemia, eu as teria feito? Quem és tu, afinal? Vieste para o bem ou para o mal?

Desde que gerei meus filhos, nunca os tive por tanto tempo juntos, dia e noite. E estar perto nos faz querer ser um só. Mesmos desejos, pensamentos, alegrias.

Pandemia... Quem és tu? Me trouxeste meus bens mais preciosos para junto de mim, em tempo integral. Deverei eu agradecer-te algum dia? Deverei eu dizer que trouxeste tanto bem, que o mal se dissipou? E os que se foram contigo? E a dor que causaste aos que ficaram sem pais, filhos e seus amores?

Pandemia... foi realmente preciso devastar para semear? És uma cruel incógnita, talvez nunca desvendada.

## FICAR EM CASA: REAPRENDER A VIVER E A CONVIVER

Norma Cristina Vieira<sup>1</sup>

Nunca tinha parado para pensar, de maneira bem minuciosa, o quanto a nossa casa pode ser o melhor lugar do mundo ou o pior. No meu caso, nem um e nem outro, porque pouco gozava de tempo para perceber o quanto pode ser prazeroso o estar em casa.

A minha casa estava mais para casa de passagem que para um lugar onde eu pudesse sentir verdadeiramente tudo que ela representa. Isto porque eu estava mais tempo fora dela, quase sempre pelo trabalho e por toda rotina que se soma a ele.

Estar em casa é sentir, e para tanto é necessário viver a energia e a harmonia de tudo que compõe este lugar também chamado de lar.

Neste tempo de pandemia, Covid-19, a recomendação é **FICAR EM CASA**. Para muitos, um enorme sacrifício, para outros, uma grande oportunidade. Estou no grupo das oportunidades, porque tenho feito coisas, simples e complexas, que nunca tinha me permitido antes. Pintar a casa, lavar, organizar o armário, cuidar das plantas, do jardim, dos livros, do quintal, planejar pequenas reformas, conviver integralmente com a família. Olhar para estas

---

<sup>1</sup> Norma Cristina Vieira. Doutora em Biologia Ambiental, UFPA. Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA), Universidade Federal do Pará - UFPA, Campus de Bragança (CBRAG). Coordenadora do Grupo de Educação Socioambiental (GUEAM). E-mail: normacosta@ufpa.br.



tarefas, não mais como estrangeira que está de passagem na própria casa, mas como parte de tudo, parte dela.

Foi preciso parar, forçadamente, para perceber que meus três filhos, Ryan Mateus, Romenson Filho e Maria Enita estão crescendo e pouco tenho acompanhado tal processo. Temos realizado muitas atividades, em casa, juntos, em família. Estamos conseguindo olhar coletivamente para mesma direção, discutindo, rezando, aprendendo, ensinando, sempre um na companhia do outro. A troca tem sido nossa maior companheira.

Em tempos de pandemia, entendemos, ou deveríamos entender, que educação não se resume à escola. Educação é uma palavra ampla constituída de diferentes saberes tão importantes e fundamentais quanto os aprendidos nos currículos escolares. Dentre estes saberes, estão aqueles socializados especialmente em casa – respeito, amizade, afeto, alteridade, cordialidade, generosidade, coletividade, e que em boa medida, tem-se perdido, principalmente, pela rotina de trabalho dos pais e pela invasão, quase sempre necessária, das tecnologias digitais dentro das famílias.

Quanto aprendizado há no gesto de um pai ensinando o filho a fazer o arroz para o almoço da família? De uma mãe aprendendo com a filha a manusear os aplicativos digitais de interação social? Ou de um avô ensinando o neto a fazer o fogo para assar um peixe?

São muitos os saberes explícitos e implícitos construídos em convívio familiar, em casa, com o outro. A pandemia nos trouxe, para além das dores, perdas e frustrações, momentos de crescimento e aprendizados.

Percebi que cultivei flores e não disponibilizei de tempo para apreciá-las. Pelas circunstâncias do Covid-19, vejo minhas plantas sorrindo, diariamente, por meio de suas flores. Observei que há um ninho de pássaro no meu quintal e ventos que se comunicam através de seus gritos sucessivos. Às vezes, chega a assustar pela falta de prática

em ouvi-los. Como estamos afastados da irmã Natureza! Nosso bem precioso.

Pelo Covid-19, muitos conheceram o sofrimento através da morte dentro de suas casas. São muitas vítimas no mundo, no Brasil e na Amazônia, inclusive nossos irmãos indígenas também tiveram seus lares invadidos pela pandemia.

Escancarou-se a desigualdade de classes quando nem todos podiam ficar em casa, simplesmente porque não tinham casa. Realidade antiga, presente, mas velada pela sociedade capitalista. O Covid-19 visibilizou nossa vulnerabilidade. É preciso mudar de atitude, rever valores, distribuir renda, tratar o próximo como uma extensão de si. Difícil? Sim, bastante, porém necessário.

Temos que reaprender a viver e a conviver.

Importante iniciar, sobretudo em casa, reflexões e novos comportamentos que possibilitem os/as mais jovens entenderem que é necessário agir com humanidade, seja com outro humano, seja com o não humano – a natureza e todo seu sistema.

O “ficar em casa” também tem intensificado a assimetria de gênero, o peso da domesticidade para muitas mulheres, bem como as violências contra elas, principalmente por seus companheiros. Nestes casos, como em muitos outros, a casa, quase sempre, é o pior lugar do mundo, um território permeado por estruturas patriarcais e relações de poder.

A casa, muito mais que um lugar físico, é o resultado do conjunto de relações afetivas construídas com pessoas, com animais, com plantas, com a vida. A casa é o interior de cada um de nós, nosso íntimo, o abrigo aconchegante da sensatez ou da insensatez. Aqui, residem nossas ideias, ideais, amores, desamores, medos, frustrações, conquistas. Daí porque cuidá-la, zelar pela sua plenitude.

Em tempos de Covid-19, o ideal é **ficar em casa**.



## CARTA AOS QUE VIRÃO DEPOIS DE NÓS

Rosaura Soligo<sup>1</sup>

Caros leitores de um tempo que ainda virá,

Talvez vocês não saibam, mas houve uma época nesse mundo em que todos os dias pareciam fins de semana. Pode até parecer interessante, já que sábados e domingos sempre foram objetos de desejo desde que o trabalho formal existe na história da humanidade. Mas não era bem assim...

Talvez vocês também não saibam, mas dizem que na cabeça de um alfinetinho daqueles de rascunhar costuras cabem milhões e milhões de microorganismos megaminúsculos – os chamados vírus. Os vírus são organismos tão micro que são medidos por milimicro (ou nanômetro), que significa um bilionésimo de metro, isto é, 0,00000001, número que com certeza vocês nunca usaram. Um vírus tem apenas algumas dezenas de unidades dessa medida. Na verdade, nada disso importa se pudermos imaginar que se trata de algo ínfimo e inalcançável aos olhos, porém capaz de causar catástrofes incalculáveis e revoluções impossíveis até então – algo mais leve do que o ar, sequer considerado vivo por muitos cientistas, capaz de, em poucas semanas, subjugar um planeta inteiro. Um organismo mínimo de efeito devastador máximo e que – vejam vocês – não resiste à espuma de sabão.

Acham vocês que só pode ser brincadeira? Algo altamente destruidor que, no entanto, antes de se alojar

---

<sup>1</sup> Rosaura Soligo. Doutora em Educação, UNICAMP. Coordenadora de Projetos do Instituto Abaporu. E-mail: rosaurasoligo@gmail.com

nas pessoas, sucumbe a uma espumazinha qualquer? Parece ironia, mas é isso mesmo.

E aqui vou contar então um pouco, só um pouco, da história inesperada que aconteceu no início dos anos 20 do Século XXI, por obra de um vírus que surgiu no interior da China, sabe-se lá como, e em semanas já havia se espalhado pelos quatro cantos do mundo provocando uma pandemia até então inédita.

Nada direi das mortes, muitas, nem das tristezas, infinitas. Direi das mudanças, algumas, que foram se fazendo em consequência da pandemia.

Foram tempos em que, para vocês terem uma ideia, as crianças e adolescentes não iam para a escola, tinham de fazer atividades escolares em casa e não podiam sair para nada, nada, nada. A casa virou o lugar de todas as coisas e não era possível receber visitas que pudessem oxigenar a convivência doméstica.

Foram tempos em que escolas e educadores não sabiam o que fazer para funcionar sem ninguém presente e, no entanto, funcionaram como nunca antes, às vezes freneticamente, às vezes cegamente, quase sempre dos dois jeitos, fazendo o que lhes parecia melhor para os alunos – que nem eram assim tão alunos, uma vez que estavam em casa, e lá eram filhos, netos, irmãos.

Foram tempos em que adultos trabalhavam sem ir para o trabalho, orientavam lições sem ser professores e cuidavam do lar e de si nos intervalos.

Foram tempos em que os profissionais da saúde todo dia eram aplaudidos de pé.

Foram tempos em que se perseguia frestinhas de sol e lua nas janelas para o raro prazer das pequenas coisas.

Foram tempos em que looks cobiçados eram roupinhas de ficar em casa, roupas de bater, como diziam as avós antigas.

Foram tempos em que muita gente teve a ilusão de que sobriariam horas para cuidar das tarefas preteridas, só que na realidade não foi assim.

Foram tempos de desinfetar compras com rigor milimétrico, remasterizar saquinhos de supermercado, faxinar a casa, inventar iguarias com sobras guardadas, fazer bolo e pão, ver filmes nas plataformas de *streaming*, ter aulas de ginástica *on-line*, saborear literatura, revirar os baús, ouvir música e dançar, assistir a *lives* de todo tipo...

Tudo que era encontro na versão tradicional foi proibido: namoro, conversa de bar, campeonato, baile, espetáculo, reza, desfile, procissão, passeata. Festas de todo tipo. Sim. Porque as aglomerações estavam (ao menos oficialmente) suspensas. Beijo, sexo, abraço e aperto de mão só se estivessem na mesma casa... Difícil isso, não é? Podem imaginar?

Para vocês terem uma noção das coisas estranhas que aconteceram nesse período de isolamento em casa, um *reality show* de confinamento público chegou, no Brasil, ao recorde inacreditável de um bilhão e meio de votos para eliminar uma pessoa do jogo, um marco inesperado que entrou até para o *Guinness Book*. E as novelas, ícones do entretenimento nacional, foram interrompidas em plena trama e no lugar delas se transmitiam versões sintéticas e requentadas de vale a pena ver de novo.

O planeta inteiro parecia exalar um odor de álcool em gel, mortal para o vírus tal como a espuma de sabão. O planeta parecia um baile triste de mascarados incertos. O planeta se tornou, por assim dizer, uma comunidade de iguais, porque todos tinham, diariamente, dois sentimentos comuns: a saudade e o desejo do encontro. Talvez isso tenha mudado as pessoas, mas não tenho certeza...

O planeta ficou menos frenético, mais silencioso, e a natureza respondeu a seu modo. Os sismólogos se impressionaram porque podiam ouvir sons inaudíveis até então e prever movimentos sutis nas entranhas da Terra. E vulcões que hibernavam há décadas, um deles há mais de 800 anos, coincidência ou não, começaram a se agitar. Se é fato que tudo tem relação com tudo, essa dialética implacável pode explicar as mudanças da natureza – provocadas por outros movimentos, pela ausência deles, pela quietude.

As limitações amplificaram tudo quase. Afetos, carências, projetos. Por vezes mostraram os escondidos sob o tapete. Causaram não só abstinências, mas *overdoses* também. *Overdoses* até de abstinências... Estar só era desejo de muitos, estar junto com outros, diferentes, era desejo de todos.

O passado se engrandeceu e invadiu a vida como uma onda, assim como invadiu a vida a aguda certeza de que o futuro já não era mais o de antigamente. Isso ocupou, sem êxito, o espaço da dúvida, insuportável para muita gente.

Para o bem e para o mal, foram tempos de fertilizar possíveis e de parir inéditos.

Talvez possa, a princípio, parecer estranho, mas este mundo bom de viver que vocês hoje habitam nasceu, prematuro, desse atalho da história imprevista.

E, como dizia um escritor alemão do Século XX – Bertolt Brecht – em seu poema histórico *Aos que virão depois de nós*, “vocês, que vão emergir das ondas em que nós perecemos, pensem, quando falarem das nossas fraquezas, nos tempos sombrios de que tiveram a sorte de escapar”. Isso mesmo. Pensem. Não fôssemos nós nesse tempo, vocês não seriam vocês aí agora, é esse o fato.

Por fim, é preciso dizer que esta carta conta uma versão parcializada da história toda. Algumas categorias

profissionais, por exemplo, trabalharam tanto, tanto, tão mais do que sempre, que quase não tiveram chance de viver o lado fértil dessa experiência. E os pobres – os bem pobres mesmo – não tiveram mudança expressiva na vida, a não ser para pior, como sempre acontece, aliás. Muitos nem tiveram chance de transgredir os arranjos domésticos, pois sequer tinham casa para morar.

As novidades culturais, entretanto, nem sempre dependem da maioria. Geralmente basta a existência transformada de alguns grupos para que se transforme a existência de todos.

O que conto aqui é para que vocês conheçam episódios dessa história pelas impressões de alguém que esteve dentro dela, e para que possam pensar no quanto a vida é uma surpresa, às vezes. E o quanto é preciso praticar a sabedoria de vivê-la como se, de fato, não houvesse amanhã.

Saudações fraternas,  
Rosaura Soligo

PS. Vocês podem não acreditar, mas teve gente que viveu no centro disso tudo e achou que não era bem assim. Uma gente estranha que demonizava a ciência, endeusava o mito e afirmava que a Terra é plana. Sim, essa gente existiu um dia.





## PELO REGIME ESPECIAL DOMÉSTICO

Viviane de Souza Rodrigues<sup>1</sup>

Nunca me deparei tanto com os termos “ensino *on-line*”, “ensino EaD”, “*homeschoolling*”, “ensino remoto”, “regime especial domiciliar de ensino”, entre outros. O termo para mim, como mãe e docente, secundariza-se diante do desafio doméstico do distanciamento social e da própria manutenção da vida.

Observo que a pandemia pelo Covid-19 se alastra letalmente em nosso país e me pergunto qual o sentindo de colegas professores trabalharem diuturnamente, em suas casas, envoltos num processo de ensino-aprendizagem que sequer acreditam ser de “qualidade”. Por outro lado, ouço famílias tendo que fazer um esforço sobre-humano para lidar com atividades conteudistas, com as preocupações de contaminação pelo vírus e com a manutenção das fontes de sobrevivência.

Estes rompantes reflexivos vão se tornando cada vez mais raros na minha pesada rotina que envolve o distanciamento social. No primeiro dia, logo pensei no tempo que poderia dispor para colocar todas as pendências em dia. Sou a professora típica que sempre tem uma espécie de quartinho da bagunça para arrumar! Há muitas pendências de planejamentos, leituras, textos, pesquisas, entre tantos outros a fazer. A minha empregada ficaria com as crianças e eu enfim organizaria o meu trabalho. Ainda bem que a nuvem negra do espírito capitalista logo foi

---

<sup>1</sup> Viviane de Souza Rodrigues. Doutora em Educação, UFF. Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. E-mail: vivi\_srodrigues@yahoo.com.br

embora. É lógico que a minha ajudante também teria o direito de se isolar. Mas ainda me restava uma esperança. Nas tardes de sono das crianças, eu me dedicaria minimamente ao meu ofício. Doce ilusão, como diz minha mãe!

Na primeira semana, a irritabilidade tomou conta de nós três, eu, José, de 1 ano e 7 meses, e Maria Clara, de 4 anos. Meu esposo, lá nos EUA, com volta anteriormente programada para o início de maio. Havia longínquas possibilidades de conseguir voltar para o Brasil frente aos escassos voos. Por outro lado, isso significaria o retorno aos seus vínculos empregatícios como enfermeiro. Um na ambulância do Serviço de Emergência Médica e o outro no CTI de um grande hospital. Infelizmente, não há a opção de ele não trabalhar neste momento. Ou seja, percebi que de fato ele poderia voltar para o país, mas não para nossa casa. O medo de imediato invadiu minha mente. Medo de o meu esposo trazer o vírus para o meu José, com problemas respiratórios, ou para os meus pais, com comorbidades, já que residimos no mesmo “quintal”. O jeito era ele estar aqui, mas ainda longe de nós. Pensei por alguns dias e a difícil conclusão foi que a distância maior geográfica seria a mais segura. Assim vivemos: ele lá e nós aqui.

A constatação, depois das duas primeiras semanas, de não ter conseguindo fazer nada das minhas pendências da universidade, me causava um sentimento de improdutividade. Comecei a pensar que as noites mal dormidas estavam influenciando meus sentimentos. Sim, depois dos quatro primeiros dias do isolamento, meu filho passou a ter muitos despertares noturnos. Além disso, aquelas tardes não estavam sendo como planejado: era o momento de realizar os afazeres domésticos que se acumulavam e, aos poucos, quem sabe depois, fazer as tarefas docentes. Dei-me conta de que deveria focar nas urgências das tarefas de cuidado como mãe, do serviço

doméstico e do trabalho docente. Porém, no dia seguinte, recebo um comunicado que o trabalho remoto como docente passaria a ser controlado. Sim, no contexto societário em que vivemos, a exigência de um plano de trabalho, aliado a um relatório de atividades desenvolvidas, geram o controle e a subjetivação pela produtividade.

Cada dia que passa, a exaustão física e mental aumenta. Controlo ao máximo os instintos latentes no trato com as crianças, mas comportamentos explosivos são inevitáveis. A frustração de não conseguir materializar meu conhecimento sobre o acolhimento infantil e a saúde mental bate a minha porta.

Mãe, você está triste? Mãe, você vai morrer? Mãe, o Bolsonaro que está fazendo isso? Ainda tenho que lidar com o delicado contexto da pandemia. A Maria Clara está com medo. O pai está muito longe e sua volta já era muito esperada. A comemoração de seu aniversário seria com o retorno do pai em maio. Ela está atenta ao cuidado com os avós que estão mais vulneráveis neste momento. Minha aflição com o contexto sociopolítico também é perceptível por ela.

Se posso dizer que a rotina intensa tem um lado bom é que não me permite pensar muito: comida, fralda, desfralde, “mamá”, vassoura, quintal, brincadeira, ninar etc.

Ainda tem o ensino remoto para a Maria Clara. Ah! Esse de fato ficou para trás. Ela não quer aprender as vogais e os números pelos vídeos ou fazer as atividades impressas. Ela quer brincar. Que alívio! Eu também não quero! Quero que minha filha se ocupe com aquilo que move a sua vida: o brincar livre.

Os dias estão pesados e afetam a saúde mental e física. O que alivia são os momentos inusitados das crianças: novas descobertas, saltos no desenvolvimento, gargalhadas, piadas sem graça, faz de conta...

Fico nos meus *insights*, refletindo como ainda estou numa situação de certa forma confortável. Eu tenho uma casa, uma despensa abastecida, brinquedos, internet, quintal, água potável etc. Percebo, cada vez mais, que a pandemia escancara as desigualdades sociais existentes. Traz à luz a exploração capitalista ao trabalho feminino, no qual se inclui o trabalho doméstico. Aprofunda a exploração pelo trabalho docente através de sua precarização, flexibilização e intensificação. Já li muito sobre o assunto e até poucas vezes me aventurei em escrever. Estes dias têm me levado a pensar mais sobre esses assuntos. Como está a vida dos meus colegas durante o distanciamento social? A conta não fecha: como professores, particularmente com filhos, sem rede de apoio, estão conseguindo realizar o trabalho remoto? A resposta eu mesma tenho: adoecendo mais ainda, nós e nossa família. José, depois de passado uns vinte dias do isolamento, não come direito. Busco respostas no nascimento dos dentes, na alergia. Contudo, chego à conclusão de que não é nada disto. Maria Clara “desobedecendo” o dia todo, não quer dormir quando o dia acaba, somente quer brincar com a mamãe. O ciclo do dia é: “agora não”, “por que está chorando de novo?”, “mamá, não” e assim vai. Os cabelos da matriarca estão perdidos por toda a casa e não há vassoura que dê conta. A pele dos pés e das mãos começa a descamar. O apetite fica seletivo. O colo oferecido fica embrutecido. O leite começa a secar. É o fato de estarmos trancados - meu argumento. Na verdade, em minha mente, a mensagem durante todo o dia é: você não está dando conta do seu plano de trabalho docente.

Eu queria que houvesse, para mim e os demais na mesma situação, um regime especial de trabalho. Eu queria que o meu patrão me possibilitasse o direito ao pleno cuidado com a minha vida e a dos meus, como eu pude

oferecer a minha empregada. Eu queria exercer a docência junto aos meus alunos me solidarizando a entender a dinâmica social que eu e eles estamos enfrentando. Eu queria me solidarizar com as perdas dos meus amigos, dos colegas de trabalho e de meus alunos. Eu gostaria que minha maior preocupação agora fosse o Covid-19 e não o fantasma da produtividade docente.

Eu queria usufruir o direito ao regime especial de trabalho doméstico! Eu queria exercer uma docência saudável e mais potente junto à sociedade quando tudo isto passar, tecendo novos rumos pedagógicos para nossa vida social!

A docência exige lucidez e saúde plena!

"Não quero voltar à normalidade preexistente, pois de normal ela não tem nada!!!" (Ana Dantas)

"Esperançar é imperativo!", lembraria Freire (2002), mesmo que, no contexto atual, esteja bem difícil..." (Guilherme Prado)

"A pandemia deixou de ser um conjunto de informações, passou a me atravessar na carne, senti dores, as dores do mundo, as minhas, das populações vulneráveis..." (Inês Bragança)

"Tenho me organizado nesses tempos de pandemia para essas novas 'balbúrdias' à distância." (Márcio Vianna)

"O planeta inteiro parecia exalar um odor de álcool em gel, mortal para o vírus tal como a espuma de sabão." (Rosaura Soligo)

escrita

hist...

resist...

sent...

normal...



ISBN 978-65-5869-007-8



9 786558 690078 >